

O camine por las Sirtes
 Abrazadas del Estio,
 O el Caucafo inhabitable
 Penetre con pié sencillo;
 O bien pize los horrores
 De los formidables ríscos,
 Que undoso lame el Hydaspes,
 Antes de bezar el Indo;
 Que entre los mayores ríscos
 Camina bien defendido,
 El que vá con la innocencia,
 Que es virtud fin inimigo.

L I Ç A M VIII.

Da Nobreza.

HE a Nobreza huma claridade herdada dos maiores, hum esplendor derivado dos ascendentes, hum louvor nascido dos me-

recimentos dos pays, huma honrabilidade derivada dos progenitores, huma virtude antiga dos avós, como lhe chamou *Aristoteles*: *Nobilitas est virtus, & nobilitas antiqua*: huma riqueza continuada, huma qualidade, ou dignidade, que provém de esplendor do sangue, e toma sua origem dos maiores, continuada nos filhos legitimos: huma qualidade honorifica da geração, e sangue, que desce dos progenitores para os filhos legitimos e naturais, ou naturais íomente; porque assim como os ramos da arvore se alentaõ do humor attrahido do tronco, assim (diz Virgilio) a nobreza do sangue dos maiores dá o honorifico aos descendentes:

*Qui viret in foliis venit à radicibus humor,
 Et patris in natos subeunt cum sanguine mores.*

A nobreza se divide em hereditaria, e adquirida: a hereditaria he a que até agora definimos: a adquirida he huma qualidade dada pelo Principe, pela qual se exceptua a pessoa, a quem o Principe a deu dos plebéos.

Graduada está em primeiro lugar dos bens da fortuna a nobreza, ainda que a vida se conte nelles: no que são conformes Philosophos, e Jurisconsultos; porque em menos tem o homem perder a vida juntamente com a fazenda, que a honra; assim disse *Tullio* no *lib. de Amicis*. achar-se há quem dê por seu amigo a fazenda, e a vida, mas não quem perca por elle a honra,

Dat opes homini Deus, sibi poscit honorem:

Ergo divitiis anteferendus honor.

Que traduzio D. Francisco de la Torre nesta fórma:

Da al hombre Diós com largueza

La riqueza, y pide honor

Para si: luego es mejor

El honor, que la riqueza.

donde se infere, que a nobreza, se he virtuosa, o que se acha em poucos, segundo *Aristoteles*: *Nobilitas, & virtus in paucis invenitur*, se deve antepôr na estimação à vida, e quanto às riquezas, he questaõ sem duvida, e a explicou Wem elegantemente em fórma de argumento, para que se houvesse algum homẽ taõ ambicioso de riquezas, q pelas adquirir, não reparasse na jactura da honra, e da nobreza, vivesse defenganado de q alcançava pouco com as riquezas, quando pelas accumular perdia a honra:

Naõ dês aos estranhos tua honra, disse *Salomão* no *cap. 5. dos Proverbios*, e *S. Paulo*, que antes daria a vida, que a honra no *Cap. 9. Epist. 1. ad Corinthios*; doutrina, que tomou de seu Meitre Christo Senhor nosso, que primeiro havia dito por *Isaias c. 42.* que não

naõ daria a outrem a sua honra; e por isso he a nobreza entre todas as naçoens muy estimada, porq̃ della nasce a honra, que he huma reverencia à dignidade, que segue a nobreza, e he premio da virtude, segundo Santo Thomaz.

Della nasce o presumirem-se sempre adornados de bons costumes os nobres, como escreve o Jurisconsulto na ley *Quod si* 31. §. *si mancipia* 21 ff. *de edilitio edicto*, porque tem em si, como escreve *Senec. Epist.* 39. hum animo generoso, que concita, e estimula a obrar bem. A nenhum homem nobre contentaõ as facçoens humildes, mas sempre anda occupado na consideraçaõ de couzas grandes, em que de ordinario se emprega com o mayor empenho. Naõ parece possivel obrar mal, a quem nasceo bem, porq̃ de geraçaõ difficultosamente os nobres da geraçaõ de seus mayores, cujas acçoens trazem sempre impressas na memoria, para as seguirem como nortes. Saõ os filhos, na censura dos Juristas, hũa mesma pessoa com seus pays, por decisaõ do texto na ley *fin. Cod. de impuberum*, huma porçaõ de seu corpo, como diz a ley *Sancimus* 21. *Cod. de Agricolis*: huma mesma carne, e hum mesmo sangue, por sentença de *Justiniano* no §. *ei vero Instit. de inutilibus stipulationib.* e por isso tem taõ unidas as glorias, e as infamias, que mutuamente as communicãõ sem differença, como escreve *Salomaõ* no *cap. 3. do Ecclesiast. vers.* 12. e 13. Saõ os pays regra, pela qual se medem os costumes dos filhos, como sente *Escobar*; e fóra das regras da natureza vai o filho, que differe na similhaçaõ do pay, escreve *S. Joaõ Chrysostomo* homilia 43. e 45. in *Divum Mattheum* cap. 23. e por isso justamente se espera, que os filhos de pays nobres correspondaõ muy iguais à nobreza, que herdaraõ no sangue com que nasceraõ. Perderá hum nobre mais facilmente a vida, os bens, e todas as

riquezas, e felicidades della, do que obrar huma acçaõ, que naõ condiga com a nobreza, que herdou de seus mayores; disse *Senec. lib. de Morib.*

He a nobreza a que ennobreçe as Cidades, e os Reynos, como disse *Cicero pro Sexto*: he a que defende os Reynos, e sobre quem carrega o pezo da guerra, como disse *Lycurgo*, naõ consistindo a nobreza, e defeza das Cidades tanto no numero dos moradores, como na nobreza delles, como ensina *Salomaõ* no *cap. 14. dos Proverbios vers.* 28. porque costumaõ as virtudes ser parto de huma antiga nobreza, segundo *Aristoteles Rbetor. lib. 2. cap. 12.* que excita os vindouros com o exemplo dos passados. A multidaõ muitas vezes falta, em quanto a fortaleza dos poucos vence; e por isso he melhor hum nobre virtuoso, que mil impios, como se lê no *cap. 16. do Ecclesiastes*; melhor hum com justiça, que muitos com maldade, como se lê no *Cap. 16. dos Proverb. vers.* 8. melhor he ter poucos bons, fieis, fortes, que muitos timidos, disse *Sócrates de Pace*. Naõ he mais felice a Cidade, que tem mais moradores, mas a que tem mais nobres. Os Reynos em tanto se accrescentaõ, em quanto florecem nos Cidadãos os bons costumes, e a nobreza, origem de todas as virtudes, conforme *Aristoteles lib. 3. Politicorum cap. 3.* Os Reys, fontes da nobreza, entaõ saõ mais estimados, e honrados, quanto tem vassallos mais nobres, diz *Cassanêo* no *Catalog. da gloria do mundo* 2. p. *consideraçãõ* 19. Naõ saõ mais ricos os Reys, que tem mais tributos, e rendas, mas os q̃ venturosos lograõ vassallos nobres, e fieis, que mais conduzem para a constituiçaõ de huma Real Coroa, que todas as rendas, disse *Cassanêo*, e que soldados allugados por dinheiro, porque costumaõ faltar quando os mais necessitaõ.

Daqui procede dizerem os Juristas que importa à Republica, que o estado

do, nobreza, e estimação dos Cidadãos se conserve, e seja intacta, não só de macula, mas da lingua dos murmuradores, e que gozem pacificamête suas honras, e luzente opiniaõ, e que sejam estimados, e honrados dos Reys pela utilidade, que dos nobres resulta aos Reys, e aos Reynos, e ser louvavel a ley, que prohibe, que casem com gente maculada, ou mechanica, porque se não converta em damno da Republica, e das familias o sangue maculado.

E tambem devem ser os nobres de justiça preferidos nos cargos, e officios nobres da Republica aos humildes, porque attendendo mais por si em o que obraõ, são mais fieis aos seus Reys, são mais valorosos, desinteressados, e amigos da honra; pelo contrario os mechanicos olhaõ menos por si, e por isso menos fieis, menos valorosos, mais ambiciosos, timidos, covardes, soberbos, com qualquer vento, que lhes sopra, desconhecidos de si mesmos, e dos mais, a quem trataõ com menos cortezia, menos affabilidade, e mais aspereza: falta-lhe a authoridade, falta-lhe a confiança para emprenderem, conseguirem os effeitos que procuraõ; e sobre tudo a justiça deve ser igual nos cargos, e nos encargos, e não terá igualdade, se nos cargos não preferir os nobres aos humildes; porque sendo aquelles os que honraõ, defendem o Reyno, sustentaõ, conservaõ a authoridade do Principe na paz, e na guerra, e sempre os que se achaõ primeiro para os encargos da Republica, será desigualdade, que não sejam preferidos a estes, que não servem na Republica mais que para fazerem numero.

Entre os nobres de geraçaõ, e os nobres de privilegio devem sempre preferir aquelles a estes, porque a nobreza tanto mais antiga, quanto melhor, e sendo mais antiga a hereditaria, que a adquirida, he sem duvida, que os nobres de geraçaõ são mais

nobres que os de privilegio. A nobreza de sangue he mais prestante, e honoravel, que a adquirida: logo devem ser com justiça a estes preferidos que como arvores, que tem as raizes à flor da terra, facilmête se trocaõ em troncos inuteis. A nobreza hereditaria funda-se na natureza do sangue, e a adquirida em huma razaõ publica, mêmement artificial, e sendo mais nobres as obras da natureza q̄ as das artes, o são tambem os nobres por natureza mais, que os por artificio. Os Principes, ainda que fação nobres, não podem com tudo mudar-lhe os nascimentos verdadeiros, e naturais, nem se estende o seu poder a fazer de hum plebêo nobre verdadeiro. A nobreza adquirida he como a pintura, q̄ sendo cores, representa corpo, parecendo a que não he, e sendo a que não parece; e por isso assentaõ os Juristas, que quando as leys, ou Estatutos requerem nobreza para o exercicio de hũ officio, se haõ de entender da hereditaria, e de nenhuma maneira da adquirida, se nelles se não fizer expressa mençaõ, segundo *Escobar de puritate sanguinis questione 4. §. 5. n. 14.*

Ventilaõ os Politicos, se são mais aptos para os cargos os nobres, que os humildes? Resolvem huns a favor da nobreza, outros a favor dos humildes: fundaõ-se aquelles nas razoes, que ficaõ ponderadas, e estes, em que os humildes pertendem illustrar-se com merecimentos proprios, como fez Servio Tulio, que sendo filho de huma escrava, se vio Rey de Roma, representando tanta magestade, como se fosse filho de pays illustres; Lamicio, que sendo filho de huma dama publica, foi segundo Rey dos Lombardos; Pelismão, que sendo filho de hum Lavrador, foi terceiro Rey de Bohemia; Tamorlaõ, que de filho de hum Pastor se vio coroado Imperador de toda a Persia; Maximo Papiano, que sendo filho de hũ Ferreiro

foi

foi Imperador de Roma; Wamba nosso Lusitano, que passou do arado para a Coroa de Hespanha; Julio Licinio, filho de hum Lavrador de Dacia empunhou o Sceptro Imperial de Roma; Traquinio Prisco, filho de hum Mercador, indo a Roma desterrado de Corintho, occupou nella a authoridade de Rey; Abdolomio, tirado do arado para Rey de Sidonia; Eumenes Cardiano, que sendo filho de hum Almocreve, chegou a contar-se entre os successores de Alexandre

Magno; Arsarces, de pays desconhecidos, foi o primeiro Rey dos Partos; Diocleciano, de filho de hum Tabelliao, chegou a ser Imperador de Roma; Agatocles, de filho de hum Olciro, empunhou o Sceptro de Rey do Egypto.

Mais, q a nobreza naõ consiste no nascimento, mas nas virtudes; porque naõ he nobre aquelle, que teve a sorte de nascer bem, mas aquelle, a quem ennobrecem as virtudes: prova-se isto com o que disse Juvenal:

Tota licet veteres exornent undique Cerae.

Atria, nobilitas sola est, atque unica virtus.

Stemata quid faciunt, quid prodest, Pontice, longo

Sanguine censeri, pictosque ostendere vulcus

Maiorum-----

Com Sócrates, e Demócrito, que perguntados q cousa era nobreza, e em que consistia, refere *Estobéo Serm. 84.* que o primeiro respondera, que era huma boa temperança d'alma, e do corpo; e o segundo que dissera, q assim como a nobreza dos gados estava situada no bom, e poderoso habito do corpo, assim a dos homens na bondade dos costumes: com Diógenes, a quem fazendo-se a mesma, diz *Estobéo no mesmo Serm. 84.* que respondera, que os que desprezavaõ a gloria das riquezas, e a vida, e os que se

mostravaõ superiores à pobreza, fome, trabalhos, e morte: com Laercio, que no *lib. 6.* escreve, que Amisthines dizia, que só eraõ nobres os que floresciaõ nas virtudes; porque nellas possuiaõ o mineral, donde nascia a nobreza: com Tulio, que afirma, que a verdadeira nobreza naõ ha de ser herdada, nem adquirida por infortunio de outro: *Verus est honor, qui nec ex maiorum commendatione, nec ex alterius calamitate sit affecutus:* com aquelle Poeta, que poz a essencia da nobreza na virtude, e no engenho:

Non tibi census, nec clarum nomen avorum,

Sed probitas, magnum ingeniumque facit.

Com Aristóteles, que diz que a substancia da nobreza está em ser virtuoso, e esforçado: *Virtus, & militia determinat nobiles, & ignobiles, servos, & liberos:* com Demócrites, que disse, que só era nobre o que era bom, e que naõ merecia os foros da nobreza o que naõ correspondia justificado no procedimento, antes o que degenerava das virtudes, se devia haver como mechanico, ainda que procedesse de melhores pays

que o mesmo Jupiter: *Bonus vir mihi videtur nobilis, qui vero non justus est, licet à patre meliori, quam Jupiter ipse genus ducat, ignobilis mihi videtur.* Com Tiraquello de nobilit. cap. 4. n. 6. aonde diz, que a differença da mayor, e menor nobreza se derivou das virtudes, das letras, e das armas, e naõ do nascimento; para o que refere huns versos muito conformes ao intento:

*Si pater est Adam, si mater est Heva,
Cur sumus haud omnes nobilitate pares?
Degenerant homines vitiis, fiuntque minores,
Exaltat virtus, nobilitasvè genus.*

Finalmente com o que refere *Estobéo Serm. 84.* de Anacharsis, a quem chamando-se por injuria Scythia, arguindo-se-lhe neste nome as faltas do seu nascimento, respondera, que se era Scythia por geração, não o era no engenho, e nos costumes, querendo significar, que a verdadeira nobreza não era aquella, que trazia sua origem dos pays, mas a que tinha o seu nascimento nas virtudes proprias; o que tambem foi sentença de *Seneca: Nemo gloriari nisi suo debet.* Concorde tambem o que se escreve de *Theócrito*, que ouvindo gabar hum homem pela nobreza de seus progenitores, o reprehendera gravemente dizendo: *Naõ haveis de julgar por nobres, e generosos os que procedem de huma illustre geração, mas os que anteciparem a todas as cousas as virtudes.* Lançando-se no rosto a *Cicero* a humildade de seu nascimento, escreve o mesmo na *Oração contra Sallustio*, que respondera, que lhe estava melhor ser claro, e illustre por suas obras, e viver de forte que fosse o principio da nobreza, e o exemplo das virtudes a seus successores, do que usar da opiniaõ de seus mayores. Na *Epistola 44. ad Lucillum* diz *Seneca*, que o bom entendimen-

to a todos está patente, todos para isto são nobres: a *Philosophia* a nenhum engeita, nem escolhe: mas para todos luz. *Sócrates* não foi patricio, *Cleantes* foi aguadeiro, e regando húa horta, allugou suas mãos: a *Plataõ* não recebeu nobre a *Philosophia*, mas fello, querendo ensinar nisto, que a virtude, e não o nascimento he a mais verdadeira nobreza; porque como escreve *Dionys. lib. 3.* a nobreza humana em nenhuma outra cousa consiste, se não na virtude: logo sendo os humildes virtuosos, devem ser procurados para os postos.

Antes que respondamos a esta questaõ, he de advertir, que assim como ha nobres, que nascem de nobres, assim tambem ha nobres, que nascem dos que o não são, e ha vis, que nascem de nobres: os primeiros são os que conservaõ a nobreza, herdada com a generosa imitaçaõ de seus passados, não havendo nesta especie de nobreza outra cousa boa, no sentir de *S. Jeronymo*, se não huma certa precisaõ com que estão obrigados, os que a tem, a não degenerar das virtudes de seus mayores, tomando por exemplar de suas obras as acçoens virtuosas de seus ascendentes, como refere *Virgilio*:

Disce puer virtutem ex me, verumque laborem:

Tu facito mox cum matura adoleverit aetas.

Sis memor, & te animo repetentem exempla tuorum,

Et pater Aeneas, & avunculus excitet Hector.

Nobres, que não nascem de nobres, são aquellos, que adquirem por seus merecimentos o lustre, e a estimaçaõ, e não havendo tido progenitores a quem imitar, deixaõ glorioso exemplo, que imitem seus descendentes. Destes tomou principio a nobreza an-

tiga, que herdaraõ os outros, e venera a commum estimaçaõ: e pois basta a ajuntar-lhes respeito só a dita de herdalla, com que razaõ se poderá negar aos que tem a gloria de merecella?

Verdade seja, que contra todas

as regras da prespectiva em o Phisico succede em o Moral, que as acçoens illustres nos parecem menores, quando as vemos de perto à luz clara do tempo presente, e muito mayores quando por entre a sombra confusa da antiguidade, as advertimos desde longe; (equiçá se nos propoem como hum Gigante, o que foi hum Pigmeo) e esta sem duvida he a causa de que os successores do primeiro, que adquirio a nobreza, logrem mais estimação, que o mesmo, a quem a devem. Porém esta qualidade de ser antiga (que he a q̄ aperfeioa) ninguem lha póde dar se não o tempo, porque elle só basta a purificalla das imperfeioens, que finge a enveja no sujeito que vê crescer. Além de que, em verdade ninguem vive sem defeito, e a nota leve, que então advertida, abate o lustre das acçoens grandes, esquecida depois, deixa livre a memoria do glorioso. Não se póde negar, que lhe fazem esta ventagem os nobres, que nascem de nobres, aos que nascem dos que o não são, e por si o adquirem.

Vis nascidos de pobres são aquelles, que desprezando vergonhosamente as obrigaçoens com que nascem, obscurecem com a vileza de seus costumes o reiplendor que herdaram, a cuja claridade se vêm, e se notam mais os vicios, e os defeitos. Porque julgais que se estima o potro de casta, antes de experimentar suas obras? Não por outra razão, se não porque em o natural se espera, que haja de parecer-se a seus pays; porém se não sahisse assim (como talvez succede) se não que em tudo obrasse como hum rocim villaõ, e não como cavallo generoso, parece-vos que lhe bastaria ser filho do Bucéphalo de Alexandre, e da Egua, que mais houvesse ennobrecido os campos de Santarem, prefilhando ao ar a fecundidade, para que o aprecie a nossa estimação? Quem se atreveria a appre-

sentallo ao Principe, em fé de que tinha vis obras, ainda que era filho de nobres pays, se já não fosse para mostrallo como monstro da natureza, fazendo-o famoso a mesma infamia? Tanto se envilecem os que degeneram!

Com que esta felicidade de ser nobres, não he tão de todo dada da natureza, que não a possa adquirir aquelle a quem a negou, e aquelle a quem a deu, perdella. Tudo cabe em a mudança do tempo, e condição das cousas mortais. Tende pois por ridicula, e vãa, a jaçtancia do que ostenta inveterada nobreza, acrescentando seculos, e mais seculos à sua origem, em quanto a não acreditarem suas acçoens, pois se funda mais em o esquecimento alheyo, que em o merecimento proprio; porque sobre serem todas as cousas antigas muy confusas, o he mais que todas a serie das successoens, com que se jaçta de antiguidade inexplicavel de sua ascendencia, porque se não faz mais nobre, antes menos conhecido, e menos lembrado.

Todos temos huma mesma origem: hum he o Pay do genero humano: (se não he que a vãa temeridade de algum se atreva a dizer, que baixou do Céu o que deu principio à sua nobreza) huma he a fonte de todos, só nos distinguimos, em que a huns chega transparente, a outros turva; porém he de tal sorte mudavel, que a que hoje correo clara, se torna á manhã obscura, e a que obscura, clara; accidentes, que participa dos mineraes por donde se espalha, e divide; e assim quando discorremos da qualidade, não se duvida da fonte, se não dos mananciaes por donde tem corrido. Com quanta verdade disse Plataõ, que não ha Rey, que não descenda de servos, nem servo, que não descenda de Reys. A roda das cousas mortais he muito grande, por cuja razão faz tão lar-

go circulo, que não podemos perceber todo em a brevidade de nossa vida. Se assim não fora, alcançariamos a ver os arados dos Reys, e as Coroas dos Lavradores.

Queremos fazello patente com esta demonstração Arithmética. Em chegando a onzenos avós por todas as linhas (que podem caber em pouco mais de trezentos annos) se contaõ oito mil cento e noventa avós em a geração de cada hum; faça agora o mais vaõ, que se lhe ponhaõ diante todos os seus, fazendo o papel que representaraõ em o theatro desta vida, e não deixará de envergonhar-se vendo as baixeças de alguns, por mais que se desvaneca a olhar as dignidades de outros; porque não será prodigio, que entre oito mil avós ache o mais Principe alguns humildes, e plebéos; nem o mais plebéo encontre alguns Principes: e isto não mais que no circulo de trezentos annos.

Deste conhecimento quizera-mos que tirasseis estimação para todos; de forte, que não façais menos caso dos nobres, ainda que chegueis a saber, que tem algum ascendente humilde; nem desprezeis os humildes, porque não deixaõ de ter algum ascendente nobre. E nem por isso vos dizemos, que haveis attender a todos com igual estimação, se não que a nenhum se ha de desprezar. O primeiro seria delicto de indiscripção, o segundo soberba: hum, e outro vituperavel.

Em todas as geraçoens, sem reservar a mais soberana, se as inquiris por alguns seculos, e por todas as linhas, achareis (mais, ou menos apartada, mais, ou menos leve) alguma sombra de desigualdade, que ha ficado vencida aos reflexos, que a cercaõ de mayor lustre. Esta a sabem os curiosos, a murmuraõ os maldizentes, e a desprezaõ os entendidos: sabem-na os curiosos, porque nada

ha que a seu desvelo, e applicação possa esconder a antiguidade, nem o esquecimento; murmuraõ os maldizentes, porque de ordinario saõ tais, que achando-se notados de mayores faltas, pensaõ acreditar as suas graves com publicar as leves dos outros; desprezaõ-na os entendidos, porque ouvindo com cautela, e entendendo com juizo, sabem o que se ha de admittir, e o que se deve reprovar.

Nem vos quizera-mos maldizentes, nem curiosos, quando se offereça discorrer em similhantes faltas de geraçoens alheyas: entendidos, e acutelados vos quizeramos sempre, e cuidadosos de escufar esta conversação, como qualquer outra offensiva dos auzentes; porém se vos virdes obrigados a fallar da vossa geração, olhai não vos arrojeis a fingir nella fantasticas chiméras de vaidade; porque pensando adquirir estimação, grangearéis desprezo; e em o que buscais applauso, achareis rizo, quando não patente, dissimulado; porque ha pessoas, que em se fallando em nobreza, não ha arvore, em que não tenhaõ sua folha, sem o reparo, que naturalmente he offensiva a vangloria da jaçtancia, e da curiosidade de averiguar, se o vir-se taõ frequentemente aos beiços, ou he porque não póde dirigilla o estomago, como de ordinario he usual, que os manjares grosseiros lembrem à boca que haõ feito assento em o estomago, como disse hum discreto; ou porque de ordinario, lembra mais o de que mais se necessita, como cantou outro nos proprios termos de que tratamos:

Mojar en qualquier grandeza

Es honrada goloçina;

Que haze la sangre muy fina

El hartar-se de nobleza;

Mas, si se advierte, es baixeza

Con tanta ancia apeteçella:

Que aun es blazon pertendella,

Si a la experiencia se escucha,

Ffij

No

No debe de sobrar mucha
Al que está con hambre della.

Justificado castigo he o que de ordinario padecem estes, em lembrarem sómente para os desprezos, pois elles sempre se tem em memoria para os louvores: muito pedem em tanta carestia de quem louve, que haja quem vendo em suas bocas elogios continuos, carregue sobre seus gabos, e encarecimento, louvores, quando se ficão tantas acçoens dig-

*Narrent de te alii; proprio sordefcit in ore
Gloria; si taceas, plus tibi laudis erit.*

Que traduzio em idioma Hespanhol D. Francisco de la Torre nas coplas seguintes:

Alabente otros, que en ti
Es impropria la alabança,
Y más gloria heroica adquires,
Quanto tu menos te alabas.

O que supposto, respondemos à questião proposta com esta distincão: ou os nobres de nascimento degeneraõ da virtude dos seus mayores, ou generosamente a conservaõ: no primeiro caso assentamos, que saõ melhores para os postos os humildes virtuosos, que os nobres viciosos; porque os que degeneraõ com suas obras da obrigaçãõ de seu nascimento, perdem a nobreza, que lhe grangeou o sangue de seus mayores; porque sendo a nobreza hum animo generoso, como diz *Seneca na Epistola. 37.* e no *lib. de moribus*, acabaraõ de ser nobres no mesmo ponto que deixaraõ de ser generosos. O mesmo he contrahir amizade com os vicios, que fazer divorcio com a nobreza, diz São Bernardo: naõ consiste esta mais que na opiniaõ, grangeada à força de bons costumes; e perdida esta, lá vai a nobreza aonde fica a opiniaõ, como escreve *Vivio na Introduçãõ da Sapi-*

nas do applauso da fama, sem que seu dono por modesto as publique, nem outros por envejosos as manifestem. O melhor meyo que ha para fazer fallar os outros, he callar, porque o silencio fará eloquentes aos que as suas vozes fizerem mudos. Naõ esperem gloriosas memorias de nobres em os outros, os que tomaõ à sua conta escreverem os annais, que eternizaõ sua fama, como ponderou Wem nos seguintes distichos:

encia. Naõ basta para ser rico o haver nascido de pays ricos, se nos filhos naõ continua a mesma riqueza; assim naõ basta para ser nobre o haver nascido de pays nobres, se nos filhos naõ se continua a mesma nobreza; e por isso disse bem o que disse, que he digno de lastima quererem estes gozar da boa fama, que grangearaõ seus mayores com virtuosas acçoens, naõ resplandecendo nelles obra alguma merecedora de bom nome: *Miserum est aliorum incumbere famæ.* De melhor partido estaõ os humildes virtuosos, que os nobres viciosos; porque nestes he grande deshonra naõ guardarem o que no sangue de seus mayores receberaõ; e naquelles he grande louvor fazerem o que no sangue de seus progenitores naõ herdaraõ: e por isso chegou a dizer Salustio, que era mais digno de louvor o q̄ principiava a honra, do que o que conservava a q̄ lhe deixaraõ seus ascendentes: *Peperisse nobilitatem, quàm acceptam non corrupisse, melius est;* e por isso pondo na cara hum nobre vicioso a hum humilde virtuoso os defeitos de seu nascimento, lhe respondeo este, que na sua pessoa acabava a humildade da sua familia, e começava a sua nobreza; porém que na sua acabava ao mesmo passo a nobreza da sua familia, que começava

meçava nelle a vileza ; porque sendo nobre por nascimento, e naõ resplandecendo nelle as virtudes, que deraõ o lustre a seus passados, de nada lhe servia a hereditaria nobreza quando a naõ conservava, e esclarecia com as luzes de seus merecimentos, adquiridos com as acçoens proprias, como elegantissimamente escreve *D. Bartholomeu Carrasco de Figueiredo* no seu *Templo militante 2. part.* na vida de *S. Basilio*.

Lo poco que merece, manifesta
 Quien busca en los passados,
 El valor, que le falta, y valentia ;
 Y es como el que se adorna en una
 fiesta

De vestidos prestados,
 Y al fin los buelve, y queda qual so-
 lia.

Quien tiene hidalguia,
 Muestralos en las obras,
 Y el que no la tiene,
 Obre como conviene,
 Pues argúe más animo, y grandeza
 Dar principio, que fin a la nobleza.

Conta *Panormitano lib. de rebus gestis Alphonfi*, que louvando em certa occasião hum Cavalleiro a El Rey de Aragaõ D. Affonso a sua grande nobreza, dizendo, q era Rey, filho, neto, e irmão de Rey, o interrompera dizendo, que naõ havia na vida cousa que elle estimasse menos, que aquillo mesmo, que elle tanto engrandecia ; porque aquelle louvor naõ era seu, mas de seus mayores, que com a justiça, e moderação lhe grangearaõ aquelle Reyno, que elle quizera antes haver conseguido à força de virtudes, que de direito do sangue. Naõ menos memoravel he o q refere *Eneas Sylvio de dictis Sigismundi, & Federici* de Humiades, que mandando chamar a Huidrico, Conde de Celiense, e respondendo-lhe, que elle sendo hum Conde Principe, naõ havia de ir buscar a hum homem novo, que o tempo ti-

nha feito nobre, lhe replicou, que se naõ comparava a seus mayores, se naõ a elle, com esta differença, que nelle se acabava a Casa Celiense, e na sua pessoa começava a Nestriense, e com effeito assim foi, porque de pobre aguador se vio Principe de Transilvania, e a seu filho Rey de Hungria. Aquelle he mais generoso no sentir de Seneca, q tem particular inclinação para a virtude ; *Generosior est ille, qui ad virtutem à natura bene compositus est* : as virtudes proprias levantarão a Quinto Cincinato de Lavrador a Dictador de Roma, em cujo tempo se estabeleceo por ley, que todo o pay q fosse bom, podesse desherdar o filho que na opiniaõ de todos fosse máo ; a Mário, filho de hum official mechanico, a ser sete vezes Consul de Roma ; a Vintidio Basio, que de Arriero veyo a ser Tribuno, Pretor, Pontifice, e Consul, triumphador dos Parthos : a Terencio Varraõ a Consul, e Dictador de Roma, sendo filho de hum Vendeiro : a Viriato, e Sertorio ; Capitaens Generais dos Portuguezes sendo aquelle filho de hum Pastor, e este de hum Barqueiro : a Elio Pertinaz, a Imperador de Roma, sendo filho de libertino Mercador.

No segundo temos por sem duvida, que de justiça deve ser preferido hum nobre virtuoso a hum humilde virtuoso ; porque sendo iguais na virtude pessoal, he superior o nobre na hereditaria, e nos serviços de seus mayores, que supposto na realidade sejaõ bens alheyos, na censura de Direito vem a ser o mesmo os serviços, e virtudes dos pays, que os serviços, e virtudes dos filhos ; porque o pay, e o filho se reputa pela mesma cousa : às mais antigas virtudes se deve o mayor premio, e mayor veneração, e os mayores serviços : logo mais merece o nobre, cuja ditosa vèa guarda a similhaça de seus mayores, que o humilde, que começa a merecer por suas virtudes, o que o nobre já tem

me-

merecido pelas de seus progenitores, e vai merecendo pelas proprias; donde veyo a dizer Platao, que ajusta-vaõ melhor as dignidades, e postos nos nobres, que nos mechanicos: *Consentaneum est in genere nobili, quam in ignobili ingenia esse.* A virtude nos nobres traz suas raizes de muito longe, e nos humildes muito ao perto; e assim estas facilmente tornarão ao que eraõ d'antes, e aquellas com difficuldade deixarão de ser o que sempre foraõ: porque, como ensina Aristoteles, facilmente se torna ao estado passado, o que tambem approvou Seneca, dizendo, q com facilidade se transplanta a arvore, que naõ tem as raizes muito pela terra dentro. A vèa noble sempre guarda sua origem, e entrega fielmente aos vindouros a mesma, que com gloriosa transmissãõ soube merecer; o q tambem disse o mesmo *Senec. Reddit semper ad genitores genus;* e o entendeo Cicero, que refere, q todas as cousas se propagaõ de tal sorte aos vindouros, q trazem sempre os vivos na imitaçãõ os primeiros principios de que trazem sua origem: *Abeunt omnia unde orta sunt;* e o humilde pelo contrario costume guarda, e entrega aos futuros a mesma, que recebeo em o nascimento, como escreve *Cassiodoro lib. 3.* O noble virtuoso vai dentro das regras da natureza, e o humilde virtuoso fóra dellas; e assim mais facilmente se continuará a virtude no noble, q no humilde; porque este como procede contra os impulsos de sua natureza, vai forçado, e naõ costuma durar muito o que he violento; e aquelle, como procede ajudado da natureza, vai voluntario, e sempre costuma permanecer o que a natureza se empenha a ajudar.

Bem conhecerão os Serenissimos Reis deste Reyno quanto importava à Republica o servir-se com nobres, pois estabeleceraõ repetidas leys, em que excluindo os mechanicos, convidão aos nobres; e naõ passa nelles sem

exame a nobreza dos que pertendem ser Ministros; mas os executores, a q se comette, costumaõ muitas vezes empenhar-se em fazer nobres aos que Deos fez mechanicos, naõ advertindo, que nem os soberanos Principes podem fazer nobres por geraçãõ aos que a natureza fez humildes por nascimento; nem tambem o damno, que se segue às Republicas, e prejuizo à nobreza, de que haõ de dar muita conta a Deos, em quem poem as mãos os que por respeito humanos procuraõ com falsidade emendar suas obras, quando tambem lha naõ peião os Principes da terra, a quem gravemente offendem os q em prejuizo de suas leys desvanecem seu santos, e justificados intentos.

He a nobreza taõ appetecida de todos, que nos pareceo desnecessario persuadir sua estimaçãõ; mas ha nesta tanto excessõ, que nos sentimos obrigados a advertir, que naõ he necessario ao que he noble, fazer-se prego-eiro de seu nascimento, nem que ponha o preço às suas proprias virtudes, parecendo-lhe, que faltaráõ linguas, que publiquem seus louvores, e que o clarim da fama naõ publicará com repetidos éccos o applauso de seus merecimentos, porq tendo estes testemunhas de vista, que os abonem, tambem terá a fama vozes com que os manifeste: seja o nascimento luzido, e augmête-se com o resplendor das acçoens heroicas, que por conta da fama corre o applaudillas, e o fazellas patentes por todo o mundo, que com ser grande, fica sendo pequena praça ao entoado écco de suas vozes.

Concluimos, que os nobres devem ser de justiça preferidos aos mechanicos nos cargos honorificos das Republicas, e q naõ ha nobreza sem virtude; porque esta, como escreve Plutarcho no livro que fez contra a nobreza, naõ he outra cousa mais, que húa riqueza antiga, e húa gloria velha, e nem huma, nem outra está na nossa

maõ;

maõ; porque a primeira está no arbitrio da fortuna, e a segunda na do Povo, se a huma, e outra se não ajunta a virtude, a qual nem a fortuna, nem o Povo pôde contrastar.

L I Ç A M IX.

Da Sciencia, e Sabedoria.

HE a Sciencia, segundo *Arist.* l. 6. *Ethicor.* hum habito demonstrativo, ou huma determinação do entendimêto para a outra parte com certeza: hum infallivel, e evidente conhecimento de algú effeito especulativo, demonstrado por via de syllogismo de universais, e necessarias proposições, contidas em a causa immediata; ou finalmente hum habito, que reside n'alma e com razoes instrúe o entendimêto no conhecimento das cousas por suas causas. Esta he o habito mais for-

Non jacet in moli veneranda scientia letbo.

Prepondera este ao desejo natural de adquirilla, com que os mais dos homens se ficão infelizmente sem ella, sendo tão necessaria para conhecer o justo, ou injusto, o falso, ou verdadeiro; e como o sabio dicitur estas cousas, admira-se o ignorante, como diz *Arist.* lib. 1. *Ethicor.* o qual escrevendo a seu discipulo Alexandre, lhe diz, que muito mais campêa a alma de hum Principe com a sciencia, que hum corpo de galas; doutrina, que havia tomado de seu Mestre *Plataõ*, o qual no *Dialog.* 5. da sua *Republic.* escreve, que só he felice o Reyno em que dominaõ os sabios; sentença, que trazia sempre na boca o Imperador Antonio, como refere *Julio Capiõ* na sua vida, e de q se aproveitou tanto, que se empregou de maneira nas sciencias, que grangeou o nome de Philosopho, e ainda depois de Imperador hia a casa do doutissimo *Apollo-*

moso, que pôde vestir hum homem: as trabeas purpuras dos Capitaes, as ricas pretextas dos Patricios, os victoriosos paludamêtos dos Tribunos, as luzentes abollas dos Reys, as preciosas clamides dos Imperadores, são pobres vestiduras em comparação dos habitos da sciencia, tão necessaria a todos, como ao corpo a alma, como disse *Plataõ* de *Republica Dialog.* 5. porque aquelles vestem o corpo, e com o corpo apdrecem; estes vestem a alma, e com ella se eternizaõ.

Todos os homens, diz *Aristot.* lib. 1. *Metaph.* desejaõ naturalmente saber: *Omnes homines naturã scire desiderant*; porque como o mayor dos males he a ignorancia, assim o mayor dos bens he a sciencia; mas como o adquirilla custa não pequeno trabalho porque não dorme em brando leito a sciencia veneranda, como canta o Poeta:

o Poeta: *Non jacet in moli veneranda scientia letbo.* nio, como se fora homem particular; e *Alexãdre Magno* se aproveitou tanto da doutrina de seu Mestre, que escreve *Justo* l. 2. das suas *Historias*, que sempre se applicou ao estudo das letras de maneira, que publicava, como conta *Plutarch.* no lib. 1. da *fortaleza de Alexandre*, que mais parte havia sido para atrever-se a conquistar o mundo o q havia aprendido de *Aristotóles*, que as riquezas, e gentes herdadas de seu Pay. Esta mesma sentença, que proferio o Philosopho *Concio*, e inviolavelmente executaraõ os Imperadores referidos, de que lhe resultaraõ successos nunca com encarecidos encomios affaz louvados, enfina, e admoeita o Cap. 6. da *Sabedoria* aos Principes Christãos, para que com felicidade perpetuem seus imperios: *Ad vos Reges sunt hi sermones mei, ut discatis sapientiam, & non incidatis; si ergo delectamini sedibus, & sca-*

Et sceptris, ó Reges populi, diligite sapientiam, ut in perpetuum regnetis, diligite lumen sapientiæ omnes, qui præestis populis. Bem entendo Salomão quaõ precisamente lhe era necessaria a sciencia para bem governar, e dispor o seu Reyno, quando apparecendo-lhe Deos em Gabaon, e dando-lhe licença para pedir as mercês, que quizesse, diz o texto Sagrado no *l. 3. dos Reys c. 3.* que não pedio Salomão huma larga vida, nem huma prospera faude, nem hum dilatado impe-

*Labitur indocto populus
Præ capitis titubant*

Ao estudo das letras devem Cesar a gloria, que teve na força das palavras, Tiberio na ponderação, Cayo no concerto, Claudio na suavidade, e Adriano na brandura: por ellas subio Licurgo, Pisisthrato, e Agefilão a Reys de Lacedemonia, que em tanto foi amada pelo mundo, em quanto houve nella Principes sabios, como escreve Cicero *lib. 1. de Divin.* Os Persas não elegião para Rey se não ao mais sabio, e em quanto guardaraõ esta ordem, floreceraõ; e logo que a deixaraõ, acabaraõ. Basilio, Rey de Sicilia, se entregava tanto ao estudo da sciencia, que chegaraõ a advertillo, que faltava às obrigações de seu officio; ao que respondeo, que não podia ser Rey sem ser sabio, e que atroco de ser sabio, deixaria de ser Rey, o que devia haver aprendido de Sócrates, de quem escreve *Xenophonte no lib. 3. de seus ditos, e feitos,* que costumava dizer, que não eraõ, Reys, e Principes os que traziaõ os Sceptros, nem aquelles, que os fazia ou a sorte, ou o nascimento, ou a violencia, mas os sabios, que sabiaõ governar; porque segundo Aristóteles, aquelle governa bem, que sabe, e conhece o q' importa para o bom governo: *Unusquisque benè judicat; qui benè cognoscit;* e por isso disse o mesmo, q' aquell-

rio, nem hũas numerosas riquezas, mas sciencia para saber determinar o justo do injusto; e consta do texto, q' Deos lhe dera huma sabedoria tal, qual não tivera, nem teria outro mortal, e de mais humas riquezas taõ largas, e huma gloria taõ grande, qual não tivera nunca outré antes de Salomão. Daquelle Divino aviso da Sabedoria tomou materia o Poéta Joaõ de Wem para advertir em suas obras aos Principes, quaõ damnosa seja a ignorancia para o governo do Reyno:

*sub Principe, sicut
ebrietate pedes.*

la Cidade, e Republica será ditosa, e bem afortunada, aonde os sabios governarem: *Ubi Præses fuerit Philosophus, ibi civitas est felix;* porque como refere Cicero, com a sabedoria passaõ as cousas de boas a melhores, e as ruins se emendaõ, e se tornaõ boas: *Quæ bona sunt, fieri meliora possunt doctrinâ; & quæ non optima, aliquo modo corrigi possunt.*

Em mais estimava o famoso Rey D. Affonso de Aragaõ as sciencias, q' o Reyno, e riquezas, que possuia; porque sendo pergütado, como conta *Panormitano no proemio do liv. 3.* como poderia ser pobre entre tantas riquezas, respondeo, que deixando de ser sabio; e com razão, porque todo o compendio da felicidade está nas letras: nellas acha o pobre riquezas, o rico honra, e o velho recreação: *Philosophia (disse Lucio Floro) ad omnem fortunam parat pauperibus divitias, divitibus ornamentum, senibus oblectamentum;* nellas se acha como se ha de governar a Republica, como se haõ de emprender as guerras, como se haõ de mudar os arrayais se se haõ de renovar trincheiras, se convem edificar fortalezas: nellas se acha a cultura da milicia, a reverencia das leys, as amizades, que se devem guardar entre os Reys vizinhos, e tu-

do o que mais pertence para o bom governo da Republica, como escreve *Raba* em huma carta, em que diz, que o Rey sem letras he como o navio sem leme, baixel sem piloto; porque assim como para que a navegação seja prospera, necessita o baixel de piloto, e piloto sabio; assim para o bom governo dos Reynos he necessario Principe, e Principe entendido, e nas sciencias bem versado: *Quemadmodum ad prosperam navigationem opus est bono, peritoque gubernatore; sic etiam sapientiae Principe ad tuendam tranquillitatem bene constituta Republicae*, disse *Philo* no liv. da *Charidade*. He a sciencia guia da vida, pregoeira da verdade, e destruidora dos vicios, como escreve *Tulio*: *Scientia est vitae dux, veritatis indagatrix, vitiorum expultrix*; e para que o Principe governe em paz seus Reynos, e conserve a vida de seus vassallos, deve ter sciencia de amar os verdadeiros, e castigar os viciosos, meyo com que facilmente desterrará os vicios, e com elles as guerras, que nelles tomao principio, e se fomentaõ. Nenhum Principe poderá governar bem seus Estados, se lhe faltar o dictame da sabedo-

ria, porque segundo escreve *Platao*, iõ he apto para a direcção do governo, quem tem perfeito conhecimento del- le: *Quilibet ad ea est idoneus, in quibus sapit; non idoneus, in quibus est indoctus*; e por isso dizia *Pio II.* que os homens baixos, que haviaõ ter as letras em tanto preço, como a prata, os nobres como o ouro; porẽm que os Principes as haviaõ estimar ainda mais, que as mais preciosas pedras, e joyas de mayor valor.

Nada mais he para desejar, nada mais para appetecer, que a sabedoria, que he huma sciencia das cousas divinas, e humanas, hum conhecimento das cousas primeiras, e altissimas, o qual dirige todas as sciencias, de quem diz *Cicero lib. 2. de Officiis*, que naõ sabe que possa haver couza que se possa louvar, em quem a chegar a vituperar. He a sciencia saude do animo, segundo *Tulio*, guarda do homem, segundo *Platao*, e conservadora da vida, segundo *Erasmo*: naõ ha sciencia, escreve o mesmo *Erasmo*, que naõ traga comfigo annexa a honra: *Nulli disciplinae sui honores desunt*: naõ ha sciencia, que naõ traga a pões si as riquezas, como cantou *João de Wem*:

Si fueris sapiens, Cressi superaveris aurum;

Nam sapiens nullo tempore vivit inops.

Saõ as sciencias riquezas, que sempre duraõ com igual estimação; saõ delicias, que nunca encontraõ desgostos; saõ alegrias, que nunca finalizaõ em tristezas; saõ gostos, que nunca se avinham com os pezares; saõ honras, que já mais perdem ponto de seus obsequios: perdem as riquezas a estimação com a abundancia; *Cresso* as arrojou ao mar: *Midas* farto de ouro, o aborreceo; as sciencias quanto mais se accumulaõ, mais o desejo arrebatãõ; os deleites chegaõ a causar tédio, as sciencias sempre ao appetite provocaõ, e ao entendimento daõ gosto: nada ha mais visinho ao prazer,

que o pezar; nada ha nas sciencias, que naõ recree; nada se inculca nellas, que naõ agrade. Saõ as honras quanto mayores, tanto mais pezadas; saõ as sciencias quanto mais excellentes, mais sublimes: aquelle, que anhelou o Imperio publico, suspirou pela vida particular, como succedeo a *Abdolomio*, que murmurado do Povo, o mandou vir *Alexandre* a sua presença, e perguntando-lhe como se havia no estado da pobreza, lhe respondeo: *Oxalá, Senhor, leve com tanta lealdade do coração o pezo de governo, como sempre passey o da pobreza*: a vida se aborrece a si propria; e muitos corre-

vão a buscar a morte, que lhe fugia; porém as sciencias nunca enfadaõ, nunca se aborrecem, antes sempre se desejaõ, e quanto mais se sabe, mais se deseja saber, porque he o entendimento huma profundidade vazia, que quantos mais objectos traga, tanto mais faminta fica.

Vai tanta differença de hum homem sabio a hum ignorante, quanta vai da luz à sombra, como escreve Salomão no cap. 1. do *Ecclesiastes*, da faulde à enfermidade, da vida à morte; e he entre os mais homens hum sabio o primeiro, como he no navio o Piloto, na Cidade o Magistrado, no exercito o general, no corpo a alma, e na alma o entendimento; porque a mayor excellencia, que hum homem póde ter, he saber, pelo qual se faz mais semelhante a Deos, como refere

*Ut solidè sapiat nulli jam sufficit ætas,
Mors prius à tergo, quàm sapiamus, adest.*

Os que quizerem chegar à sabedoria, não haõ de perder hora em ociosos divertimentos, nem tambem querer saber tudo, porque assim nem todas as galas faõ a proposito para todos os fugeitos, nem todas as sciencias para todos os homens, como disse Seneca: *Aliud alios decet*. A todas as couças poz Deos seus termos, que não he permittido passar nenhuma humana creatura, e repartio sua liberal mão os talentos, de que devemos usar com forme a vontade de quem nos deu, contentando-nos com aquelle, que Deos foi servido, que só tivessemos. Todo o homem tem capacidade de ser sabio; mas porque muitos o desejaõ ser, e erraõ os meyo, daremos para isto as seguintes regras,

A primeira regra de saber, he amar a Deos de todo o coração, com todo o entendimento, com toda a alma, que esta he a sciencia das sciencias, como se escreve no cap. 6. do *Deuteronomio*, e o ensina S. Matheus no cap. 22.

Cicero: *Nihil est, quod magis Diis assimilatur, quàm ipsum scire*; e com ter huma pessoa mais, ou menos, se distingue tanto, que houve quem disse, que hia mais de hum homem a outro, que de hum homem a hum animal, entendendo, que vai mais de hum homem muy sabio a hum homem muy nescio, que de hum homem muy nescio a hum animal irracional. Hum homem muy sabio, disse hum, que era mais que homem, e menos que Deos; e outro disse, que o sabio era Deos do ignorante.

Mas como a vida he demasiadamente breve, e as sciencias demasiadamente dilatadas, como disse Hipócrates: *Ars longa, vita brevis*, o caminho largo, e o tempo curto, como disse Wem:

Toda a sciencia provém de Deos, q he a fonte immensa della, como diz o *Espirito Santo* no cap. 1. do *Ecclesiastes*; e sendo o amor de Deos o principio, e raiz de toda a sciencia, como escreve Salomão no cap. 9. dos *Proverbios*, e no cap. 1. do *Ecclesiastes*, he o amor de Deos o fim. Fica graduado em todo o genero de sciencia o que chegou a amar a Deos, diz Salomão no cap. 3. dos *Proverbios*, e não só conseguirá os bens eternos, mas logrará os temporais, como diz o mesmo Salomão no cap. 2. dos *Proverbios*. não póde aproveitar o que for máo, nem deixar de saber o que for bom, ensina o *Espirito Santo* no cap. 21. do *Ecclesiast*.

A segunda, o ser humilde; porque toma Deos muito à sua conta o levantar humildes, dando-lhes graça, e sciencia; e abater os soberbos, como escreve S. Lucas no cap. 1. e Salomão no cap. 3. do *Ecclesiastes*, e o Gênio Cicero no liv. de *Officiis*, nos ensina, que

que o mayor meyo para nos adiantarmos nas sciencias, he o sermos humildes; e o mesmo escreve Wem nos seus Epigrammas, comparando os so-

berbos aos montes, que naõ criaõ coufa alguma; e os humildes aos valles, que de tudo abundaõ:

Uberiora ferunt valles, brevioraque montes

Gramina: multum fert humilis, mens alta parum.

Mens, mons est montis, cacumen mentis acumen:

Omne cacumen inops est, & acumen iners.

Terceira, o começar desde menino; porque he taõ largo o caminho, que naõ he facil chegar à veneravel Casa da Sabedoria, os q̄ desde a idade ten-

ra naõ dirigirem com cuidado a ella os passos, como ensina S. Paulo *Epist. 2. ad Thimoteum cap. 3. e Wem Epigram. monast. Epigram. 54.*

Vera tuis sit si vis sapientia canis,

Cum primo hanc sitiens ebibe lacte prius.

E supposto q̄ para as sciencias se adquirirẽ, seja necessaria a mocidade, como diz o Imperador na *ley 1. Cod. de Studiis*, com tudo nunca para aprender he tarde; porque, como diz Plataõ, bemaventurado he o homem, que ainda na velhice teve a ventura de ser fabio, e *Cicero lib. 9. de finibus* diz, que ainda desejava aprender quando já tivera hum pé na sepultura; porque

erra o que naõ começa a aprender por ser tarde, como disse *Seneca: Stultum est, quia diu non didicerit non discere*; porque ainda que seja certo, que na idade já velha com difficuldade se sabe, naõ se deve negar o louvor àquelle, que com ser velho, fez diligencia por saber; pois como cantou Ovidio, a vontade se toma muitas vezes pelo effeito:

Ut desint vires, tamen est laudanda voluntas;

Hac ego contentos suspicor esse Deos.

Quarta, a applicaçãõ com grande trabalho, e vigilante estudo a ouvir as liçoens, como ensina *Iustiniano no §. final do Proemio da Instituta*. Naõ he o estudo outra cousa mais que huma vehemente applicaçãõ do animo, como disse o Jurisconsulto na *Ley 1. §. hujus studii ff. de Justit. & jur.* e segundo refere Plataõ, quem se applica, conhece o que vê, e vê o que procura, e alcança o que ignora: *Dignoscit qui invenit, invenit qui quærit, quærit qui putat se ignorare.*

Quinta, as repitiçoens do que ouvir, ou estudar; porque pouco importa ouvir, ou estudar, se sobre o que se ouve, ou estuda, se naõ faz reflexãõ, porque o apprehender, co-

mo diz *Lulio lib. 1. quæst.* naõ he lêr, nem ouvir, se naõ recordar; e Plataõ, que o principio de saber consiste na liçaõ, e o fim na contemplaçãõ; e por isso facilmente lembra o que com a recordaçãõ se encomenda à memoria. Ler muito, e recordar pouco, he trabalho sem fruto, porque com a brevidade com q̄ se lê, passa tambem o que se estuda.

Sexta, a estimaçãõ, e amor dos Mestres porque a estes se deve mais que aos pays, por quanto se aos pays se deve o viver, aos Mestres se deve o viver bem; elles nos ensinaõ a brevidade da vida, a certeza da morte, e o pouco que se devem estimar as coufas da terra a respeito de abraçar as q̄ saõ

do Céu; e basta só a consideração de que havemos acabar, para que em nós o principio de huma vida ajustada, como escreve o Poéta Wem:

*Ducit ad eternam te mors, ut via, vitam,
Ut mors interitus non sit, at introitus.*

Naõ agrada o homem a Deos pelo que vive, se naõ pelo que vive bem, en-
fina S. Pedro Chrysostomo Serm. 109.
razaõ porque dizia Alexandre, como
conta Plutarcho na sua vida, que mais
devia a seu Mestre Aristoteles, que a
Filippe seu pay.

Setima, a parcimõnia no comer;
porque ventre cheyo, gera grosso en-
tendimento, como se lê no cap. quan-
do, *distint.* 44.

Oitava, o retiro de todas as cousas,
que lhe possaõ divertir o cuidado do
estudo das letras; regra, que nos en-
fina o *Texto na ley 1. Cod. de Excusa-
tionib. artif.* e o exemplo do riquissimo
Thebãno Chrates, que vindo a Athe-
nas a estudar Philosophia, distribuio

*Gutta cavat lapidem, consumitur anullus usu,
Et teritu oppressa vomer aduncus humo.*

E o mesmo disse Wem lib. 3. *Epigram.* 153.

*Ingenium studiosi non acuatur, hebescit,
Ut telum assiduam cos nisi præstet opem.
Ingenium studiis alitur, teritur quoque sicut
Tela terendo acuit cos, acuendo terit.*

E Ovidio:

*Et mihi, si quis erat dicendi carminis usus,
Defecit, estquè minor factus in esse situ.
Gutta cavat lapidem, non vi, sed sapè cadendo;
Sic homo fit sapiens non vi, sed sapè legendo.*

Undecima, a conservação dos bõs cos-
tumes; porque estes são mais precio-
sos que as riquezas, disse o Consulto na
ley *Scire oportet ff. de tutoribus*; e
melhor a nobreza delles, que a da
geração pelo *capit. Nos qui dist.* 40. e
mais vale perder hum olho que os bons
costumes, ou fama, conforme a ley
infamia ff. de decurionibus.

Undecima, a paz; porque nas

hum grande thesouro que possuia, sig-
nificando, que riquezas, e sciencias
se naõ podem juntamente possuir, e o
deixou escrito Seneca no lib. da Bre-
vidade da vida cap. 6: *Nullam rem
benè exerceri potest ab homine occupato.*

Decima, a continuação do estudo;
porque as cousas continuadas flore-
cem, e as interpoladas perecem, co-
mo se colhe do *Texto na ley legatis §.
ornatricibus ff. de legat. 3.* A lição vaga,
e casual, como achada a caso, naõ edi-
fica, mas toma o animo instavel, e co-
mo admittida levemente, levemente
sahe; a continua aproveitada, porque
a continuação em todas as cousas im-
prime effeito, como cantou Ovidio:

letras naõ convem ouvir desentoadas
vozes, que costumaõ divertir o ani-
mo, nem ouvir estrondo de guerra,
que perturba os sentidos; e a experi-
encia nos mostra, que os rixosos ou
acabaõ brevemente, ou naõ aprovei-
taõ nas sciencias, como se lê no *Proce-
mio das Decretais.*

Duodecima, perguntar, e apren-
der de qualquer; porque naõ he ver-
gonha

gonha perguntar o que não sabemos, como ensina Santo Agostinho, de quem lemos no *cap. si habes. 24. quest. 3.* que dizia que estava aparelhado a aprender, ainda que fosse de hum menino de anno; e Christo Senhor nosso, sendo de sabedoria infinita, não se dedignou de perguntar, e responder aos Doutores com que se ficou no Templo. Dito foi do Papa Pio II. que o que mais

duvidava, e perguntava, mais sabia: logo conveniente meyo será para adquirir as sciencias, perguntar, e duvidar. Tambem faz aos homens mais sabios communicar aos outros o que sabem, ensinando, e explicando o que poderaõ comprehender; porque deste meyo resulta bem ao proximo, e conveniencia propria, como cantou certo Poéta:

*Discere si velis, doceas, sic ipse doceris;
Nam studio tali tibi proficis, atque sodali.*

E por isso Joaõ de Wem escreve, que nenhum sabio deve ser pezaõ em en-

finar o que sabe, pois de ensinar lhe resulta o saber mais:

*Quæ nostris impertire libens, facilisque roganti
Esto: quæ nescis discere, non pudeat te.*

E o mesmo refere Seneca, dizendo:

Hominēs, dum docent, discunt.

Decima terceira, o modo; porque não he sabio o que não sabe o modo de saber, escreve S. Bernardo sobre os *Canticos Serm. 26.* o qual conforme o mesmo Santo, consiste na ordem, no estudo, e o fim: na ordem, porque se deve saber primeiro o que importa para a salvação d'alma, e isto he saber aquellas cousas, sem as quais nos não podemos salvar; e he grande ignorancia [conforme Aristóteles] não sa-

ber o q a todos convem não ignorar: *Turpe est ignorare, quod omnibus scire convenit*: no estudo; porque aquillo se deve estudar mais ardentemente, q com mais vehemencia nos attrahir, e provocar ao amor de Deos, e estampar em nossos coraçoes o amor das virtudes, sem as quais não póde haver sabedoria, segundo *Job. cap. 28.* e conforme *Oséas no cap. 40.* nem faltou tambem Poéta, que cantasse o mesmo: Joaõ de Wem o disse em seus Epigramas:

*Quid tibi, neglecta virtute, scientia prodest;
Desine jam verum quærere; quære bonum.*

No fim, porque o estudo se ha de dirigir para a propria, e alhea faude, e não para vangloria, e estimação. Ha muitos, diz S. Bernardo sobre os *Canticos Serm. 6.* que querem saber só para saber, isto he vaidade; outros, que querem saber para venderem o q sabem, e isto he questo pecuniario; outros, que querem saber para que

mais ardentemente edifiquem, e isto he charidade; e outros finalmente, que querem saber para edificarem a sua vida, e isto he prudencia; o que aconselhou Seneca, dizendo, que se havia estudar não para saber muito, se não para viver bem: *Stude, non ut plus aliis scias, sed ut melius fias.* E Wem no *lib. 3. Epigram. 67.*

*Amentes sunt studio si scire studentes.
Nemo fit insanus qui studet esse bonus.*

Decima quarta, o applicar-se cada hum ao estudo que pertende; porque não sendo toda a vida sobrado emprego para qualquer sciencia, para todas he sobre impossivel, temerario, louco, e imprudente. Plutarcho a aconselha, que aquella sciencia se deve decorar, que he necessaria para o estado da vida: *Pueris discenda sunt, quibus viri usuri sunt.* Os que querem saber tudo, de ordinario não sabem nada, e podendo ser sabios, são sophistas, que a ignorancia do Povo admira como Oraculos, e o conhecimento dos sabios reputa como loucos, de que está muy cheyo o nosso seculo, porque nelle ha muitos, que querem mais parecer entendidos do que ser sabios, vicio já ha muito tempo reprehendido por Aristóteles: *Quibusdam magis est operæ pretium videri sapientes, & non esse, quàm esse, & non videri.* O Theologo se jacta de Jurista, Medico, Astrólogo, Mathematico, e Politico: o Jurista de Theologo, Politico, Medico, e Astrólogo: o Medico de Theo-

logo, Jurista, Politico, Astrólogo, e Mathematico, sendo cada hum como outro Helio, Sophista de Grecia, que por querer saber tudo, tudo ignorava. Bastante tem que fazer o Theologo na sua Theologia, o Medico na sua Medecina, o Jurista na sua Jurisprudencia; e por mais que a cada hum se lhe dilate a vida, assaz fará em chegar a saber o muito, que lhe ainda faltou para estudar. Os seculos passados floreceraõ com muitos sabios em todo o genero de sciencia porque cada hum se applicava à que lhe pertencia; falta, que experimenta o presente, por querer cada hum saber tudo em todas, sem advertencia de que basta para ser em tudo nada, querer ser em tudo muito; erro, que se commette com ajuntar livros, que trataõ de diversas doutrinas, que distrahindo o animo por todas, de nenhuma se tem cabal conhecimento; e por isso o Poéta Inglez adverte aos curiosos de variedade de livros, que se applicuem só aos da sua profissão:

*Egregios cumulare libros pretiosa supellex,
Ast unum utilius volvere sæpè librum.*

Porque sem duvida lêo em Seneca, que os livros de diversas sciencias são mais para distrahir o entendimento, do que para dar mais luz à razaõ: *Distrabit animum librorum multitudo:* applicue-se cada hum à faculdade que pro-

fessa, e logo sahirá douto na sua sciencia; porque não sendo assim, lhe acontecerá o que acontece ao que no mesmo tempo emprende diversas cousas:

*Qui binos lepores una sectabitur hora,
Unum quandoque, quandoque utroque carebit.*

Fóra das sciencias de cada hum, se deve saber das mais sciencias liberaes quanto baste, para que se não tenha nellas por forasteiro, e peregrino; que este he o conselho de Plucarcho *imorali lib. de Institutione liberorum;* e assim em primeiro lugar se deve saber da Philosophia o preciso, para que se diga que não a ignora, e guie estas noticias das creaturas primeiro ao co-

nhecimento de Deos, que foi o intento de S. Paulo na *Epistol. aos Romanos cap. 7.* Depois os acertos Politicos, como aconselhava Eneas Sylvio a Ladisláo, Principe de Hungria, *lib. 1. de educatione liberorum.*

Em as noticias da Theologia devem os que não forem da profissão, prezar-se mais de discipulos obedientes, que de mestres presumidos; porque

que nella he mais seguro crer, que disputar, ouvir aos doutos, que o delectar fazer-se. Aconselhava o Papa Pio II. que a natureza Divina muito melhor se entendia crendo, que disputando. Não succedera a Henrique VIII. de Inglaterra o perder-se a si, e a todo o seu Reyno, se não quizera ser mestre, havendo de ser discipulo. Todas as vezes que os homens querem saber mais do que lhe he necessario, em vez de serem doutos, sahem ignorantes; razão porque disse Seneca, que peccavaõ na temperança os que queriaõ saber mais do que lhes era necessario: *Plus scire velle, quam satis est, intemperantiæ genus est.*

Em as da Medecina saiba a parte Perifilatica, que preserva das enfermidades, para se saber temperar, e reger de maneira, que conserve a saude, para a poder empregar no serviço de Deos, e do bem publico; e deixe a Sublevatica aos da profissão, porque esta he sobrado empenho para occupar toda a vida em hum fugeito.

Em a Mathematica procure saber a Geometria, que trata das quantidades continuas, a Arithmética, que tratadas separadas, a Geographia, que mede a terra, a Astrologia, que mede o Céu, a Musica, que mede as vozes; porém com esta advertencia, que da Astrologia Judiciaria não saiba nada, porque está condemnada pelo *cap. 44. de Isaias*, e por dous Concilios, hum de Braga, outro de Toledo, e sobre estar condemnada, he inutil, e mentirosa.

A todo o genero de pessoas será util ter noticias da Cosmographia, Geographia, e Idographia; porque sendo o fim desta sciencia tentar o mundo, dividillo em partes, Reynos, Provincias, e Regioens, tanto em o que toca à terra firme, como à participacão dos mares; e sendo necessario para o governo Politico, saber as divisões dos Reynos, Provincias, Cidades, governo, e commercio, que tem huns

com os outros, a defeza que a huns dá o mar, a outros o impenetravel das serras, a quem faltarem estas noticias, estará obrigado, ou a muito silencio, ou a muitos erros.

Mas aos Ministros, a quem toca a determinacão das Armadas por mar, e a disposicão dos exercitos por terra he precisamente necessaria; porque sem ellas não alcançarão o fim do mundo, o movimento dos Céos, as navegaçoens, e seus rumos, os climas, e constellaçoens; nem saberaõ situar húa Cidade, ordenar hum exercito, guiar huma Armada, e outras cousas desta qualidade, que pertencem a hum Ministro militar. Por estas razões se entregou Ptoloméu Rey do Egypto tanto à Mathematica, que venceu nella a todos os Philosophos do seu tempo, e escureceo a memoria dos antigos. Deos fez o mundo, e Ptoloméu o descreveo. A este grande Principe imitou D. Affonso o Sabio na composicão das suas Taboas. Julio Cesar se deu tanto ao conhecimeto do curso do Sol, Lua, e Estrellas, que teve consigo tanta guerra sobre estas facultades, como teve com seus inimigos sobre o Imperio. Tanto estimou as letras que tinha, como as terras que conquistava, e não conquistará tantas, se não as tivera primeiro debuxadas no mappa, que achou Anaximandro. Promethéo Rey, que estava de noite, e de dia em o nevado cume do monte Cáucaso, contemplando o curso das Estrellas; e por isso fingiraõ, que huma Aguia lhe comia as entranhas, porque este passaro generoso olha de sito a sito o Sol. Taõ eficaz, e forte tem a vista, como a ha de ter o que for Mathematico, e que haõ de ser como o mesmo passaro os Ministros Militares. Empreza foi sempre, e será de Achilles Grego, que trazia gravadas no escudo as constellaçoens, que dizem saõ quarenta, e oito, e dava a entender, diz Homéro, que para ser excellente hum General,

General, ha de se prezar de Mathematico. Tem os sabios dominio sobre os Astros, diz o Poéta Inglez; e que sabios podem ser estes, se não os que contemplaõ os varios cursos das Es-

trellas, e os diferentes aspectos dos Astros, de que formando provaveis conjecturas, precautelaõ o perigo de suas mudanças:

*Fata regunt fatuos, sapiens dominabilur Astris;
Non fatum, at fato se regit ipse suo.*

Com asleys se sustentaõ os Reynos, e com a Mathematica se augmentaõ. Cresceo o nosso Portugal, descobrindo, e conquistando novos mundos no Oriente, e Occidente pela Mathematica, com o que floreceo o excellente Infante D. Henrique, filho del Rey D. Joaõ o I. o qual retirando-se para a Villa de Sagres no Reyno do Algarve, no anno de 1412. começou os descobrimentos, e conquistas, sendo o primeiro General Lançarote Guerreiro (meu setimo avô) segundo *Joaõ de Barros lib. 1. decad. 1. Manoel de Faria nas suas Asias cap. 1. e 2.* e deixou abertas as portas aos Serenissimos Reys destes Reynos, q̄ gloriosamente as tem continuado, e as abriu tambem a Castella para o descobrimento, q̄ fez Colon em o anno de 1492. das Indias Occidentais, pelo haver aprendido de hum nosso Portuguez, que morrendo na Ilha da Madeira, lhe deixou os papeis, que tinha de seu descobrimento.

Em as da Musica he melhor ser ouvinte, que mestre, não passando o exercicio della dos ouvidos à boca, nem desta às mãos. De Philippe, Rey de Macedónia, escreve Plutarcho, que ouvindo cantar a Alexandre, o reprehendeo com severidade, dizendo: *Naõ te envergonhas de cantar tambem? E Laercio lib. 6.* da vida de *Diogenes* conta, que gabando-se a *Ismenias* de insigne Musico, respondera, que se fora homem honrado, houvera aprendido outro officio.

Em as da Poesia será bom não ser de todo ignorante, nem de todo sabio: prenda he, que se de todo falta, vive desejada da alma, e se sobra, vi-

ve com desprezo.

Em as Historias he conveniente saber muitas; porque nellas se vêm os premios, que tem os virtuosos, e movem a imitallos, e os castigos, que experimentaõ os delinquentes, e ensinaõ a fugir a similhança: advertem as mudanças, ou prevêm os preceitos, ou preparaõ as mãos para não dar de olho em os riscos, e como seja certa medida do que será o que foi, estudando os successos passados, se adevinhaõ os futuros, como refere *Tito Livio no liv 1. in exordio.*

Em as das Genealogias importa saber pouco: o mais seguro he ignoral-las, e em segundo lugar será sabio quem se esquecer dellas, se as soube, ou quem pôde tanto comfigo, que as soube só para si, como escreveo *S. Paulo a Tito.* Questoes estultas lhes chama, e inuteis contendias, de que se não tiraõ se não discordias, as q̄ trataõ das Genealogias: *Stultas autem questiones, & genealogias, & pugnas legis, sunt enim & vanae, & inutiles.*

Em as desnecessarias he mais sabio quem menos sabe. Não fora taõ infamado de nescio *Pitacho*, se não houvera gastado hum livro em escrever louvores da pedra de atafona, dando-lhe tantas voltas, que não pareceo Escrip-tor que a gabava, se não bruto que a movia. *Favorino*, se não houvera escripto hum largo tratado em louvores das quartans. *Luciano*, se não houvera gastado hum grande volume em elogios das moscas. *Didimo Grammatico*, se não houvera gastado quatro mil livros a fim de tirar às *Fabulas dos Poetas* a vaidade das *Fabulas.*

*O' mibi contingat nunquam sapientia telis,
Hectori, quae sit perniciofa suo.*

Decima quinta, o genio. Dicitame he da natureza seguir hum homem seu genio; porque como ha plantas, que se daõ em humas terras sem cuida-do, e naõ em outras, ainda que a ten-ção, e culturaõ seja grande, pelo genio diverso das terras, e pelos tem-peramentos desiguais que alcançaõ, assim n'alma a muitas porfias póde fer, que naõ se dê o conhecimento de huma sciencia, quando em outras espontaneamête luzirá ventajosa. Que industrias, nem que gastos poderãõ conseruar sobre a neve dos Alpes os jardins de Babylonia; ou os recreyos do termo de Lisboa sobre o cume da ferra da Estrella? E assim só se deve aprender o estudo daquellas sciencias, para que o natural der os braços.

Ultima, a companhia, ou amiza-de dos sabios; porque o sabio com ou-tros se faz mais sabio, e o ignorante com os sabios acha o segredo de des-cobrir a sciencia sem o trabalho de es-tudar; e assim como he rico aquelle, que ainda que naõ tenha o ouro n'al-gibeira, tem as minas do ouro em seu poder, assim he sabio aquelle, que ainda que naõ tenha sciencia, nem nos sabios mineral donde as rirar: gran-dissima pois foi a felicidade daquelles Monarchas, que sendo sabios, con-versavaõ com sabios; como Pericles em Grecia; Ptoloméo em Egypto; Au-gusto em Roma; e em o nosso Portu-gal ElRey D. Diniz, que sobre ser grande Poéta Latino, era muy incli-nado aos sabios; ElRey D. Pedro, que sendo tambem grande Poéta, era amigo dos sabios; ElRey D. Duarte, que em fallar tinha (como outro Nes-tor) grande eloquencia; ElRey D. Affonso V. que, como outro Ptolo-méo, fez huma grande Livraria, e como outro Cicero, ou Demósthenez, era excellente Orador; ElRey D. Ma-noel, que sobre ser grande Latino, foi

muy curioso da Astrologia, e taõ ami-go de sabios, que sempre assistiaõ à sua mesa; ElRey D. Diniz; que fun-dou a Universidade de Coimbra; El-Rey D. Henrique, que fundou a de Evora; e todos foraõ excellêtes Reys, porque sobre serem sabios, os estima-vaõ, como outro Vespasiano, de quem escreve *Suetonio na sua vida cap. 18.* que era grande regalador dos le-trados; como outro Sigismundo Im-perador, de quem escreve *João Bap-tista no liv. 3. do Romano Pontifice*, que buscava os homens doutos, e a elles dava os officios de mayor preeminen-cia, que havia no Imperio; e sendo murmurado de que naõ conuinha à sua Coroa enthronizar tanto os letrados, respondeo com aquella celebre senten-ça, que traz *Laercio no lib. 2. da vida de Aristipo*: *Eu amo aquelles, que a natureza quiz antepor aos outros*; co-mo outro Pompéo, que acabada aquel-la grande victoria, q teve de Mithri-dates, se foi à Cidade de Rhodes, en-taõ escola geral do mundo, a ouvir todas as Faculdades aos Mestres, que as professavaõ, e enchellos de gran-des mercês; como outro Imperador Andronico, que folgava tanto de ver qualdquer letrado, que ainda que esti-velle a vista de todo o Povo, o cha-mava, e o sentava junto ao seu Thro-no; como outro Gordiano Impera-dor, que estimava tanto os sabios, que bastou para tomar por mulher a filha de Miththéo, por ser varaõ doutissimo; como outro Archeláo, Rey de Mace-donia, que por lhe morrer o sabio Eu-ripides, chorou, e o enterrou com tanto sentimento de havello perdido, que se cortou o cabello, final de gran-de tristeza entre os antigos; como ou-tro Calixto III. que estimava tanto os sabios, que dizia, que naõ temia quan-tas guerras lhe fizellem, porq tinha a Igreja mais de tres mil homens sabios;

Hh finalmente

finalmente como outro Carlos V. que morrendo-lhe Antonio Garcia Aldrete, disse: *Hoje hey perdido hum Anjo, que me havia dado Deos, para minha companhia; e naõ he muito que floreceffe a Republica no tempo destes*

Monarchas com tantos sabios, tendo estes tantos Mecenas, como os que ficaõ referidos; e naõ foraõ menos nunca, se houvera Mecenas, que premeafsem as letras, como cantou hum Poeta:

*Sint Mæcenates, non deerunt, Flaccæ, Marones,
Virgiliumque tibi, vel tua rura dabunt.*

Altamente discorre a este intento Plutarcho, quando com proporcionada fimihaça disse:

La humanidad, el premio, el beneficio
Produce en elevadas eminencias
Maravillas, ingenios, artes, sciencias.

Como el tiempo en apacible estancia,
Produce de los frutos la abundãcia,
Fertil la haze a la tierra felizmente,
El continuo favor del ayre ambiente;

Naõ ha trabalho pequeno, que naõ seja grande, quando se faz sem esperanza de premio, e pelo contrario, naõ ha trabalho grande, que naõ suavize a esperanza do premio, como bem ponderou Wem, quando disse:

Afli en los grandes con real officio

*Est labor ingratus, quem debita præmia fallunt:
Quid grave non fiet spe sine, si leve sit?*

E por isso diz o mesmo, que os Mecenas antigos das letras naõ favoreciaõ

os sabios só com palavras, mas que os enriqueciaõ com premios:

Mæcenas non verba dabat, sed præmia doctis.

E por se apartarem muitos Monarchas deste dictame, se acharaõ sem o presidio das letras, cumprindo-se o que diz Tacito no lib. II. de seus Annais, que he forçoso, se larguem os estudos como vis, aonde se nega o premio ao trabalho: *Ablatis studiorum præmiis, etiam studio peritura ut minus decora.*

Supposto que a falta do premio faça delanimar, etire forças ao trabalho, e pelo contrario faça suave o mayor trabalho, como diz Livio lib. 4. cap. 35. *Nil non aggressuros homines, si magnis conatibus magna præmia proposita sint; tantò audacius, fortiusque pugnatur, quantò maior gratificatio eis oblata sit;* e o cantou Horacio lib. I. Carm:

*Impiger extremos currit mercator ad Indos,
Per mare pauperiem fugiens, per tela, per ignes.*

Com tudo a sciencia se deve adquirir sem respeito a premios temporais, com os olhos só nos eternos, porque aquelles

com o mesmo sabio acabaõ, e estes o tornaõ immortal, como bem ponderou Wem lib unic. Epig. 10.

*Omnia cum pereant, est virtus sola perennis:
Hac immortales reddere sola potest.*

Naõ ha cousa mais amavel, nem fecunda, que as letras que docemente attrahem a vontade, a vivãdo o fervos do espirito, mataõ o veneno da ociosidade, moderaõ a peçonha dos vicios, extinguem a peste do diftrahimento, e focegaõ os impuros impulsos do animo em aquelles, que anciosamente as amaõ, e conforme *Seneca ad Lucillum Epistol. 16.* formaõ hum novo espirito, fabricaõ a alma, dispõem a vida, regem as açoens, ensinaõ o que se deve eger, affinalaõ o que se deve deixar, dirigem a navegaçaõ da humana vida, combatida das encrespadas ondas do tempestuoso mar do mundo, ao seguro porto da salvaçaõ espiritual, unico fim para que deu Deos ao homem a vida, e este a recebeo de sua Divina, e poderosa maõ.

Saõ as letras estabelecimentos dos

Estados, adornos das Cidades, esplendor da Republica, perfeiçaõ da vida humana. Nellas acha o ignorante mysteriosas luzes para a sua cegueira, o prudente novos reforços para a sua sabedoria, o bellico accrescenta forças à virtude do valor, o pacifico coroa à paz de focegos, o Principe, e o Ministro aprende com justiça a mandar, o vassallo com razaõ a obedecer. Naõ ha estado, nem fortuna, que naõ se possa illustrar, e tirar gloriosos frutos folhas dos livros, donde para aprender com suave esplendor os humanos affectos, saõ cadeas de diamantes os rayos, e raigos de ouro, e sem esta gloriosa prizaõ correm como livres feras nuas de humanidade as inclinaçoens, como considerou *Diogo Falco na satyra 3.*

Exue partem

*Qua sapis, & te hominem dic esse, omnesque negabunt:
Ergo non aurum, non robur, non genus es tu,
Sed quaedam mentis Divinae particula, ob quam,
Quid caelestes sumus.*

Que traduzio com energia Castelhana certo Poéta Hespanhol, na maneira seguinte :

Como tu desnudarte
La soberana parte
Del racional entendimento quieras,
Te pondrè entre los brutos, y las fieras,
Y todos, fin que assombre,
Te negarán las evidencias de hombre;
Que el hombre no es oro
La fuerça, o dela estirpe el grãde coro,

*In porcos homines mutarunt pocula Circes;
Ex porcis homines decta sopia facit.*

Que traduzio com a galantaria Hespanhola D. Francisco de la Torre, assim:

Bolvió a los hombres en brutos
Circes con bebidas torpes,
Pero la sabedoria

Si nõ cierta particula, y al tiento
Del superior Divino entendimento;
Por la qual los mortales
Somos sombras de las luzes celestiales.

Da famosa encantadora Circes se conta, que com suas magicas bebidas tornava os homens em brutos, e isto, diz certo Poéta, que faz pelo contrario a virtude da sciencia, tornando os brutos em homens:

Buelve a los brutos en hombres.

Pelo que naõ necessita de externos premios para ser venerada, e procurada a sciencia, sem se perdoar a nenhum trabalho, e desvelo; pois os traz ella

mesmo comfigo tantos, e tão relevantes.

De tudo o que havemos dito vimos a tirar por conclusão, que aquella Republica será mais feliz, aquella Reyno mais ditoso, aonde os Ministros forem sabios, conforme o papel, que cada hū fizer na Republica, como diz *Aristóteles lib. 2. Rhetoric.* que chamou ditosos aos Thebânos, por serem governados por sabios. Hū Ministro sabio he o dom mais perfeito, com que Deos costuma regalar as Republicas, que ama, segundo *Jeremias cap. 3.* e com hum nescio he que costuma castigar as q por suas culpas o merecem, como consta do *liv. 1. dos Reys cap. 3.* Dar poder a hum Ministro nescio, he fazer hum louco poderoso; verdade, que nos ensinaraõ os antigos, dizendo, que Jupiter, e Saturno não se apartavaõ: por Jupiter entendiaõ o poder: por Saturno a sabedoria: saber sem poder, anda oprimido: poderoso sem sabedoria, he louco, tonto, e nescio. Os sabios se crearaõ para mandar, como os ignorantes para servir, diz *Salomaõ no cap. 17. dos Proverbios, e no cap. 2. do Ecclesiastes.*

L I Ç A M X.

Do Engenho.

HE o engenho huma extençaõ do entendimento para o conhecimento das cousas, que se não entendem: he hũa força do animo, com a qual se estende, e exercita o conhecimento das cousas desconhecidas: he hum entendimento mais estendido, e dilatado em o conhecimento das cousas do ordinario: he huma luz mayor, que differença com mais propriedade o justo do injusto: he finalmente hum clarissimo Sol, que affugenta as trévas da ignorancia do pequeno mundo do homem

beneficio da natureza; mas se a luz he pouca, o entendimento abbreviado, e encolhido, será argumento de hum engenho curto; discorrerá pouco, e alcançará menos; porque diz *Publio Maximo*, que hum engenho estéril he como aquelle, que traz espinhas nos pés, que sempre anda com medo, e tudo quanto piza, lhe parecem espinhas; e já mais fará acção grande, nem publica, nem particular, como escreve *Plataõ Dialog. 6. da Republica*; porém se a luz he muita, e o entendimento estendido, será argumento de hum engenho grande; discorrerá muito, e alcançará mais: e já mais se applicara a cousas pequenas, e humildes, como escreve *Seneca lib. 1. Epistol. 99.* O que he de curto engenho, tudo o confunde, com tudo se embaraça: não ha materia, que lhe não pareça difficil: em qualquer proposição se lhe offrecem montanhas de difficuldades, qualquer razaõ o muda de parecer; a que primeiro o informa, o detêm: he *Cameleaõ*, que o muda a cor das palavras; pelo contrario, o que he de grande engenho, a tudo dá sahida: não ha montanhas de difficuldades, que não vença; não ha argumento, que não atropelle; não ha duvida, que não solte; não ha instancia, que não redargúa; não ha texto, que não explique: não o move se não a razaõ, e com ella fica immudavel.

Ha engenhos, de que se deve fugir, e outros, que se devem buscar; porque ha engenhos, que se applicaõ aos vicios, e estes tanto mayores, quanto mais viciosos; porq diz *Plutarcho in Demetrio*, que da mesma sorte que de grandes engenhos nascem grandes virtudes, se geraõ de grandes engenhos grandes vicios, assim como do vinho mais fino se transfórma o vinagre mais refinado, como diz o nosso proverbio, e o cantou o Poéta *Wem*:

*Ut bona vina bonum faciunt (ut fertur) acetum,
Ingeniosior est quo, Line, peior est.*

E por-

E por isso disse *Aristotel. lib. 6. Ethic. cap. 12.* que supposto que o engenho he especie de prudencia, com tudo o engenho sem prudencia nada aproveitada. Ha outros, que se applicaõ às virtudes, e estes tanto mayores, quanto mais virtuosos: huns, e outros convem cultivar, porq̃ os máos assim como tem grande capacidade para os vicios, a tem tambem para as virtudes, sendo muy semelhantes à terra, que cria hervas, e plantas agrestes, a qual cultivada, produz excellentes frutos; e os bons, assim como tem capacidade para grandes virtudes, a tem tambem para grandes vicios, sendo tambem semelhantes à terra boa, que se cultivada produz abundantes frutos, sem cultura degenera em inuteis espinhas. Não ha animo taõ bravo, a quem não sũgeite a doutrina, nem taõ manso, a quem a falta della não faça bravo; nem engenho taõ máo, que a alguma razãõ se não sũgeite; nem taõ bom, que não degenera em vicios, se se lhe falta com a cultura das virtudes, disse *Plutarcho in Moralib.*

Ha engenhos, que sendo difficultosos em perceber, são tenazes em guardar, que *Quintiliano lib. 1. Orator.* compara aos vasos, que quanto mais pequena boca tem para receberem, tanto mais capacidade tem para guardarem: ha outros, que sendo faceis para a percepção, o são tambem para o esquecimento, que *Seneca de Consolatione cap. 23.* compara ao fogo que tanto mais depressa arde, quanto com mais brevidade acaba; razãõ porque disse o mesmo Seneca, que não quizera, que os engenhos fossem tamanhos, que não podessem crescer; porque aonde não ha lugar de crescer, está perto o acabar. As arvores, que são fecundas com vehemencia, com pressa envelhecem: assim os engenhos. A Oliveira cresce tarde, mas dá frutos egregios: o sal logo se congela mas he estéril: e já *Aristoteles* disse, que os de mayor memoria eraõ dotados

de menor engenho: *Memoria magis valet hebes, obtususque ingenio*; dondo se póde inferir, que aquelles, em quem o engenho mais se levanta, neites a memoria mais tropeça.

Assim como em tantos milhares de pessoas nenhuns rostos, e vozes são semelhantes, assim entre tantos milhares de homens nenhum engenho he em tudo semelhante; mas cada hum tem seu particular engenho, e singular costume, disse *Publio Maximo*, conforme ao qual se deve applicar o que quizer sahir excellente, como escreve *Aristotel. lib. 3. Ethicor. cap. 5.* e segundo o engenho de cada hum, deve ser tambem o ensino; porque ha engenhos, q̃ são como o diamante, q̃ se não lavraõ se não com brãdura: ha outros, que são como a lãa, e o linho, q̃ se não fabricaõ se não com castigo; ou como a terra, que se não cultiva se não à força do ferro: ha huns, que assim como as mulheres não concebem de huns maridos, e mortos estes, casando com outros, são fecundas, assim estes com huns mestres se aproveitaõ, e com outros se perdem: tudo disse *Seneca*; e assim quem houver de ensinar, ou governar, o não póde fazer com acerto sem conhecer os genios, e engenhos de cada hum.

O engenho não consiste em ser ve-loz, se o não for para a virtude; porque de outra maneira, quanto mais ve-loz, quanto mas proximo à ruina: nem em ser expedito, se o não for para as boas artes, porque sendo expedito para as boas artes, será humarica, e preciosa gala mas se para as ruinas, onerosa, perigosa, e laboriosa; nem em ser muito agudo; porque o engenho não merece verdadeiro, e perfeito louvor pela agudeza, mas pela igualdade, e constancia: nem em ser agudissimo; porque nada mais contrario à sabedoria, q̃ a demasiada agudeza; porque esta, no sentir de *Seneca*, tira à mesma razãõ as forças: *Quaedam inefficacia esse ipsa subtilitas facit*:

facit: nem mais molesto ao Philolopho, que o Iophista; e por isso fingirão os antigos, que a aranha era inimiga de Pallas, e por ella aborrecida, porque supposto que as suas obras eraõ sutis, e ténues as suas teyas, com tudo eraõ frageis, e de nenhum uso: nem em ser excellente, e grande, se não for bom, e modesto: a excellencia, e grandeza só são suspeitas; porque muitas vezes hum grande, e excellente engenho he principio de grandes males; e raras vezes grandes erros deixaraõ de fahir de grandes engenhos: tudo escreveo *Petrarcha dialog. 7. do engenho.*

Em nenhuma couza se requiere mais prestes, e experimentado engenho, que em as materias do governo; porque os accidentes que brotaõ por mométos, pedem prompto remedio, para extinguir a q̄ ao principio parece pequena faísca, antes que della resulte mayor incêndio; o que se não poderá evitar, se os Ministros não forem engenhosos; nem poderaõ facilmente fahir com o pezo do governo, se não se valerem do engenho, com o qual será facil o que parece impossivel; porque assim como os pezos, que não bastaõ alevantar nenhuma força dos homens, se levantaõ com arte facilmente, assim o pezo do governo, para que não basta força, facilmente se modera com engenho, como escreve *Plinio*; porque assim como são mayores as forças do animo, que as do corpo, assim, diz *Cicero lib. 1. de Officiis*, são mayores as do engenho, que as das forças; e por isso escreve *Procopio no liv. 1. da guerra dos Wândalos*, que he mais poderoso o engenho no exercicio da guerra, que as forças do corpo; porque tudo dogma, e a tudo he superior o engenho, segundo *Paulo Emilio lib. 1.* Os bons engenhos são de seu natural para Ministros bons; porque imitaõ em a presteza dos conselhos aos bons conjecturadores, discorrendo naturalmente em os negocios, que se oferecem, ainda que não tenhaõ expe-

riencia delles; prevêm não só o presente, mas tambem em o futuro o antidoto para preservar seu damno.

Pouco importará ser sabio hum Ministro, se não tiver engenho para applicar o especulativo ao pratico. He muy proprio dos sabios, diz *Santo Agostinho Epistol. 1. ad Macedon.* quanto mais confiaõ em suas forças, cahirem em mayores erros; e *Ulpiano* diz na ley *Si servus servorum §. sequitur 91. ff. de verbor. oblig.* que as mais vezes os sabios confiados em a authoridade de suas letras, erraõ; e a experiencia o mostra cada dia; porque não basta saber as regras, para governar bem, se falta o engenho, e applicação da sciencia como effeito do q̄ se trata; e assim vemos, que muitos, sendo muito sabios, erraõ muito, porque lhe falta o dom de saberem applicar, e estes seraõ muy bons para mestres, mas muy máos para Ministros. Não he bom Medico o que sabe mais aphorismos de *Hipócrates*, ou canones de *Galeno* para curar o enfermo, mas o que ainda que sabe menos, applica melhor; e por isso nem todos são bons para os officios, que são prova dos engenhos, que nem todos são de ouro, se não os mais de alquime, porque tem só as apparencias em a cor, que facilmente se perde em chegando ao toque da experiencia.

Convem a todos, e muito em particular aos Ministros, cultivar o engenho com o estudo, e com o exercicio; porque o mais perfeito diz *Cassiodoro lib. 2. Epistol. 16.* sem o estudo enferma, e *Ovidio lib. 4. de Tristibus* escreve, que em se deixando envelhecer o engenho com o descanzo, se entorpece, e se diminue. He necessario cuidar de luzir cada dia com fios no trabalho, que *Apelles* não fora tão excellente Pintor, se deixara passar dia sem lançar linha; *Bartholo*, Principe dos Juristas, se perdera dia sem estudo; que este he o alento com que se aviva, cresce, e multiplica o entendimento,

dimento, como ena *Esaias no cap. 28.* e não se fiem os engenhosos do adagio: *Cria boa fama, deita-te a dormir;* que o fogo huma vez encendido, ainda que adormeça, facilmente revive; mas se se apaga, difficulosamente se torna a accender; porque melhor foa este adagio emendado por Petrarcha: *Cobra boa fama, e conserva-a,* que não he menos gloria conservar o adquirido, q̄ ganhado de novo; antes mayor razão de boa prudencia he pôr mais força em conservar, que adquirir de novo; porque em a omiffão deste não se perde a opiniaõ, como dando passos atraz em o adquirido, em que se perde a fama; e com ella mais do ganhado, que he a opiniaõ estimada no mundo mais que a substancia.

Concluimos, que os Ministros haõ de ser engenhosos, e que se devem escolher entre os sabios para Ministros os mais engenhosos; o que será facil achar entre tantos sугeitos, sem que se possa dizer, que este seculo he estéril delles; porque tambem os produz como os passados, e ainda mais cultos, e sublimados, quanto he mayor a differença da doutrina, e letras do tempo presente ao dos nossos mayores; e a Divina Providencia, a quem particularmente toca a conservação dos Reynos, já mais se esgota; antes quãto mais cresce a necessidade, superabundã, e provê mais do necessario; e se parece que ha algum falta, he ou porque, como escreve *Veleo Petrarcha lib. 2.* naturalmente louvamos de melhor vontade o que ouvimos, do que o que vêmos; e olhamos com veneraçãõ o passado, e com enveja o presente, cren-do, que neste nos enganamos, e na-

quelle nos instruimos; ou porque, como escreve *Cesar lib. 2. de bello civili,* he vicio commum da natureza, que confiemos nas cousas que não vemos, mais que nas que experimentamos; ou porque não se buscaõ; ou finalmente porque se não admitem os que se offerecem para castigo de culpas mayores; porque este bem entre os mais tem os Príncipes, que todos os buscaõ, e se offerecem para que tenhaõ bem, e melhor que eleger, e o possaõ fazer com facilidade, e sem cuidado, se os olhos dos conselheiros estaõ limpos de affectos humanos, vapores, que escurecem a claridade do juizo verdadeiro em a justiça distributiva; porq̄ supposto que o Principe como Sol dispenda rayos da luz de sua graça, e beneficios iguallmête sobre todos os edificios de sua Republica, e áquelles he preciso que communique, e dê mais luz, que saõ mais levantados de engenho, e tem mais portas, e janellas abertas de intelligencia, e razão, por onde possaõ entrar os rayos de seu favor, resplandecendo em muitas mais virtudes, que os fazem mais idoneos, e merecedores do governo dos negocios publicos, diz *Patricio de Regib. lib. 9. cap. 6.* se os capiteis, e torres levantadas dos grandes, e privados, como mais chegadas à luz, não impedem com a sombra da sua grandeza, e poder a direcção dos rayos Reaes, e distribuição de seus beneficios em os mais eminentes em o conhecimento, como he verosimel, que não impidaõ, por não darem conta a Deos; sendo que o contrario cantou certo Poéta nos seguintes versos:

Et preversi resident celso moxes solido,

Latet obscuris condita virtus clara tenebris:

Ingenium quinam fuerat pretiosus auro,

Nunc est barbaries grandis habere nihil.

L I Ç A M XI.

Da Eloquencia.

HE a eloquencia huma sabedoria, que falla copiosamente, ministra, e companheira, da sciencia, accomodada para o movimento dos animos do Povo. Pouco sabe quem não sabe fallar; porq̃ as mais profundas noticias de qualquer arte, sem linguagem formosa, que as explique, são como Cythara bem temperada em mãos de hum homem pouco destro. Os conceitos mais subtis sem o adorno do estylo, são formosura desgrenhada, estatua sem polimento, que movem mais que a admiração, a lastima; e pelo contrario moderados pensamentos com o atavio de hum estylo galante, fazem a hum homem com razão applaudido; e por isso se vêm fugeitos leigos, celebrados dos mais sabios pela excellencia do idioma: porém nenhum ignorante da eloquencia ha tido lugar entre os primeiros, como disse *Salomão não cap. 16. dos Proverbios*: razão porque elle crevendo Alcibiades, como refere *Alexandre ab Alexandro cap. 15.* huma Satyra contra os Muficos, em que descobre mais os vicios de sua vaidade,

Silvestres homines sacer, interpresque deorum

Cædibus, & victu fædo deterruit Orpheus,

Diçtus ob hoc lenire Tigres, rapidosque Leones:

Diçtus & Amphion Thebanae conditor arcis,

Saxa movere sono testudinis, & prece blanda

Ducere quo veler.-----

Que traduzio com periphraza elegante em assumpto Poético D. Antonio Soliz, Sol dos Poetas do seu seculo, e luz dos Apollonicos do nosso tempo:

A los hombres de duros coraçones

Pudo el sagrado Orpheo

Las muertes diffuadir con las razones:

Del manjar torpe, y del delicto leo

que os defeitos desta sciencia, lhes dizia: *Estudem os Thebanos a musica para sollicitarem agrado em os ouvintes, porque são curtos em o idioma; que aos Athenienses a eloquencia lhes basta, para fazerem-se ouvir.* Que mais candencia, que a de seus periodos? Que numeros mais sonoros, que os do seu Rhetorico estylo? Aquem venera, como nos outros, a Pallas, e Mercurio, como dignidades protectoras, não lhe está bem o estudo desta arte: pois Pallas fez em pedaços com os pés o primeiro instrumento dos Muficos, que viraõ os olhos; e Mercurio Murcias, excellente em a arte, por pertender competencias, lhe tirou com afronoso castigo a vida. A força de eloquencia significaraõ os Poetas em Orphéo, Archiloco, Philoxeno, Amphiam, e outros, de quem referio a antiguidade fabulosa, que com o suave canto moviaõ as pedras, domesticavaõ as feras; não havendo sido assim se não que com a suavidade de suas razoes reduziraõ os homens barbaros a Povoaçoens, e Cidades, sendo, como eraõ, de mais empedrenidos; e silvestres coraçoes, que as mesmas feras, habitando os montes, e os bosques mais incultos. Assim o refere *Horacio na Arte Poética ad Pisones*:

Los reduxo a concordia, e policia;

De que nascio el dizir, que las armonias

De su lyra, sus voz, y sus canciones

Amançavan los Tigres, e Leones;

Y por la misma acion, al dulce encanto

De la voz de Amphion atribuyeron

El atraer las piedras, que obedientes

La muralla de Thebas erigieron,

Siendo

Siendo entre aquellas gentes
 Hazaña fabulosa de su canto,
 La verdadera gloria de su nombre.
 O coraçon del hombre,
 Como prodigio, se trató el llamarte
 A la razon! O quanto
 Acertó aquel, que para retratarte,
 Puzo tu semejança en q̄ estuvieras
 Comparado a los riscos, y a las fieras!

que bem mereciaõ este opprobrio pela ignorancia da lingua Latina; porque em todo o genero de sciencia se haõ aventajado os Latinos, e era grande presumpção esperar que fosse bom discipulo, quem naõ estudasse nella como mestre. Rapsaces, Capitaõ dos Assyrios, naõ descobrio mais suave meyo para ganhar a vontade dos Cidadãos, que estavaõ em Jerusalem, que fazer-lhe huma oraçaõ na lingua Hebréa.

Depois das linguas se deve aprender a Rhetorica, q̄ he: Huma arte de bem fallar; huma força, e facultade de perceber, e achar tudo aquillo, que póde ser persuadido em cada hũa das cousas. Ser eloquente consiste, como escreve *Cassiodoro sobre o Psalm. 73.* em saber achar com agudeza, em annunciar com clareza, dispor sem confusão, figurar com variedade; ou, como diz o mesmo, em dispor com aptidão, contar com clareza, arguir com acrimonia, colher com fortaleza; e nada disto se póde fazer sem Rhetorica, que dispoem todas estas cousas por regras e preceitos: nella se achaõ os exordios bem ordenados, as narraçoens com certeza, as confirmaçoens com efficacia, os periodos com elegancia: nella se inculcaõ as Metaphoras discretas, as figuras compostas, os Tropos proporcionados; e ordenado as cousas pelo acertado discurso das palavras, facilita o impossivel, abrandando o estudante, reprime o impetuoso, modera o apaixonado, reprehende o vicio, inclina ao ajustado; tudo alcança, tudo se lhe rende, como disse *Quintiliano*: *Omnia faciliora facit ratio, ordo, & modus*; pelo que escreve *Cassiodoro lib. 1. Epist. 6.* que Theobaldo, Rey dos Godos, dizia, q̄ sobre todas as artes amava a Oratoria, como ornamento de todas as letras; porque tudo quanto concebia o entendimêto em qualquer sciencia, o representava aformoleado com eloquencia, fazêdo que as cousas commuas pareçaõ admiraveis aos mais sabios,

Naõ se pode fallar com eloquencia sem saber primeiro a lingua materna, e depois a Latina, e as mais das naçoens com que mais se trata, e com as quacs tem o Principe mais communicação, assim porque tem muitos livros de grande erudição, que se naõ podem desfrutar sem entenderem as linguas, porque são estas necessario principio para o conhecimento delles; e sem estes primeiros elementos naõ se póde entrar pelo artificioso mixto de seus discursos; pois como disse *Quintiliano*, para conhecer as cousas mais superiores, he necessario investigar primeiro os seus principios; nem póde transcêder pelo mais arduo quem naõ chega a penetrar o menos difficil: *Nemo in maioribus eminet, cui minora deficiunt.* He tambem necessario o conhecimento da frase estrangeira, quando succeda ir àquelles Reynos, ou por interesse proprio, ou por mandado dos Principes, para que saibaõ fallar na sua lingua; porque o melhor meyo para obrigar, e conseguir o pretendido, he pedillo na lingua de quem o ha de dar, como conheceo *Themistocles*, que fugindo de sua Patria para El Rey da Persia, e dizendo-lhe este, que propuzesse os seus interesses, lhe pediu hum anno para aprender a lingua, e poder fallar-lhe; no fim do qual fallou ao Rey no seu proprio idioma, e conseguiu muitos favores. Os Romanos chamaõ barbaras às mais naçoens, q̄ naõ sabião a lingua Latina, sendo taõ commua como o seu Imperio; e Santo Thomaz commentando o primeiro livro dos Politicos de *Aristoteles*, disse,

bios, e que as cousas grandes pareçam pequenas, e as pequenas grandes, como disse Sócrates segundo *Publio Maximo lib. 8. apoph.* Companheira da Rhetorica he a Dialectica; aquella dispõe as palavras, esta convence com os argumentos; sem disposição não se entendem as cousas, sem os argumentos não se manifesta a verdade:

*Rhetorica est palma juvenilis, Dialectica pugna;
Hæc punat palmam, sed tamen illa ore fert.*

Em nada nos distinguimos dos brutos mais que no entendimento, e no fallar bem, e ordenadamente, e se nos falta a Rhetorica, e o conhecimento das linguas, como nos distinguiremos dos brutos, não se nos entendendo o que propomos, ou não explicando o que entendemos? Toda a arte de bem fal-

*Eloqui candor, facundiaque allicit omnes;
Sed multi res est tanta laboris opus.*

Nem basta para ser eloquente, saber a lingua, e a Rhetorica medianamente, se não que he necessario, que cada hum procure sahir o mais aventajado que ser possa: porque diz *Plutarcho na vida de Licurgo*, que he melhor não aprender nada, que aprender mal; e *Seneca* perguntado como se po-

*Vir sapiens dic raro, & meditata loquere,
Sæpè loquax verbis proditur ipse suis.*

O modo com que fallamos, nos dá a conhecer pelo que somos, e pelo que sabemos; porque segundo *Santo Ambrosio lib. 1. de Officiis cap. 19.* são as palavras espelhos, em que se deixa ver o entendimento: *Speculum enim mentis plerumque in verbis refulget*; e por isso levando hum pay a hum filho para

*Qui citò velox loquitur sine pondere verbum,
Errat; demissum non revocare potest.*

No que escrevemos se estampaõ mais

estes obrigaõ com efficacia, aquella explica com clareza, que he a principal parte da eloquencia, como disse *Quintiliano: Perspicuitas orationis summa vis est*; e por isso chamou o Poeta *Wem* a Dialectica bellicosa contenda, que se coroa com a palma da eloquencia:

lar se reduz a tres pontos, segundo *Aristoteles lib. 3 Rhetoricorum cap. 1.* em achar cousa que mereça fé, em dizer o que concebeo, e cuidou, e em dispor commodamente o q achou. Sem lingua, e sem Rhetorica nem se acha, nem se diz, nem se dispõe. *Alciato Emblema 181.*

deria fallar com eloquencia, respondeo, como elle mesmo refere *lib. 10. Rhetoricorum*, que não se dizendo nada, q não se soubesse bem; e por isso disse o Poeta *Inglez*, que o varão sabio não fallava as cousas se não depois de huma larga meditação sobre o que havia dizer:

que lhe examinasse o seu talento, lhe disse: *Falla para que te veja*: nas palavras, diz *Quintiliano*, se descobrem os costumes, e segredos d'alma: *Prefert mores oratio, & animi mores*; e por isso disse *Wem*, que o que falla sem consideração, erra, porq depois de fallar errado não tem emenda o seu erro:

perpetuos os abonos da eloquencia, e

os erros da ignorancia; porque a escriptura he hum espelho, em que vêm os presentes, e os futuros ofêo, eo formoso do q escreveo: as palavras não tem

mais duraçãõ, que a que lhe dá o vital, e instãtaneo alento: a escriptura impressa em mortos pergaminhos, se eterniza por muitos seculos, como cantou Wé:

*Sit verbum vox viva, licet vox mortua scripta,
Scripta diu vivunt, non ita verba diu.*

São as palavras fieis mostradores das obras: he a escriptura final muy certo do entendimento: por aquellas se vê o homem qual he, como disse Tulio:

est homo; qualis autem homo, talis ejus oratio, orationi autem similima facta, factis vita, e por esta se conhece quanto labe, como escreve Wem:

Quivis cujuscunque affectus est, talis

*Lingua sagax aperit clausa mysteria cordis,
Scriptura dicit vox sine voce loqui.*

Ingeniosus, at imprudens absque cibo sal

Doctus inurbanus quid? cibus absque sale.

E melhor que todos Santo Agostinho, que em huma carta, que escreve a S. Jeronymo, lhe diz, que por seus escritos ha conhecido o seu entendimento. Muito cuidado se deve pôr no que se falla, mas muito mais no que se escreve; porque o que se falla, facilmente se pôde negar, ou confessar com limitaçãõ, ou ampliaçãõ; mas o que se escreve, nem se pôde negar, nem limitar, nem ampliar.

Esta prenda de que todos necessitãõ, devem ter com mais excellencia os Ministros publicos; e *Plutarcho no Compendio de Cicero a Demosthenes* quer, que esta seja a chave mestra, que lhes abra as portas das Republicas para subirem aos governos; e com razãõ; porque q aproveita ao Theologo saber muitas Theologias, se não sabe publicallas com ornato nos Pulpitos, e ensinallas com arte nas Cadeiras? Que aproveita aos Juristas saber muitos textos, e decisõens, se no Tribunal não sabem explicar o seu voto, nem na Cadeira declarar a duvida, que lhe propoem as partes, nem em casa lançar atençaõ, ou proferir a sentença? Que aproveita ao Capitaõ saber muito da arte militar, e ter nella muito exercicio, se não tem eloquencia para persua-

dir aos soldados à batalha, nem para animallos no conflicto? Que aproveita ao Polttico o saber muitos dogmas da Politica, se não tem eloquencia para persuadir ao Povo, q se incline à paz, ou se applique à guerra.

Escreve *Pedro Galatino lib. 4. cap. 6. de Arcanis Fidei*, que os Israelitas não elegiaõ para Ministros, se não os que sobre saberem setenta linguas, tinhaõ o dom da eloquencia, com a qual, como escreve *Cicero de Arte Reticæ*, se edificaõ Cidades, se evitaõ muitas guerras, se contrahem alianças, e se conseguem utilissimas amizades. Sempre são mais poderosos nas resoluçoens os que são mais eminentes na eloquencia, a qual ha conseguido felices negocios, e tal vez ouvidos da multidaõ, ha obrado muitos, e por isso dizia Marco Cataõ, que não havia ouvir em publico a Carneades, Cirtolão, e Diógenes; porque eraõ taõ poderosos com a sua eloquencia, que com ella persuadiaõ quanto queriaõ, assim o justo, como o injusto; e por isso disse o Poéta Inglez, que não havia cousa por difficil que fosse, q não persuadisse a eloquencia de hum bom Orador.

*Nil tam difficile est, quod non persuadeat, & non
Efficiat docti lingua diserta senis.*

Que traduzio D. Francisco de la Torre nos verios seguintes :

No ay difficuldad tan grande,
Que la eloquente efficacia
De la lengua no configa,
No facilite, y persuada.

De Girgias Leontinino escreve *Sivello libro 12.* que à força da eloquencia alcançou dos Athenienses todas as cousas, que havia vindo a pedir-lhe, que são effeitos da viva voz, imprimir em os coraçoes o que se diz com fervorosos affectos. Conta *Plinio no lib. 2. Epistol. ad Nep.* que lendo Esquines aos Rhodos huma oração de Demóstenes, que lhe causou admiracão, disse : *Que dissereis, se ouvesses ouvido ao mesmo dar força a estas palavras com sua mesma voz.*

Muito faz o animo em os casos militares, muito a industria em tempo dos negocios, muito a diligencia, e o trabalho em os perigos : porém mais huma boa lingua em todas as occasioens ; como enfina *Salomão no Cap. 16. dos Proverbios* ; e por ser isto assim, se escusou tanto Moysés com Deos, dizendo, que tinha ruim lingua para fallar com gente de Palacio, e tratar negocios não menos pezados

*Ancipiti eloquium longe penetrantius ense,
Hoc rabiem notam sedat, & arma virum.*

Que traduzido por D. Francisco de la Torre, diz assim :

Más penetra la eloquencia,
Que la más aguda espada ;
Talvez compone el affecto,
Que más ayrado se halla.

Ma's valeo a Julio Cesar ser eloquente, que valoroso naquella famosa derrota, que á força de huma oração

com ElRey, que difficultosos com o Povo, a que o enviava ; o que approvou a Magestade Divina, dando-lhe por adjunto ao eloquente Aram, que como homem muy cortezaõ, praticava com Faraó o que queria Moysés.

Daqui vem, que os Cabos, e Capitaens tanta necessidade tem de boa lingua para persuadir aos seus, como de boas mãos para vencer os contrarios. Assim o sentio o Mestre de Alexandre, encarecendo-lhe o muito que havia mister a eloquencia para a empreza, que tomava, lhe escreveo como se lê *no principio de Rhetorica ad Alexandrum*, que era absurdo, que aquelle, que se adiantava a todos na gloria das cousas que fazia, cedesse a outros mais humildes na eloquencia ; e bem o experimentou em todas as conquistas que fez, e em especial em aquella mais famosa delRey Dario, a cuja potencia já os seus, sem vir ás mãos, se rendião, se o magnanimo General não lhe reparara o animo com huma oração, que lhe fez antes da batalha. Isto mesmo, que escreveo o Mestre de Alexandre, cantou o *Poeta Wem no Epig. 106. do livro unico.*

que fez, deu aos Pompeanos nos campos de Sevilha, quando já os seus desalentados, viravaõ as costas, deixando-o nas mãos de Pompêo. Aquella celebre derrota, que padeceo todo o poder de Castella no tempo do primeiro Joáo, se deve ao grande Scipião Lusitano D. Nuno Alvares Pereira, igualmente valoroso, que eloquente, o qual com a valentia do dizer animou os nossos à batalha, que

recu-

recusavaõ, e com o valor do obrar fez, que todos animados com o seu exemplo, peléjassẽm com tal valor, que dentro em poucas horas se derubaraõ mortos a seus pés mais de vinte mil homens, pondo o resto, e seu Rey em afrontosa fugida. Naõ menos deve Portugal a famosa batalha de Montijo ao valor, que à eloquencia do grande Mathias de Albuquerque, que em fim naõ ha batalha, em que naõ tenha mais parte a eloquencia, que o valor; porque se os soldados acometem com furia, he pelo

fogo que lhes pega, o Capitaõ com suas palavras; e se tem em pouco afaltar huma bateria muy perigosa, he porque seu Cabo com sua eloquencia lha mostrou quasi derrubada: se naõ digaõ quem fez romper as linhas de Elvas, e vencer, e derrotar o poder de Castella, se naõ o fogo, que pegou nos soldados o immortal Andre de Albuquerque; pelo que com justa razãõ disse *Alciato Emblema 180.* que a eloquencia dos Cabos valia mais que a fortaleza:

Arcum leva tenet, rigidam fert dextera clavam,

Contegit, & Nemees corpora nuda leo.

Herculis hæc igitur facies? Non convenio illud

Quod vetus, & senio tempora cana gerit.

Quid quod lingua illi levibus trajecta catenis,

Quies fissa faciles allicit aure viros?

Annè quod Alciden lingua, non robore Galli

Præstantem, populis jura dedisse ferunt?

Cedunt arma togæ, & quamvis durissima corda

Eloquio pollens ad sua vota trahit.

Tambem daqui nasce, que os Ministros Politicos tanta necessidade tem de eloquencia para periuadirem a justiça, como de letras para separarem o justo do injusto; e por isso disse discretamente Demétrio, como refere *Laercio na sua vida lib. 5.* que tanto podia o ferro na guerra, quanto nas Republicas a eloquencia. Hum Ministro eloquente basta para ter em pezo huma Republica, que ameaça ruina. Bem descuidada estava Athenas, quando se elego por Ministro Phalerio, mas bastou a sua eloquencia a sustentalla em pezo por tempo de dous annos, que a governou: a perigosa idade de Nero, diz *Tacito lib. 4.* sustentaraõ Seneca com eloquencia, e Afranio com severidade. Como socegará o tumulto de huma Republica o Ministro, que naõ tiver eloquencia para representar os males, que motiva huma discordia, e os bens, que nascem de huma uniaõ? Como

comporá os Republicos desunidos, se naõ tiver eloquencia para encarecer os máos effeitos do odio, e os excellentes do amor? He a eloquencia, como escreve o Principe della *Cicero*, socia, e companheira da paz, e do descanço, e criadora das Republicas bem governadas; e se o Ministro a naõ tiver, como terá paz, descanço, e crescerá a Republica?

Naõ he eloquente o que he Rethorico verboso, nem o que usa de exquisitos vocabulos, e estendidas digressões, nem o que poem todo o seu estudo em flores, diz o Consulto na *ley 4. ff. de Excusatione tutorum*; mas o q usa de palavras honestas, graves, e compendiosas, como ensina o Principe da eloquencia *lib. 10. Rhetor.* e *Horatio Art. Poet.* aconselha, que a oraçaõ se naõ deve prolongar com periphraes, mas que se deve usar de palavras tais, que sendo poucas se inculque nellas muito, para que com mais facilidade

lidade se entregue à memoria o que se lhe manda :

*Quid quid precipies, esto brevis, ut cito dicta
Percipiant animi dociles, teneantque fideles.*

He a brevidade louvavel, quando se não diz nem mais, nem menos do necessario, como refere *Tito Livio: Brevisitas laudanda, quæ non minus, sed nec plus, quàm oportet, dicitur.* O dizer muito em poucas palavras, he parte principal de hum eloquente: me-

lhor he que fiquem os ouvintes com desejo de ouvir mais, que com fastio de ouvir tanto; porque a brevidade da oração he o melhor ornato com que se enfeita, e o tempero com que mais move o appetite, como disse o nosso João de Wem :

*Prespicua brevitare nil magis afficit aures;
In verbis, ubi res postulat, esto brevis.*

Grande erro corre em o nosso seculo nesta materia, em que os mais falladores, e os que gastaõ muitas folhas com muitas flores, e poucos frutos, são reputados por eloquentes, não sendo assim; porque a eloquencia se funda em a prudencia, e sabedoria, e mais actos do entendimento; e com isto mereceo Cicero a primazia entre os Latinos, Demósthene entre os Gregos, e se haõ acreditado muitos de eloquentes; como entre nós D. Francisco de Portugal, Conde do Vimioso, de quem refere Damiaõ de Goes, que era chamado o Cataõ Portuguez. Pericles, de quem se escreve, que sendo perguntado Archidamo, se era melhor soldado, respondera, que Pericles era dotado de tanta eloquencia, que supposto que fosse vencido por elle na guerra, quando fallava nestas cousas, o fazia com tanta elegancia, que mais parecia vencedor que vencido. Cineas, de quem dizia Pirrho, que com as suas discretas oraçoens assim inclinava os animos de todos às partes que queria, que reconhecia dever a ellas mais Cidades, q̄ lhe haviaõ adquirido, que a força, e valor de seus exercitos. Guilherme Belay, de quem dizia o Imperador Carlos V. que mais temia a sua eloquencia, que os exercitos de seu Rey. Licinio Calvo, de quem se conta, que estando accusan-

do a Vatinio, o fazia com tanta valentia no dizer, que se levantou Vatinio, e disse aos Senadores, que era injusto que elle fosse condemnado, porq̄ Licinio era eloquente.

Naõ basta que seja preclara a eloquencia, nem que seja torrente, e rapida, nem que seja clara, e copiosa, nem cheya, e perfeita, nem doce, e ornada, confiada, grande, singular, e aprazivel, nem finalmente florida, e sonora, se sendo preclara, se não souber usar della; se sendo torrente, e rapida, se não souber moderar; se sendo clara, e copiosa, não for modesta; se sendo cheya, e perfeita, o não for de boa doutrina; se sendo doce, e ornada, não for séria; se sendo confiada, e grande, não for sabia, e prudente; se sendo singular, e aprazivel, não for util, e sem jaçtancia; se sendo sonora, e florida, não for justa, e virtuosa; porq̄ em outra forma será a eloquencia na boca do máo, como o cutello na mão do louco, o enfeite na mulher ruim, a força no frenetico, o mel na peçonha, o veneno em copo de ouro, e o ouro no avaro; enada taõ inhumano, e pernicioso, como converter a eloquencia, que foi introduzida para a conservação, e bem publico, em peste, e prejuizo da Republica, exclama *Cicero lib. 3. de Officiis;* como o fez em Hollanda Guilherme de

de Nafao, amotinando o Povo contra seu legitimo Rey Philippe II. que com este levantamento perdeu com a religião a paz, e a quietação, andando sempre envolto em guerras.

Concluimos, que he necessario ser eloquente virtuoso todo o homẽ para ser felice; porque a virtude não está nas palavras, se não nas Obras, como bem ponderou Wem:

*Non est in verbis virtus, at rebus inheret,
Res sunt, non voces, spes, amor, atque fides.*

Mayormente nos Ministros Politicos, ou Militares, a quem muito recomendamos tres cousas, a primeira, que ulem do idioma, que melhor souberem, que este he conselho de Cicero lib. 1. de Officiis segunda, que no que differem, e fallarem, tenhaõ muita attenção, e principalmente no que escreverem, como disse Cicero de Orat. e tantas vezes fallamos, ou escrevermos, tantas somos julgados; terceira, que saibaõ as linguas das naçoens, que os seus Principes tem, e senhoreão, ou tem confederadas em a sua protecção, porque muitas vezes peñde o serviço do Príncipe, e faude do Reyno de huma espia, e não se acha interprete e se o ha de pouca confidencia, torce, acrescenta, ou tira da relação por ignorancia, ou malicia, deixando equivoco o que se deve saber, e o Reyno sem fruto de sua apprehensão. Philippe interprete de Atabaliba, Rey de

Cusco, interpretou taõ mal sua declaração, que lhe custou a vida; e Temistocles matou hum interprete del Rey de Persia, que fallava a lingua Grega, porque a usava a vontade dos Barbaros, e ainda que em os actos publicos não devaõ os Embaixadores fallar em lingua estrangeira, porque parece submissão, e os Principes tem por mayor grandeza, que a sua lingua seja reputada por mais universal; e por isso Cataõ Censorino, ainda que sabia a lingua Grega, não quiz fallar em Athenas se não na Latina: com tudo sempre he conveniente, que saibaõ a do Reyno, a que são enviados, para verem se o interprete relata fielmente o que se lhe propoem; e que não está o ponto em fallar muito, mas em dizer o melhor: assim como não he fecundo o campo, que gera muitos frutos, mas ruins, como ajuizou Wem, quando escreveu:

*Fecundus non est qui multa, at qui bene dicit:
Ut nec fecundus, qui male male gignit, ager.*

Razaõ porque Pio II. disse, que o arazoamento artificial move os ignorantes, e enfada aos discretos; porque se deleita, não aproveita; e a eloquencia infrutifera não aproveita, nem deve ser estimada, pois para curar os achaques morais, importa tudo q o remedio seja mais poderoso q o achaque: e assim como o enfermo não busca Medico eloquente, se não curativo, como escreveu Seneca: *Non querit ager medicum eloquentem, sed sanantem*; assim se devem eleger Ministros, que sa-rem as enfermidades dos Povos, e não

que os aliviem, ficando como d'antes enfermos.

L I Ç A M XII.

Da boa Presença.

NÃO ha prenda, que faça mais bem vistos aos homẽs, q huma boa presença, nem mayor testemunho de seu abono, que huma boa compostura, disse Seneca: *Gratior est in pulchro corpore virtus*, e cantou hum Poeta, quando disse:

Lucet

*Lucet in aspectu pietas, intrinseca virtus
Scribitur in vultu, probitas in imagine fulget,
Forma animi dotes, gestaque fama dabit.*

Nem meyo mais activo para grangear agradavel aspecto, como bem ponde-
respeitos, e veneraçoes, que hum rou Wem nos seguintes versos:

*Ut Sol in caelis, ut lux in Sole videtur,
Virtus in vultu sic habitare tuo.*

*Spectator quicumque venit, descendit amator;
Aut illum virtus, aut tua forma capit.*

Nem presumpção mais vehemente de
sua bondade, que o gesto aprazivel; e
por isso disse certo Poeta:

Del aspecto las virtudes
Podrás en él conocer.

Nem indicio mais forte para conhecer
as partes interiores do animo, que ter
boas exteriores do corpo, e por esta
razão affirma Santo Antonio de Flo-
rença 1. part. lib. 2. cap. 2. que a com-
postura dos membros exteriores he ar-
gumento da formosura d'alma; dou-
trina, em que são conformes Philoso-
phos, Juristas, e Medicos, ensinan-
do, e provando, que a natureza poem,
e cria em a compostura dos homẽs cer-
tos finais, e notas extrinsecas das vir-
tudes, e vicios intrinsecos.

He a boa presença huma recta pro-
porção dos membros, ornada com
huma cor decente; ou como diz Ci-
cero, huma apta figura dos membros,
composta com a suavidade da cor, a
quem chama Plataõ: privilegio da
natureza; Origenes triumpho dos va-
lentes; Sócrates suave tyrannia; Car-
neades Reyno solitario; Theopastro
brando engano, Theocrito damnoso
marfim; Zenõ flor da virtude; Aristó-
teles, e Seneca carta de recommenda-
ção: *Facies muta commendatio est*; ao que
alludio a Rainha Catholica D. Isabel,
quando levando-lhe hum mancebo de
agradavel presença huma carta de fa-
vor, respondeo: *Pauca necessitate ti-
nba da carta a vossa presença Plataõ*

lhe deu o segundo lugar nos bens da
fortuna: *Optimam bene valere, secun-
dum formosum esse, tertium habere di-
vitiis nulla fraude questas.* Atheno
lhe dá a mesma honra, e lhe assignala
o mesmo grão, preferindo-a amigos,
eloquencia, e mais bens. Demóstenes
naõ se contentou com lhe dar o pri-
meiro lugar entre os bens da fortuna,
mas ainda disse mais, que no corpo tem
dignidade Divina, e que como as cou-
sas Divinas já mais fartaõ, antes cau-
saõ com sua vista desejo immortal, af-
sim naõ se póde comparar com ella
couza mortal; e com isto concordaraõ
Homero, Diogenes, e Ovidio, chaman-
do-a dom Divino, dado graciosamente;
e Homero lhe dá o titulo de mãy das
virtudes; e por isso na sua *Ilhada* a to-
dos quantos gaba de boa presença, lou-
va de virtuosos. Os Juristas presumem
tanto da boa presença, que assentaõ,
que commtendo-se hum delicto en-
tre homens de má, e boa presença, car-
regaõ a culpa aos feyos; e muitos hou-
ve que affirmaraõ, que nascendo dous
de hum parto, sem se saber qual fosse
o primeiro, levasse o morgado o mais
formoso; e o mesmo resolvem nos feu-
dos, e ainda nos Reynos. *Fonseca no
cap. 7. do amor de Deos* lhe chama carta
de seguro; e notou, que assim como
Deos poz final em Cain para que ne-
nhum lhe fizesse mal, assim em toda
a pessoa de boa presença o poz para q
todos lhe fizessem bem.

E por estas razoes Plataõ no lib.
7. de sua Republica encomenda, que
para

para Ministros se elejaõ os homens mais formosos, que for possível; porque como diz *Patricio lib. 2. de Regno* a boa presença do homem accrescenta-lhe authoridade, e a deformidade diminue-lha, pois como diz *Heliodoro lib. 1. & 5. das Historias da Ethiopia*, a boa presença dá nobreza, e a vitta da formosura rende os coraçoes mais barbaros; e como escreve *Sócrates in Ecom.* sempre são desprezadas as couças, que não tem formosura, e as naçoens todas, e particularmente as mais barbaras, veneraõ a formosura, e nisto se deve pôr grande cuidado, ao menos que se não diga o que *Lolio* disse de *Galba*, que estava mal aposentada a alma em corpo tão imperfeito. Em *Lydia* julgavaõ as pessoas pela formosura, e os mais formosos eraõ os que levavaõ ao Templo os vasos sagrados; e os *Ephesos* condemnaraõ em huma grande pena a *Archidamo* seu Rey, porque calou com mulher feya, e defectuosa, dizendo-lhe, não pariria Rey, se não monstro; e as *Leys das Partidas de Castella* dizem, que case *El Rey* com mulher formosa, para que os filhos que houver, sejaõ formosos, e bem postos; e o que convem aos filhos, del Rey he, que sejaõ tais, que pareçaõ bem aos outros.

Os *Ethiopes* antepunhaõ muito a formosura em os repartimentos dos Officios, e em seus principios elegiaõ por Rey ao mais formoso, como conta *Fr. Luiz de Vereta na sua Historia de Ethiopia, lib. 1. cap. 3.* e em tempo dos primeiros Rey dividiaõ os gados, e campos conforme tinhaõ as caras. *Daniel* por sua formosura foi eleito por Ministro del Rey: *Tiberio* escolheo a *Ariobarcanes* pela sua formosura, para Rey de *Armenia*; os *Perfas* não consentiaõ succeder no Reyno a homem com notavel defeito; os *Romanos* não admittiaõ por *Virgem Vestal* alguma, que fosse defectuosa. Em o Testamento Velho

não se permittia, que tivesse defeito nenhum, o que houvesse de ser Sacerdote, nem hoje em a *Ley Evangelica* se admittem pelos *Sagrados Canones*, nem pelo *Direito civil* o exercitar officios aos defectuosos, como lêmos na ley *Cum Prætor §. non autem ff. de Judiciis*, e na ley *Cum furiosus ff. eodem*, porque causaõ delestimação.

A *Alexandre Magno* desestimou *Taléstria*, Rainha das *Amasonas*, vindo-o a visitar para ter delle filhos; porque não achou em aquelle Monarcha a formosura, que lhe havia promettido a fama de suas grandes façanhas; que todos os barbaros, diz *Quinto Curcio lib. 6.* veneraõ o magestoso, não crendo, que são capazes de obrar grandes couças se não aquelles, que a natureza dotou de admiravel formosura. Os *Egypticos* fizeram grande burla de *Agilão*, porque era de pequena estatura. *Lucio lib. 5.* conta, que *Catao* disse de homens Ministros Romanos, que foraõ a compor a paz entre os *Nicomedes*, e os *Perfas*, dos quais hum tinha hum feyo final na cabeça, e outro estava emfermo dos pés: O Povo Romano envia huns Ministros, que não tem pés, nem cabeça e no *liv. 6. da Chronica do nosso Rey D. João II.* lêmos, que dissera este perfeitissimo Rey o mesmo de dous Embaixadores, que lhe enviou *El Rey Catholico D. Fernando*, dizendo: *Esta embaixada de meu primo não tem pés, nem cabeça*; alludindo a que *D. Garcia de Carvalhal* era muy vão, e *D. Pedro de Ayala* era coxo de huma perna. Refere *Plutarcho in Phil.* que huma mulher *Megarense*, ouvindo dizer, que o Imperador dos *Achéos* vinha a sua casa, começou com grande cuidado a preparar a cêa, e adiantando-se o Imperador, chegou primeiro, e vendo-o a mulher pouco luzido, e de ruim presença, cuidou que era algum criado, que vinha diante, e lhe

mandou que a ajudasse: elle começou a cortar huma pouca de lenha, e chegando o marido lhe disse: *Que he isto Philopemon?* Ao que elle respondeu: *Estou pagando a pena de minha má cara.* Os Indios Orientais da regiaõ, a que chamaõ Care, desestimam tanto a fealdade, que tem Juizes assallariados, que visietem os meninos nascidos de dous mezes, e qualifiquem seu parecer se he sufficiente, para que fiquem com vida; e se são feyos, os mataõ.

Ainda que os de boa presença devaõ ser procurados para Ministros, não se deve com tudo fazer juizo total pelo aspecto; porque pode haver homem defectuoso em o exterior, que seja de aventajados talentos no interior; e, como escreve Cicero, debaixo de presença deformada se esconde muitas vezes formosa sciencia: *Sæpè sub sordido paliolo latet sapientia;* e no cap. 3. do *Eccles.* se lê, que não

Faustus inest pulchris, sequiturque superbia formam.

Assim o cantou tambem o Poéta Inglez, dizendo, que a formosura não he outra cousa mais que hum delirio

*Forma quid est hominis, nisi mens mala, vana voluntas,
Principium quodnam materiale nihil.*

E por isso aconselha o mesmo, que não leve nossos desejos a lisonja mentirosa da formosura, e que advirta-

*Materiam cum forma igitur ne suscipe,
Finis, & efficiens suscipiendus erit.
Lis est cum forma magna pudicitie.*

Entre os animais pequenos, e de ruim feitio he a abelha, e a formiga, mas esta he a mestra das virtudes, como diz São Chrysofomo, e aquella em seus frutos he principio da doçura. Entre as arvores desafia na altura as nuvens, e no frondoso das folhas querer superior às mais arvores o Carva-

se deve gabar o homem por seu rosto, mas deve-se examinar se corresponde a formosura do corpo às virtudes d'alma. Na *Epist.* 62. afirma Seneca que se enganaõ aquelles, que da formosura do corpo fazem argumento para a formosura das virtudes, porque as cousas, que concorrem para a deformidade do corpo, não suspendem o curso das acçoens generosas do animo: *Errare mihi videtur qui dixit gratior ex corpore veniens virtus, non enim ullo honestamento eget ipsa, magnum sui est decus, potest ex causa vir magnus exire, & deformi, humilique corpusculo, formosus animus, ac liber, & magnus;* antes se havemos dar credito ao que escreveraõ os Poetas, he a formosura principio do mayor vicio, segundo Ovidio, que afirma, que a soberba he companheira inseparavel da formosura.

Faustus inest pulchris, sequiturque superbia formam.

da razaõ, hum frenesi do entendimento, hum appetite vão, e huma vontade cega:

mos seus fins, e os damnos, em que tropeçaõ seus effeitos:

lho; e a Vide entre todas anda de rastro pela terra; mas esta, que na formosura não teve parte, produz alegres frutos com que se alenta a vida; e aquella, que toda se preza de formosa, he taõ escaça nos frutos, que a penas servem para alimetos dos porcos. Agefilão foi muy pequeno, e feyo, e COXO,

e coxo, mas muy sabio, e valoroso; e mandou que o não retratassem, que não queria que depois de sua morte se achasse cousa mais famosa, que a memoria de seus gloriosos feitos, que o retratassem mais ao vivo. Sócrates foi tão feyo, que parece se empenhou a natureza em estampar em seu corpo todos os defeitos, mas tão sabio, e virtuoso, que imprimio em si todas as virtudes do animo.

A eximia formosura do corpo não he mais firme que o tempo, com quem vem, e com quem foge; assim como se não póde fixar hum prégo na roda do tempo para que se não mude, assim se não póde fixar hum cravo na formosura para que não passe. A egregia compostura se funda em fragil, e debil fundamento do corpo, que desaparece à maneira de sombra, e não pode permanecer o accidente, se o fugeito não persiste, porque se os accidentes, ainda estando muitas vezes o fugeito, acabaõ, não podem de nenhuma maneira permanecer aquelles, destruido este. De todas as qualidades, que com o corpo mortal se desvanecem, nenhuma he mais veloz que a formosura, muy semelhante ao ramallete, que entre os mesmos olhos dos que o vêm juntamente, e admiraõ, se seca, e desvanece; não são só a velhice, o espaço dos annos, as enfermidades são os que à formosura fazem guerra, mas a mesna du-

raçaõ a consome, e tanto traz de gosto quando vem, quando deixa de desgosto quando se vai; e por isso houve Gentios, que pediaõ aos Deos a morte, antes que o curso dos annos lhes podesse tirar com pena a formosura, que possuiaõ com gosto.

Diz *Seneca nos Proverbios*, que assim como he formosa a pintura, em que não ha erro em parte nenhuma, assim he formoso o homem, em que não ha macula do peccado. Conta Plutarcho, que indo Philócrates de Macedonia, gabara muito a Demóstenes a boa presença de Filippe, de que rindo-se Demóstenes, lhe disse: *Que gabais em Filippe? a formosura; isso tem commum com as mulheres*; significando este prudentissimo Varão, que as virtudes de hum bom Rey de nenhuma maneira consistem na boa presença do corpo, mas em huma recta composição do animo.

Concluimos, que os Ministros se devem buscar de boa presença, se a ella corresponderem os bons costumes, sem os quais he a formosura como navio sem Piloto, como disse Sócrates, e bem alheo, que ninguem póde dar a si, nem defender, havendo-se-lhe dado, segundo *Laercio lib. 4. cap. 7. Mendonça no 1. l. dos Reys cap. 10.* e tambem, que não he para estimar muito o bem, que dura tão pouco, como cantou o Poéta Wem:

Quid fidis formae, populat quam morbus, & aetas.

E que a formosura tras consigo muitos danos, que difficulosamente se

Multis causa mali candida forma fuit.

Pelo que só devem ter preferencia, quando com a formosura corporal se

*Te quoque cor sapiens, gravitas, & gratia vultus
Eximit à populo, conspicuumque facit.*

evitaõ, como disse o mesmo Poéta: junta a formosura das virtudes; e destes fallou Wem, quando disse:

E *Alciato Embl.* 188. diz, que muitos tem formosa cabeça, mas vasia:

O quale caput est, sed cerebrum non habet!

L I Ç A M XIII.

Da Verdade.

HE a verdade, segundo *Aristóteles lib. 2. Meth.* huma adequação da causa com o entendimento; ou segundo *Santo Thomás 2. 2. quæst. 110.* huma parte da justiça, q̄ ordena nossas acçoens a satisfazer as obrigaçoens, que temos à humana sociedade; ou segundo outros, huma qualidade essencial das cousas, que divinamente cahem sobre o animo; ou huma força do mesmo animo, q̄ de si mesma profere valor, aonde indiffinitamente as forças do animo se propagaõ; ou segundo *Epiménedes*, he a que rege os Céos, allumêa a terra, sustenta a justiça, governa a Republica, confirma o q̄ he claro, aclara o q̄ he duvidoso, e com ella todas as virtudes tem sua perfeição; ou segundo *Chilo*, huma homenagem, que nunca cahe, hum escudo, que se não passa, hum tempo, que não se muda, huma flota que não perece, huma flor, que não se murcha, hum mar, que não se altera, hum porto donde nada periga; ou segundo *Plataõ*, hum centro donde repouso todas as cousas, hum norte por donde todo o mundo se governa, hum antidoto com q̄ todos se curão, huma sombra aonde todos descansão, hum terreiro donde todos tiraõ, hum alvo donde poucos acertaõ; ou segundo *Echines*, huma força sem a qual a fortaleza he fraca, a prudencia he malicia, a temperança he miseria, a justiça he sanguinolenta, a humildade he traydora, a paciencia he fingida, a castidade he vãa, a riqueza he perdida, a piedade he superflua; ou segundo *Anaxágoras*, huma faude, que nunca enferma, huma vida, que nunca morre, hum electuario, que a todos

fara, huma lua que nunca se eclipsa, huma porta q̄ a nada se cerra, hum caminho, que a ninguem cança. He finalmente a verdade hum dos mayores attributos de Deos, que disse por *Zacharias no cap. 8. num. 8.* fallando com os moradores de Siao, e Jerusalem, que se a seus olhos lhe pareciaõ poucas as reliquias, que lhe ficavaõ, não feria difficil aos poderosos ajuntar outros do Oriente, e Occidente, trazendo-os a habitar em meyo de Jerusalem, constituindo-se por seu Deos da verdade, e da justiça, que saõ os attributos, de que mais se preza nosso verdadeiro Deos; e por acreditar mais a verdade, disse Christo de si mesmo, como refere *S. João no cap. 14. n. 6.* *Eu sou caminho, verdade, e vida, e ninguem pôde chegar aos olhos de meu Pay, se não he por mim;* e o mesmo *São João na Epistol. 1. num. 6.* querendo dar a conhecer a Christo Senhor nosso, escolheo por melhor meyo para conseguir o intento, dizer: *Christo he verdade.* Não se contentou o Eterno Padre com declarar-se por Deos da verdade em *Zacharias*, nem que o mesmo Filho se chamasse verdade, e que *São João* dissesse, que Christo, e a verdade eraõ huma mesma cousa; mas tambem quiz, que o Espirito Santo, que procede de ambos, ficasse conhecido tambem por Deos da verdade; e assim mandou ao Filho, como escreveo *S. João no c. 16. num. 3.* dizendo aos Apostolos com a ternura, que lhe causava o fallar em apartar-se delles para ir-se para o Pay, vendo seus coraçoes affligidos, e dizendo-lhes grandes mysterios, rematou, q̄ tinha mais cousas q̄ dizer-lhes, porém que não estavaõ capazes de entendellas até que o Espirito da Verdade viesse a ensinar-lhes toda a verdade; e quasi todo o Evangelho de *S. João*

no cap. 4. está semeado de apoyos da verdade; referindo o myſterio da Encarnação, diz, que habitou com os homens o Filho de Deos, que verãõ ſua gloria, que como filho Unigenito do Pay eitã cheyo de graça, e de verdade, e *David Pſalmo 118. num. 142.* chama verdade á ley de Deos; e o mayor theſouro, que o professor della pôde ter, he a verdade, como enſina o *Eſpirito Santo no cap. 23. dos Proverbios num. 23.* He a verdade em ſumma hum licor ſuaviſſimo, que ſe tal vez deixa humilharſe das aguas da falſidade, torna a ſahir em o creſpo de ſuas ondas mais reſplandecente: com a ley ſe deſcobre a verdade, como eſcreve *Platão: Lex eſt veritatis inventrix*, porque com a falta deſta ſe hia já perdendo o conhecimento della em o mundo, que com a ley, imitadora da verdade, ſegundo o meſmo *Platão: Lex eſt veritatis imitatrix*, a conſerva no coração dos homens.

Em aquella diſputa, ſobre que couſa era de mayor poder diante daquelle Rey Gentio Dario, depois de ſe haver ponderado o poder del Rey, do vinho, e da mulher, concluhio Zorabadal com vivas razoens, que era mayor a força da verdade; e por iſſo o ſubio El Rey á mayor privança, como refere *Eſtobéo Sermaõ 11.* Perguntando Pithágoras, que couſa fazia os homens mais ſimilhantes a Deos, respondeo, que o fazer beneficios, e exercitar verdades. He huma tocha a verdade, que com nenhum vento ſe apaga, e com nenhum ar ſe move, ainda que mais a cerque o vento da contradicção: he hum theſouro, diſſe Demétrio, tão rico, que o eſconde a natureza nas entranhas da terra, e ſe deſcobre com o tempo, pelo qual a chamou hum Poéta Grego (ſegundo refere *Aulo Gelio lib. 12. cap. 12.*) filha do tempo: *Veritas temporis filia*; que ainda que às vezes, como velho, tarda mais do que ſe queria

ao fim, atraz deſſes paſſos tão medidos, e paufados, quando menos cuidão os que a deſejaõ, a vêm chegar em ſeu ſocorro; por tanto, em ſimilhantes apertos, he muy bom ter ſabido o conſelho de *Seneca lib. 2. de ira cap. 22.* que diz, que ſempre ſe ha de eſperar tempo para q̄ ſe aclare; porque não ha couſa tão occulta, e eſcondida, que ſe não venha a ſaber, como eſcreve *São Lucas cap. 12.* Poucos tutores ha miſter a verdade, porque ella meſma acode à ſua juſtiça; ainda que no mar da mentira a aſſaltem os collarios da trayção, engano, maldade, e aleivoſia, não a renderão, pois bem pôde a falſidade com ſua inchada eſpuma fazer por aſſogalla, mas não o alcançará, porque quando mais ſumida a tem as aguas da tormenta, ſe levanta dentro das ondas, como lua cheya, quando ſe eleva ſobre o horizonte, que parece a eſcurecem os crús vapores da terra, porém em pouco eſpaço deſcobre ſeu roſto claro, e prateado; e por iſſo diz *S. Chryſoſtomo homilia 3.* tal he a condição da falſidade, que ainda ſem haver quem a pertenda deſcobrir, ſe conhece; tal ada verdade, q̄ ainda havendo quem a impugne, ſe manifeſta; e Cicero exclama: *Oh grande força da verdade, que por ſi meſma ſe defende contra os engenhos, aſtucias, e trayçoens de todos!* He a verdade como a Palma, que quando mais opprimida, mais direita ſe levanta: aſſim o diſſe Cicero: *Multorum improbitate depreſſa virtus emergit, innocentie deſenſio intercluſa reſpirat*; e o experimentou, pois ſegundo refere *Plutarcho in vita Catonis*, cincoenta vezes em diverſos tempos, por diferentes delictos foi accusado entre os Romanos, mas em todas ſahio livre. Noventa e cinco vezes foi expoſto em juizo *Ariſtophanes* entre os Gregos, e em todas ficou ſem culpa; porque àquelles, que a verdade defende, tarde, ou cedo os poem em ſalvo.

Quod verum est, lateat quàmvis, aliquando patebit.

He taõ estimada a verdade, que naõ ha naçaõ, por mais barbara que seja, que naõ faça della o mayor apreço. Os Athenienles a amavaõ tanto, que houve ley em aquella Republica, pela qual absolviaõ ao Rey, que confessava seu delicto, como conta *Alexander ab Alexandro lib. 3. cap. 5.* Os Lacedemonios naõ queraõ vella em boca de gente ruim, e assim quando algum homem de máo nome dizia alguma sentença, cuja verdade se affentava, mandavaõ a pronunciaffe outro de boa fama. O mesmo achamos, segundo *Santo Ephrem. tom. 1. cap. de lingua mala*, haver significado a Magestade encarnada, quando mandou aos demonios, que callassem, e naõ o publicassem por Christo, para que huma taõ grande verdade naõ se ouvísse por lingua sacrilega. Epaminondas nem de veras, nem zombando dizia, ou consentia dizer cousa contraria ao que sentia. Xenócrates pela opiniaõ que tinha de verdadeiro, era crido sem juramento em qualquer caso, que testemunhava. Del Rey D. João II. escreve *Mariz dialog. 4. cap. 12.* que era taõ verdadeiro, que nunca se lhe ouvira dizer huma cousa por outra, ainda que fosse em materia leve. De Frey Antonio Lourenço, Franciscano, escreve *Barros decad. 2. lib. 7. cap. 3.* que estando captivo em Cambaya, pediu licença para vir a Góa tratar do seu resgate, e por naõ poder negociar dentro do tempo, que prometteo, se voltou ao captiveiro de que admirado o Rey, lhe deu liberdade, e a todos os mais Portuguezes captivos. Similhante caso conta *Cabreira em a Historia del Rey Filippe II. lib. 12. cap. 18.* do Doutor Balthasar de Amaral, Corregedor da Corte, que sendo captivo em a batalha del Rey D. Sebastiaõ, e vindo com licença dos Mouros a tratar do seu resgate, depois de haver feito o que ha-

via vindo fazer, se tornou ao captiveiro, igualando o que fez Atilio Régulo, que sendo Capitaõ dos Carthaginezes, e havendo promettido ao Capitaõ Xantipo, de tornar, quiz mais cumprir huma palavra, tornando para receber a morte, que ficar em Roma salvo, e mentiroso. Estando em Calecut captivos certos Portuguezes em tempo de Lopo Soares de Albergaria, mandavaõ hum unico a pedir ao Governador fizesse pazes para que fossem livres; e por naõ parecer conveniente a Lopo Soares fazer pazes, disse ao menino, se deixasse ficar, mas elle antes quiz ir para o captiveiro, que faltar à verdade que havia promettido. Do nosso Infante D. Fernando diziaõ os Mouros fora Santo, se fosse Mouro, por tres razoes, primeira, porque nunca mentia, segunda, porque sempre orava, terceira, porque era virgem.

Todos os elogios, e triumphos da verdade saõ afrontas, e vencimentos da mentira, que he huma falsa significação da voz, com intençaõ de enganar, a quem *S. João no cap. 5. n. 4.* dá por pay o diabo; e *Santo Agostinho tractatu 42. in Joan.* diz, que como Deos gerou ao Filho, que he a Verdade, o demonio, havendo cahido, gerou como filha a mentira; e *David Psalm 5. n. 7.* testemunha, que Deos perderá todos os mentirosos, e que parecerá o que fallar mentira. Em os *Proverb. cap. 9. num. 90.* ameaça Deos de tres cousas, que nos mesmos *Proverb. cap. 6. num. 16. e 19.* afirma que aborrece; huma he a mentira, e outra o testemunho falso, que he o mesmo; e em o *cap. 22. num. 22. dos Proverbios* diz, que saõ abominação para Deos os beijos mentirosos; e *Job cap. 72. num. 4.* se recata tanto da mentira, que diz, que a naõ permittirá à sua lingua, nem ainda pensar nella. Em Sardenha diz *So-*

ino. cap. 10. ha huma fonte, donde metião ao que jurava, e se havia jurado mentira, sabia cego, e se dizia verdade, ficava livre. Em Lienna havia outra, que era gostosa, e agradavel aos que bebiaõ, se fallavaõ verdade, e pelo contrario aos que a não diziaõ. *Plataõ Dialog. 12. de legib.* poz huma ley contra os mentirosos, que se agora se obliervara, nem se mentira tanto, nem tantas vezes enganaraõ os homens huns aos outros; diz pois, que quando algum official de nossa Republica tomar qualquer obra, com obrigação de acaballa dentro de certo tempo limitado, se o tal não cumprir a verdade, primeiramente Deos o castigará, e sem isto desde agora o condemnamos a que pague o valor em que se havia concertado pela dita obra, e que a acabe logo, sem que por isso se lhe satisfaca cousa alguma. Mayor a que usavaõ os Masilenses, entre os quais havia ley, que se havendo libertado algum amo a seu escravo, depois disto o tal mentisse a seu amo, o mandavaõ tornar à escravidão. Mais adiante passavaõ os Lycios, dos quais escreve *Heráclides lib. 1. de Politiis*, que em colhendo em mentira a qualquer pessoa, sem terem respeito a qualidades, primeiramente a vendião em publica almoeda, e ainda que elle, e toda a sua geração fosse livre, ficava por captivo; e para que lhe não ficasse esperança de resgate, lhe confiscavaõ toda a sua fazenda, deixando-o não menos pobre de fazenda, que de liberdade. Os Indios aos que mentião lhe punhaõ silencio perpetuo. ElRey Artaxérxes mandou furar a lingua com tres cravos a hum Soldado, que mentio. Do nosso Rey D. Diniz se conta, que lhe ouviaõ dizer, que nenhuma cousa mais o offendia, que huma mentira; e com razaõ devem ser castigados os mentirosos, pois, como diz Aistóteles, não póde haver cousa mais prejudicial em

as Republicas, que homens mentirosos, que não merecem credito, ainda quando fallaõ verdade; razaõ, que bastava para que todo o homem fugisse deste vicio.

Sem esta virtude da verdade não póde haver honra, nem estimaçãõ, porque conforme ao que diz Pio II. o mentir he de pessoas baixas; e assim assentamos, que por nenhum caso póde mentir nenhum Christaõ, ainda que da mentira podessem resultar grandes bens; pois nunca se haõde obrar males por conseguillos, como escreve *São Paulo ad Roman. cap. 3. num. 8.* mas sobre tudo carrega mais esta obrigação sobre os Ministros, em os quais quer Deos a verdade no intimo de seus peitos, e que ainda no exterior resplandeca no seu Pontifice Summo, por symbolo, e representaçãõ de quanto se agrada della; e assim consta do *cap. 28. do Exodo, n. 30.* e do *cap. 8. do Levitico num. 8.* que trazia sobre o peito huma figura, cujo titulo era Verdade. E o demonio para enganar aos simples com esta imitaçãõ, conta *São Francisco Xavier lib. 3. Epistol. 5.* que no Japão, o seu Pontifice se chama *Minxit*, que significa coração de verdade. Conta *Eliano lib. 14. de varia Historia cap. 34.* que os Egypcios observavaõ, que os Juizes fossem os mais justos, e sinceros de todos, e que para symbolo de sua pureza trouxessem ao pescoco huma imagem da verdade; e o mesmo escreve *Diodoro lib. 2. cap. 1.* dos Reys do Egyto. Os Ministros foraõ creados para separarem a verdade da mentira, e o justo do injusto, e mal podem os que não forem verdadeiros, e amigos da verdade, fazer esta separaçãõ com acerto, nem se póde esperar que sejaõ verdadeiros para os outros, os que são memoriosos para si.

Tres generos de Ministros tem todos os Principez do mundo que os servem, huns q são diabos, outros q são

saõ homens, e outros, que saõ Anjos: os primeiros saõ os lisongeiros, de que fallamos na sua Lição: os segundos saõ aquelles, que naõ vaõ pelo caminho largo, e commum da lisõja nem pela apertada vereda da verdade, e do desengano; homens frouxos, e pegados às temporalidades, que vivem segundo o tempo, e se accommodaõ à miseria do seculo, que naõ tem valor para dizerem desenganadamente o que sentem, nem por outra parte pertendem adiantar-se nos lugares approvando o mal, como se fora bem, conhecem os damnos, e perdas, que causa o máo governo, porém naõ se atrevem a censurallo, e menos a representallo ao Principe, se bem tal vez, ou muitas o murmuraõ com seus confidentes, e particulares, e mostraõ no exterior, que approvaõ sua resolução, justificando-se em legredo com as partes, dizendo-lhes, que contra o que entendem, executaõ as ordens superiores, mas que como saõ mandados, naõ podem deixar de obedecer. Destes foi aquelle terceiro Principe Quinquagenario, por quem o perverso Rey Ochozias mandou prender o Santo Propheta Elias: vio por huma parte a tyrannia, e resolução del Rey, com tudo ainda que era tal, naõ se atreveo a replicar-lhe, por naõ dar-lhe occasião de desgostar-se com elle; por outra vendo claramente, que Deos acodia pelo seu Propheta, abrazando com fogo do Céu aos outros dous Ministros, que lhe haviaõ precedido em a commissão, temeo o mesmo castigo, e chegando ao Propheta com grande demonstração de humildade, lhe disse, como se lê no *lib. 4. dos Reys, cap. 1. num. 13. e 14: Varaõ de Deos, naõ desprezes minha vida, nem a destes teus servos, que vem comigo; contra os outros dous baixou fogo do Céu, que os abrazou a elles, e a seus soldados; por tanto te peço, que te compadeças de minha vida. Se tanto temias, covarde Ministro, o rigor da Divina*

justiça, e conhecias a tyrana resolução do teu Principe, porque com a devida sumissaõ, e reverencia lhe naõ dissestes: *Olhay senhor, o que fazeis, que este he Propheta, e Ministro de Deos, o qual naõ consente, que os que o servem, sejaõ opprimidos, e mal tratados: e a estes tais, que naõ tem resolução, para que, quando vejaõ, que o seu Principe, ou os Tribunais superiores lhes mandaõ algumas ordens, das quais póde resultar dãmno ao publico, ou particular, contra o que pede a justiça, possaõ com a devida sumissaõ, e modestia de verdadeiros vassallos, representar a inconveniencia, que das tais ordens resulta, se devem deixar do tal serviço, que assim o fez Deos, como se lê no cap. 3. do Apocalypse num. 16. 17. com o Bispo de Laodicæa.*

Os terceiros saõ aquelles, que desenganadamente com animo Christaõ dizem a verdade; mas estes saõ os menos, ou porque naõ costumãõ ser admittidos, ou porque se as dizem, lhe custa caro, como succedeo ao Propheta Michêas, que por dizer a El Rey Acab, que naõ convinha a guerra que emprendia, levou huma bofetada diante del Rey; e o mesmo o mandou prender, e dar de comer por onças. A Calistenes, que por dizer a Alexandre, que se era Deos, fizesse mercês aos homens, e se homem, cuidasse que o era, lhe mandou cortar os narizes, e meter em huma cova com hum caõ. A hum Embaixador de Veneza, que por dizer a Manoel, Principe de Constantinopla, o injusto termo com que se havia; lhe mandou quebrar os olhos. A Daniel, que por dizer a verdade aos homens, o meteraõ em hum carcere no meyo de leoens, para o despedaçarem. Ao Baptista, que por dizer a Herodes, que naõ parecia bem a Deos, e ao mundo tivesse com deshonesto titulo das portas a dentro sua cunhada Herodias, lhe mandou cortar a cabeça; e da-

daqui vem haver no mundo males in- como cantou elegante, e entendido
veterados, e damnos incorregiveis, o Poéta Joaõ de Wem:

*Desperanda salus qui verum audire recusat,
Inque suum præceptis labitur exitium.*

Porque temerosos, e covardes os Mi- mal se satisfazem, como concluhio o
nistros, não ousão appresentar os vi- mesmo Poéta dizendo:

*Dum non vult alter, timet alter dicere verum
Regibus: O' miserum regis in Orbe statum!*

Porém com todos estes perigos não deve nenhum verdadeiro Ministro deixar de fallar a verdade ao seu Principe, quando lha pergunta, ou se atravessa a honra de Deos, ou do bem publico, ou do particular, injustamente opprimido; porque havendo de perigar a lealdade, e a fé, que todos devemos guardar aos nossos Principes, he melhor que perigue a vida; porém destes se achão poucos. Hum só Joseph teve Pharaó, que lhe fallasse verdade, e zelasse a razão, o zelo da justiça, e conservação do Reyno. Dario hum só Daniel, que lhe descobrisse, e fizesse ver com seus olhos os roubos, e embustes dos Sacerdotes de Baal, que com pretexto de sustento do Idolo, usurpavaõ para si, e para os seus as grandissimas offertas do dito Rey, e de seu Povo. Assuéro hum só Mardocheo, que o livrasse da morte, que lhe intentavaõ dar dous Eunuchos Bagaão, e Tharés; e depois lhe assistisse ao seu Reyno, e governo d'elle com toda a fidelidade, mostrando-lhe as tyrantias de Amaó, seu primeiro valido.

Os Ministros deste lote só são para servirem, e de que os Principes devem fazer mayor estimação, porque são os que mais a necessitaõ ouvir. Misericordia, e verdade, diz Salomaõ no cap. 20. dos Proverbios são as guardas de hum Rey; e se faltarem estas guardas, perecerá o Rey, e o Reyno; o que bem entendeo Fe-

derico, Duque de Auftria, de quem conta *Eneas Sylvio lib. 3. dos ditos Del Rey D. Affonso de Aragaõ*, que por achalla, andava muitas vezes, mudado o vestido, entre lavradores, fingindo-se jornaleiro, e metendo pratica entre os companheiros, para ver o que sentiaõ de sua pessoa, officiais, e criados: remediava muitas cousas, que não sabia, e sendo perguntado porque fazia cousa taõ nova, e já mais usada entre Senhores, respondeo: *Porque de mim não posso ouvir de outra maneira a verdade*; e considerando isto o Imperador Gordiano, e vendo quaõ às escuras andaõ os Principes por não terem tocha da verdade, escreve Julio na sua vida, que costumava dizer: *Miseravel he o Imperador, a quem se callaõ as verdades*. Admirando-se alguns Cavalheiros, de que El Rey D. Joaõ II. desse o officio de Mordomo mór a D. Joaõ de Menezes, porque era homem livre, e aspero, respondeo, que lhe fizera mercê daquelle cargo, em premio de que ainda que lhe fosse contra seu gosto, sempre lhe fallava verdade, que era o primeiro, e o mayor serviço, que se fazia aos Reys.

Concluimos, que ainda que a verdade costume causar odio, e que não haja familiaridade taõ travada, que não desate hum desengano verdadeiro, nem amisade taõ unida, a quem não afrouxe huma verdade destas, como escreve Cicero no livro de

Amicitia, e o experimentou Prexapes com Cambises, que por lhe dizer, sendo perguntado, que se murmurava delle do muito vinho que bebia, lhe matou hum filho; e Panteleão com ElRey Lisimacho, que pelo advertir de que se estranhava o muito que bebia sua mulher Arsinoe, o fez morrer prezo em huma masmorra; com tudo a devem fallar todos, e principalmente os Ministros, a quem diz Deos por *Zacharias cap. 7.* que julguem sempre a verdade; e por *Salomão no cap. 7. do Eccles.* que os que se não acharem com valor para a exercitarem, que não procurem, nem pertendaõ ser Ministros.

L I Ç A M XIV.

Da Fidelidade.

A Fidelidade se toma de varios modos; porque ou se considera em os homens para com Deos, e para com a ley, que professaõ, ou para com os pays, ou para com os amigos, ou para com o Principe, e Patria; e desta he que tratamos na presente Lição, a qual he huma verdade constante, que devem professar os vassallos em tudo o que fizerem, ou obrarem com o seu Principe, ou seja na sua ausencia, ou na sua presença: he, segundo *Seneca Epist. 89. ad Lucillum*, huma virtude santissima, que aonde se acha, não ha premio, que a corrompa, nem morte, que a obrigue a revelar o segredo; porque quanto mais penetra a dor, ou convida o premio, mais esta virtude retira, e esconde o segredo: he hum bem tão grande, que parece que só ella comprehende em si todas as virtudes, e que quem não a tiver, não tem nobreza, nem saber, nem guarda justiça, encontra a verdade, e pôde-se temer que não guarda a lealdade ao mesmo Deos; e por isso os Romanos a estimavaõ tanto,

que refere *Licio de Republica lib. 2. cap. 24.* que puzeraõ a sua estatua no melhor lugar do Capitolio, junto a Jupiter; e com razãõ, porque he a fidelidade o fundamento da justiça, e a verdade, e constancia dos contractos, como escreve *Cicero lib. 1. de Officiis*: he a que faz estavel, e perpetuo o Imperirio, e monarchia, como diz *Curcio lib. 8. de Gestis Alexandri*. Não tem mais que perder, o que chegou a perder a fidelidade; porque a traz della vai tudo perdido, conforme *Seneca*. Nada he agradável, e estimavel sem luz, nada aceito sem fé, disse *Origines in Job*; porque assim como não podem nacer, crescer, e amadurecer os frutos da terra, sem que o Sol com seus rayos a visite; assim tambem não pôde ser nada agradável, sem que pela fidelidade resplandeça a verdade.

Salustio in Jugurth. disse, que o violar a fidelidade, que se deve aos Principes, era de homens vis, e miseraveis; e de Eumenes Cordiano, conta *Plutarcho* na sua vida, que dizia, que antes perderia a vida, que a fidelidade a seu senhor. Nascem os vassallos com grandes obrigações aos seus Principes, e entre ellas tem o primeiro lugar a da fidelidade, e nesta mais que em nenhuma devem empenhar, e reforçar o seu desvello; porque são nesta materia as mais leves faltas as mayores afrontas, e os menores descuidos, grandes delictos. *Philotas*, filho de *Parmeniaõ*, grande privado de *Alexandre*, foi apedrejado com seu pay, familia, e amigos por haver encuberto dous, ou tres dias huma conjuração feita contra *Alexandre*, ainda que se escusava de que não teve tempo de lho poder dizer; porém revelando-a *Cabalino*, e accusando seu proprio irmão; chamado *Dimno*, em os tormentos, se tirou delles, que eraõ complices o *Philotas* com seu pay, e só ficaraõ à culpa da presumpção. De *Cisenes* Peria

Perfa escreve *Quinto Curcio lib. 3.* que desterrado de sua Patria, vivia em Macedonia em serviço de Alexandre, vindo em seu exercito, recebeu huma carta de Dario, em que lhe pedia lhe fizesse algum serviço memoravel: cahio a carta nas mãos de Alexandre, a qual depois de lida, a mandou cerrar, e que se lhe desse para provar sua fé, ainda que tinha della bastantes experiencias: elle tardou em mostrar a carta, e tendo-o por bastante prova de seu delicto, lhe mandou cortar a cabeça; e com razão, porque os vassallos não só estão obrigados a ser fieis aos seus Principes, e Patrias, mas estão obrigados a revelar sem demora toda a machinação, que souberem contra a Patria, ou contra a pessoa do Principe, sem excepção de pessoa, ainda que sejaõ pays, ou filhos, como assentaõ sem controversia os Juristas; como tambem a dar-lhe conta de todas as occasioens, que souberem podem ser uteis ao Estado do Principe, augmento, e conservação do Reyno; porque o vassallo não satisfaz com revelar ao Principe só aquellas cousas, que lhe podem ser damnosas; mas tem obrigação de lhe fazer tambem presentes as que lhe podem ser uteis: de maneira, que se o Principe por falta destas noticias perdesse alguma occasião, em que podia aproveitar o seu Estado, ou augmentar o seu Reyno, deve ser o vassallo castigado como formal traydor; e supposto seja perigoso ao vassallo dar más novas aos Principes, porque ao mesmo passo que gratificação aos que lhas dão boas, aborrecem aos que lhas dão más, como succedeo com El Rey Acab, que se queixou do Propheta Michêas, de que sempre lhe dava más novas; com os Embaixadores Cartaginezes, a quem por trazerem novas de sua desolação, matou o Povo às pedradas; com Sertorio, que matou a punhaladas ao que lhe deu noticias de morte de Hercúleo, para que não o

dissesse aos outros em o furor da batalha, e os desanimasse; com Tigra-tes, que fez o mesmo ao que lhe deu a nova, de que se avifinhava o exercito de Lúculo; com os Carenos, que apedrejaraõ ao que lhe disse a morte de Juliano; com tudo sempre se deve dar, ou para se tratar do remedio, ou da prevençãõ, para que não seja mayor o damno.

Naõ ha cousa, que mais se deva estimar, que a fidelidade, nem Principe mais venturoso, que o que tem mais vassallos fieis; estes são forte muro contra a mudança do tempo: estes são os que nos perigos, e adversidades livraõ os seus Principes da morte, não temendo exporem as suas vidas a risco de as perderem, por salvarem a do seu Principe, ou por conservarem o seu Estado. Conta Paulo Diácono *no liv. 4. dos feitos dos Lombardos*, que reynando em Milãõ Bretario, por industria de hum traydor, se fez absoluto Senhor Grimoaldo, o qual mandando prender a Bretario, para lhe tirar a vida: Hunulfo, seu Camereiro, prevendo esta prizaõ, o lançou fóra do Palacio em vestidos humildes, sahindo correndo a traz delle dando vozes, e fingindo que o queria castigar, porque sendo seu criado, não satisfazia às obrigaçoens, de que enganados os soldados, o deixaraõ passar, e subindo a buscallo o Rey, e não o achando, conhecerãõ o engano de Hunulfo, e lançando mão delle, o levarãõ a Grimoaldo, o qual se pagou tanto desta fidelidade para com seu Senhor, daquelle proceder honrado, e daquella vontade nobre, que não só lhe perdoou, se não que lhe fez grandes mercês, dizendo: *A vassallo como este, que por livrar a seu Senhor, arriscou a vida propria, e fez tal fineza, ainda que seja em meu deserviço, he razão estimallo, e premiallo, pois comprio com o que devia ao nobre em servir a seu Senhor.* Similhante caso refere a primeira par-

te da *Historia Pontifical lib. 4. cap. 98.* de Albino, Camereiro de Leão III. ao qual livrou da morte, e prizaõ em que estava este Santo Pontifice. Quasi pelo mesmo modo escreve *Bruso lib. 2. cap. 35.* que sendo captivo Poncio Centurio por Scipiaõ, logro de Pompéo, e dizendo-lhe, que lhe daria a vida, se seguisse as partes de Pompéo, respondeo: *Rendo-vos as graças por esse favor, mas não tenho necessidade da vida com essa condiçaõ, e quero mais morrer, do que faltar à fé que devo a Cesar.*

A todos as naçoens do mundo se aventajou venturoamente a nossa, de que ha tantos exemplos, que não he possivel emprendellos em menos, que em largos volumes; mas baste o de hum D. Rodrigo Forjaz, que estando em França por agravos; que tinha recebido de D. Garcia, Rey de Portugal, e tendo noticia de que vinha contra elle seu irmão D. Sancho de Castella, veyo voando de França a Portugal, e não descançou, até que na batalha que tiveraõ junto a Santarem, o prendeo, e entregando-o, deu a vida à força das muitas feridas, que havia recebido, imitando a Camillo, que andando desterrado de Roma sua Patria, e sabendo, que estava muy apertada pelos Francezes, veyo em seu socorro com muita gente; e de hum Egas Moniz, que vendo cercando a ElRey D. Affonso Henriques na Villa de Guimaraens por D. Affonso, Rey de Castella, sahio da Villa, e promettendo de fazer com seu Senhor que viesse em certas condiçoens, fez levantar o cerco, às quais não querendo satisfazer ElRey D. Affonso, se foi a Toledo offerer a ElRey de Castella, para que tomasse delle vingança; fantosa imitaçaõ de Zópiro, que mandando-se cortar as orelhas, e narizes, se meteo em Babylonia, dizendo, que Dario seu Senhor lhas havia mandado cortar, a fim de a entregar, como fez, a seu Senhor; e do

Principe Stenio, que por livrar a sua Patria, se offerceo a Pompéo, pedindo-lhe executasse nelle a sua ira, e perdoasse à sua Patria; e de hum Nuno Gonçalves, que sendo prezo pelos Castelhanos em tempo que ElRey de Castella trazia guerras com o nosso D. Fernando, foi levado a fallar com seu filho ao Castello da Feira, para que o entregasse, e lhe disse, que não entregasse aquella Fortaleza, ainda q o fizessem em pedaços, o que ouvindo os Castelhanos, o mataraõ; similhança generosa de Atilio Regulo, que quiz perder a vida, para que não entregassem os Carthaginezes cativos; e de Affonso Peres o Bom, que quiz antes que tirassem a vida a seu filho os Mouros, dando-lhe para esse effeito hum cutello, do que levantar o cerco; e do nosso Infante D. Fernando, que quiz antes morrer prezo em huma malmorra, do que se entregasse pela sua liberdade Ceuta; e de hum D. Duarte de Menezes, que vendo muy apertado a ElRey D. Affonso V. em huma entrada, que fez em terra de Mouros, se fez muro em sua defeza, até que ElRey teve lugar de se pôr em salvo, e elle peléjando valorosamente, acabou; e de hum Affonso Annes Penedo, que duvidando o Regimento de Lisboa de dar titulo de Defensor a D. João, Mestre de Aviz, empunhou a espada dizendo, que o fizessem Defensor, se não que o pagariaõ antes que dalli sahisssem, e succedendo logo motim, se resolveraõ os Regedores em fazello; gloriosa imitaçaõ de Cornelio, soldado de Augusto, de quem escreve *Suetonio in August. cap. 26.* que recusando o Senado dar o Consulado a Augusto, deixou cahir a capa, e metendo maõ à espada, disse aos Senadores, que aquella lhe faria fazer o que elles não queriaõ; e assim foi, porque elles temendo que os afrontasse, fizeraõ Consul a Augusto, sendo de vinte annos; e de hum Martin de

Freitas

Freitas, que estando por Capitaõ de Coimbra, por maõ delRey D. Sancho, naõ a quiz entregar a ElRey D. Affonso, até naõ saber que era morto D. Sancho, e ir elle mesmo vello morto à sepultura, e entregar-lhe nella as chaves; e de hum Frey Joaõ da Sylva, Religioso Dominico, q̄ sabendo em Arzila, que fora derrotado ElRey D. Sebastiaõ, morreo subitamente de pena; como a Çerva de Sertorio, a Aguia de Phirro, o Papagayo do Graõ Mestre de Malta, que morreraõ de pena de ver mortos seus Senhores.

He taõ amada a fidelidade, que até aos inimigos se deve guardar; porque supposto que seja justo, louvavel, e honesto permittir o engano segundo Plutarcho, he injusto, inhumano, impio, e indecoroso o faltar-lhe à fé promettida, como refere o mesmo: *Federa frangere injustum, hostes verò fallere jucundum*; muito mais estranhado nos Reys, que em nenhuma outra pessoa; porque nestes, dizia o sabio Rey D. Affonso de Aragaõ, devia valer mais a fé da sua palavra, do que o juramento dos mais; e por se apartarem deste ponto, experimentaraõ a ultima desgraça Uladisláo, Rey de Hungria, que por romper a fé, que tinha dado a Amurates, Imperador Turco, ficou vencido, e morto em a memoravel batalha de Varna, segundo escreve *Bonifino lib. 6. Decad. 3.* a seu filho Ladisláo, que por faltar à fé, e palavra, que havia dado a Ladisláo, e Mathias, matando o primeiro, e prendendo o segundo, morreo dentro de vinte e quatro horas: a Saui, que por faltar à fé que havia dado aos Gabaonitas, padeceo grandes trabalhos, até que lhe satisfizes a injuria da maneira, que elles finalaraõ: a Mahomét IV. que por haver faltado à fé, e palavra, que havia dado ao Imperador Leopoldo, mandando eontra Viena hum poderosissimo exercito, foi roto, e desbara-

tado, e elle deposto; e esperamos em Deos, que continue este castigo, até se extinguir este inimigo commum. Indigno he de viver o q̄ faltou à fé do que prometeo, diz *Gecierio lib. 1. Historiarum*, porque tendo a fé o fundamento da sociedade humana, he a perfidia, e trayçaõ a peste, como escreveo Plataõ.

He muy ordinario amarem-se as trayçoens, e aborrecerem-se os traydores, como escreve *Tacito lib. 1. cap. 1.* e *Plutarcho in Alphop.* diz, que se podem amar as trayçoens, mas naõ os traydores: *Potest amari proditio, sed non proditor*, os quais adverte Demóstenes, que se haõ de ter, e olhar como inimigos, porque o que faltou à fé de sua Patria, e do seu Principe, facilmente saltará aos outros; parecer, que seguiu Plutarcho dizendo: *Alieni fidem habere non debent, qui suorum proditores fuerunt*; e Tito Livio affirma, que naõ merece credito o que huma vez faltou à fé: *Proditori nulla danda est fides*. Deve-se tambem advertir, que supposto nas guerras se devem amar as trayçoens, naõ he licito que os Principes Soberanos sejaõ complices nellas, ou por ajuda, ou por conselho, ou ainda por sabedoria. Memda, Cossario, e Capitaõ da náõ, em que deu huma grande ceya Pompéo a Cesar, e Antonio, lhe disse se queria que cortasse os calabres, e levantasse as ancoras, com que levando-os prezos, naõ seria sómente Rey de Sicilia, porém absoluto Senhor de todo o Imperio, elle lhe respondeo, que devia havello feito sem dizer-lhe nada mas que havendo-o sabido, como podia faltar à fé, que lhe havia dado. Esta mesma guardaraõ os Romanos a ElRey Pirrho, enviando-lhe Fabricio a avizallo, que o queria matar o seu Medico, e elle agradecido ao beneficio, fez pazes com os Romanos. A Carlos V. offereceo hum arrenegado, que mataria ao Cossario Barbaroxa, e elle lhe mandou responder, que com

armas castigava seus inimigos, e não com enganos. Ao mesmo Carlos V. avisou hum seu criado, de que na Corte andava hum Cavalleiro de Toledo desterrado fóra do Reyno, solicitando perdaõ geral, e por o Imperador se callar, lho tornou a lembrar dahi adous dias, ao que lhe respondeo: *Melhor fizeras, se o avisaras a elle, mas não anim; porém em tais casos não fará bem o que avisa o delinquente.* Conta Estobéo Serm. 12. que sendo perguntado Filippe Rey de Macedonia, que pessoas amava muito, e aborrecia mais, respondera, que os que podiaõ ser traydores, os amava, e que depois de o serem, os aborrecia muito; e porque Arfames, ultimo Monarcha dos Persas, não guardou os dictames desta regra, veyo a morrer às mãos de hum seu Capitaõ, o qual tinha tirado a vida a seu Pay, e de quem elle ainda fiava a sua.

Ao mesmo passo que a virtude da fidelidade estampa em si todas as outras virtudes, o detestavel vicio da perfidia absorbe em si todos os outros vicios, q̄ sendo todos dignos de aborrecimento, feyos, abominaveis, comparados com o da trayçaõ, não parecem grandes. Aborrecido he hum soberbo, mal-quisto hum murmurador, intoleravel hum mentiroso, importuno hum nescio, mal-visto hum lascivo, inoportavel hum avaro, detestavel hum ladraõ, mal reputado hum inconstante; mas o vicio de traydor he tal, que à sua vista, sendo todos os mais vicios grandes, parecem pequenos, porque este se admira com horror, e se olha com espanto: naquelles os offendidos são mais queixosos, e neste ainda são aggravados os a que não chega o damno: aquelles poderãõ achar compaixaõ em alguns, mas este acha não só aborrecimento, mas desejo de vingança: aquelles sendo vilissimos, ainda são menos afrontosos; mas este, sobre vilissimo, esgota todo o genero de infamia, sendo o nome

de traydor o mais afrontoso a que pôde chegar o mayor encarecimento da ignominia. Elegantemente disse Seneca, que o que perdeo a fé, não tem mais que perder: *Fidem qui perdidit, perdere ultra nihil potest*, porque he tal o vicio da perfidia, e de forte transcende pelos mais vicios, que nelle se acha a maldade junta, que em todos os mais está espalhada; nem se pôde dar mayor maldade, que a da perfidia, nem mayor vicio, que o de traydor.

A quem não causa horror, e desejo de vingança, ver morrer a Natoloco, Rey de Escocia, às mãos de Morabia, seu amigo; hum Dancano, Rey tambem de Escocia, às mãos de seu valido Maduso; a Gualtero, Conde de Atholia em Escocia, matar a seu Rey, e sobrinho Jacobo III. aos sete Infantes de Lara, nascidos juntos de hum parto de Dona Sancha, e Gonçalo de Bustos, em tempo de D. Bermudo II. de Castella, mortos juntos por trayçaõ de Ruy Valasques seu tio; a Alexandre de Medicis, morto em tempo de Carlos V. seu sogro, às mãos de seu amigo Lourenço; a Liuva, filho do famoso Rey Recaredo, morto às mãos de seu valido Witorico; a D. Sancho Rey II. de Castella, mortos às mãos de hum traydor valido em o cerco de Çamora; a hum Octavio Cesar, morto às mãos dos seus em Compãnia; a hum Caligula, despedaçado dos seus no terceiro anno de seu Imperio; a hum Claudio, morto com veneno no seu decimo quarto; a hum Vitelio, tirado por força dos seus de Palacio, e levado cheyo de lodo, e esterco pelas ruas de Roma, até q̄ pouco a pouco o fizeraõ em pedaços; a hum Galba, descabeçado por hum soldado no septimo mez de seu Imperio; a hum Domiciano, morto violentamente pelos seus no anno decimo quinto de seu Imperio; a hum Antonino Cómmodo, despedaçado pelos seus no anno duodecimo de seu

Imperio ; a hum Vitelio , morto publicamente pelos seus no anno sexto de seu Imperio ; a hum Heliogábalo , morto em hum tumulto dos seus soldados no anno quarto ; a hum Decio no anno segundo , sem já mais se saber de seu corpo ; a hum Valeriano , entregue pelos seus a Pácaro , Rey dos Parthos , a quem servio de escada para subir a cavallo , como outro Bajaceto a Tamorlaõ ; a hum Liberio , morto com veneno ; a hum Pertinaz , morto em sua casa pelos seus soldados ; a hum Juliano , morto em Palacio ; a hum Macrinio , morto pelos seus ; a hum Alexandre , morto pelos soldados por industria de Maximino ; a hum Maximino , morto , e seu filho pelos soldados de sua guarda ; a hum Gordiano III. morto pelos mesmos ; a hum Philippe , morto , e seus filhos às mãos de hum tumulto ordenado a esse fim por Decio ; a hum Quintilio , e hum Floriano , mortos por trayção dos seus soldados , que tambem tiraraõ a vida a hum Probo ; a hum Carino , morto por Diocleciano , e este morto com veneno ; a hum Tiberio , morto , e lançado no Tibre ; e finalmente a hum Lucino , a hum Galeario , a hum Maxencio , a hum Conftancio , a hum Juliano , todos mortos pelos seus ; a hum Valente , queimado vivo ; a hum Valenciano II. e Valenciano III. a hum Marciano , a hum Conftantino I. a hum Justiniano II. mortos às mãos de seus vassallos ; a hum Carlos I. Rey de Inglaterra , degollado por publica sentença em hum publico cadafalso , pelos seus , caso tão raro , que não tem exemplo em as Historias. Bem poderiaõ muitos destes Principes ser mãos , como com effeito foraõ muitos , mas a maldade dos Principes não exime aos vassallos da fidelidade que lhe devem , nem os agravos , que fazem , daõ faculdade para vingallos , mas quando muito só licença para sentillos. Sentença foi de Seneca , que devem os vassal-

los sofrer , e conservar o Principe , ou seja justo , e bom , ou máo , e injusto : *Æquum , seu iniquum Regis imperium ferendum est* ; porque não tem , segundo o mesmo , authoridade para reprehender seus vicios , ou emendar suas faltas : *Rara est in dominos justa licentia.*

A quem não escandaliza ver a Joas , Rey de Judéa , morto às mãos de Joacáb , e de Jeiabút , se não considerar , que foi castigo , que Deos deu a este Rey , por chegar a tanto a sua vaidade , que se fez adorar por Deos , e mandou tirar a vida ao Pontifice Zacharias , pelo advertir de seu erro ? Amasias seu filho , e successor , morto às mãos de seus validos , e mayores amigos : a Isiaco Angelo , que por sua boa dita , estando condemnado à morte por Andrónico , se levantou com a Coroa com os olhos fóra , por mandado do traydor irmaõ , que se lhe levantou com o Imperio : a Henrique VI. Rey de Inglaterra , e França , morto às estocadas em hum carcere por hum seu vassallo o Duque de Gloscestria : a D. Affonso o Magno , perseguido de seus filhos , e irmaõs : a D. Sancho o Gordo , Rey de Castella , morto pelo rigor do veneno , que lhe deu em huma maçãa o Conde de Galiza D. Gonçalo , depois delRey lhe haver perdoado as rebeldias que contra sua pessoa tinha machinado. Oh infames , e traydores vassallos , cujo nome , e memoria dura na lembrança dos homens por eterna infamia de vossos nomes , não advertireis , que ainda que hum Rey seja máo , não tem authoridade o subdito para tirar-lhe a vida , nem para negar-lhe a obediencia ; e que aquelles , a quem Deos fez Soberanos , que a elle só toca o castigo , com disse o maximo Carlos V. a ElRey de França , que o persuadia a fazer guerra ao Papa , e Venezianos , por serem estes amigos do Turco , e aquelle , que então era bulicioso !

Assen-

Affentado pois por irrefragavel principio, que devemos todos os vassallos, antes perder mil vezes a vida, que a lealdade aos nossos Principes, e Patria, ainda que della tivera-mos os mayores aggravos, passamos a dizer, que sobre os Ministros ha de carregar mais esta virtude; porque professaõ religião mais estreita, donde saõ preceitos mortais, os que fóra della saõ conselhos. Referir a hum amigo o feito, ou dito de outro com mais, ou menos verdade, he huma leve mentira, e de prejuizo não consideravel; mas mentir hum Ministro ao seu Principe em materias de governo, em que não ha circumstancia leve, he gravissimo delicto, digno por certo de igual castigo: de mais, de que a sua fidelidade não se limita a referir fielmente o consultado, ou actuado, mas tambem a ha de ter em aconselhar ao Principe, sendo perguntado, o mais util ao governo, e mais devido à justiça seja em seu deserviço, em que vai implicito o serviço de Deos, e bem do Reyno. *Fradique Furio lib. 3. do Conselho* aconselha aos Principes, que se quizerem experimentar a fidelidade de seus Ministros, lhes consultem feitos contrarios ao bem publico, com demonstração de conveniencia a seu serviço; e *Paulo Jovio lib. 34. da sua Historia* diz, que Paulo III. usava deste arbitrio, e para descobrir as inclinaçoens dos Cardeaes, propunha no Consistorio negocios com que dava occasião a disputa, e da porfia dos Cardeaes notava suas paixoens.

Constantino Magno para descobrir a fidelidade de seus Ministros, os mandou a todos juntar em o Senado, e advertindo-lhe com todo o encarecimento a gravidade do negocio, que queria tratar, e pedindo-lhe, q o considerassem com toda a ponderação, lhe propoz, que dias havia que andava resolutio a deixar a ley de Christo, por se não atrever a guardar seus preceitos; mas como era negocio, que

pedia mais alta consideração, o não queria resolver sem o parecer do Senado: que ouvido, começou entre os Ministros a disputa, e muitos foraõ de voto, que a deixasse; o que visto pelo bom Imperador, ao mesmo passo que estimou os Ministros, que votavaõ a favor da religião, despedio de seu serviço todos os que votaraõ contra ella, dizendo-lhes, que não seriaõ fieis para elle, os que o não eraõ para Deos, nem podia haver justiça nos Ministros, aonde não havia fé, q he o mesmo que justiça, segundo *David Psalm. 119. n. 75.* e que sendo a fé as mayores riquezas, e os mais preciosos thesouros, as mais crescidas honras, e a mais perfeita substancia do mundo, que salva, os peccadores allumêa os cegos, cura os enfermos, baptiza os Cathecúmenos, coroa os Martyres, ordena os Clerigos, consagra os Sacerdotes, conserva as Virgens, Viuvas, e Casadas em casto pejo, e que finalmente nos leva a gozar com os Anjos da eterna herança, como escreve *Santo Agostinho de Verbis Domini*; não podiaõ os Ministros, que não faziaõ apreço desta virtude, sem a qual não pode haver salvação, ter fidelidade, nem guardar justiça; porque esta não vive donde não ha fé sãa; porque o Ministro justo vive com fé, *ex cap. Ubi sana 24. quest. 1.* Escreve-se de Theodórico, que sendo Arriano vendo que certo Ministro seu por lisongeallo, se havia feito herege, o matou a punhaladas, dizendo, que não guardaria a fé humana quem por lisonja rompia com a Divina. A *Thimágoras* mandaraõ cortar a cabeça os Athenienses, porque adorou como Deos a Dario, entendendo, que Ministro, que faltava á fé dos seus Deoses, era traydor à sua Republica.

Concluimos, que a virtude da fidelidade he sobre todas muy necessaria a todo o genero de pessoas, e que a fé promettida, ainda aos inimigos, se

se deve guardar segundo São Jeronymo sobre Ezechiél, como fez Frederico, Duque de Austria, de quem escreve Eneas Sylvio no lib. 3. dos Commentos ad Panor. que estando para fazer guerra a Luiz Baioria, que contendia sobre o Imperio, emprestou grande quantidade de dinheiro aos Marquezes de Brandemburg, sem embargo de que soube depois da promessa, que os Marquezes seguiaõ as partes contrarias, querendo antes accusar a perfidia alheia, do que pôr nota na sua fé; e ultimamente, que os Principes se quizerem Ministros fieis, escolhaõ os que o forem a Deos; porque estes mais facilmente perdem a vida, que a fé a Deos, e a seu Senhor, como fez Benivolo de Valentiniano, a quem Justina sua mãy pedio, que propuzesse ao Imperador seu filho huma ley, confirmando a feita de Arrio, pormettendo-lhe accrescentar sua Casa com honras mayores; o que ouvido pelo bom Ministro; depoz aos pés de Justina as insignias do seu officio. Similhante caso se conta de Augencio, Ministro do Imperador Licinio, o qual lhe mandou offerecer hum cacho de uvas a Bacho, e naõ o querendo fazer o justo Ministro, o despedio de seu serviço, acção, que Deos lhe pagou com o fazer privado seu, e Bispo Santo.

He a firmeza, e verdade a que assegura o que se diz, faz, e promette. A fé, e palavra he divida em os homens, especialmente a que se dá aos

E he muy importante para adquirir, e conservar a amizade, que se alimenta, e conserva com amor, reverencia,

Constituunt hæc signa fidem, reverentia amoris, Quam favet, alit amor, parturitque veritas.

inimigos em a guerra: *Fides quando promittitur, etiam hostibus est servanda*, disse a luz da Igreja Santo Agostinho: distingue-se da confidencia, em que esta he entre amigos, aquella entre servos: *Fidus est amicus, fidelis est servus*. O que a perde, tudo perde; porque naõ tem, o que he honrado, mais credito, e honra, que a fé, e fidelidade: *Fidem qui perdit, nihil potest ultra perdere*. A que com dinheiro, ou lisonja se busca, naõ ha quem a assegure, nem quem a tenha; como refere Cicero lib. 1. de Officiis: *Fideles putat quos, vel pecunia, vel adulatione obligatos sibi crediderit*. He firme como o verdadeiro amor, que em nenhuma fortuna se muda: *Inter civiles discordias numquam fides, aut amor, metu, aut necessitate huc, illuc mutantur*, disse Cornelio Tacito lib. 8. *Annal.*

O menos seguro em nossa achacosa vida he a lealdade, e fidelidade em o mais nobre está falida: *Nihil hodie tam receptum, quam fidem fallere*. Todos fiaõ à voz, e palavra o que o vento leva de palavras, e vozes: *Rara per hæc tempora fides est, atque ea citra verba ferè consistit*. Perguntado Cicero, como havia grangeado mais amigos por sua pessoa, que por seu patrocinio, respondeo: *Porque tenbo mais de leal, e fiel, que de eloquente: Plus est mihi fide, quam eloquentia*. Poucos seguem vereda taõ nobre, e generosa, como pondera Manilio:

e honra, como cantou *Alciato Emblem. 9.*

L I Ç A M XV.

Do Interesse.

ENtre todas as cousas do mundo, não ha nenhuma, que tenha mais apregoada guerra com a virtude da Justiça, que o vicio do Interesse; e por isso pelas leys das mais das Republicas está prohibido aos Ministros o receberem dadivas, ou presentes. Em Roma se fez huma grande pesquisa contra hums Senadores, sobre se haviaõ recebido presentes de hums Embaixadores de Jugurtha. Os Athenienses prohibiraõ por ley, que nenhum de seus Ministros recebesse dadivas, ou presentes; e porque alguns os receberaõ, pagaraõ com a vida, e faltou pouco para que morresse Calias seu Ministro, porque as recebeu del Rey Perfa; supposto que havia feito com elle humas honrosas pazes, e muy approvadas delles. Os Corinthios fizeraõ ley com a mesma prohibiçaõ da ley ff. ad l. *Fulham repetund.* Em Veneza ha hum Estatuto, que prohibe com pena de morte o receber dadivas aos Minif-

*Munera, crede mihi, placant hominesque, Deosque,
Placatur donis Jupiter ipse datis*

Poderosas são, e afeição de tal maneira, que se huma parte dá, e outra não, naturalmente se inclina o animo a favorecer aquella, e a aborrecer a esta; e daqui nasce crerem facilmente o que querem, e o que he peor, muitas vezes cuidarem os Ministros cegos do seu affecto, ou do seu interesse, que fazem justiça, e ficaõ muy seguros na sua consciencia, persuadindo-se que fizeraõ hum grande obsequio a Deos; mas este Senhor, que he escrutador de coraçoes, e conhece a verdade, lhes tomará lá no seu justo, e verdadeiro Juizo conta muy miuda destes interesses, e destas inclinaçoens.

tros; e pelas que recebeu Hermoláo do Papa Innocencio VIII. foi condemnado por votos secretos do Senado, que se executaraõ, se primeiro não se adiantara a morte natural a ser executora deste castigo. Em o nosso Portugal temos ley, que tambem com graves penas as prohibe.

E com razão; porque as riquezas, e proprio interesse arrebatão o coração, e obrigaõ a perder a fidelidade. David *Psal. 62. num. 61.* aconselha, que não se applique o coração à abundancia das riquezas; e Deos manda no *cap. 16. do Deuteronomio num. 18.* que não se recebaõ dadivas, porque cegaõ os olhos dos sabiõs, e pervertem as palavras dos justos; e *Job. no cap. 8.* diz, que o fogo devorará as casas dos que recebem dadivas; Michéas no *cap. 3.* affirma, que os Juizes, que recebem dadivas, julgarãõ segundo ellas. Muito encarceraraõ os Poétas os effectos das dadivas, pois chegaraõ a dizer, que podiaõ inclinar vontades, ainda que tivessem muito de Divinas, por ajustadas, como cantou o Elegiaco:

Naõ haõ de ter oa Ministros mãos para receber dadivas, se querem ter ouvidos para ouvir a verdade: ha de ser o Ministro lince da vista, e subtil em os ouvidos, porém ha de ser destituido de mãos: ha de ser lince na visita, para conhecer os defeitos pelas presenças, subtil nos ouvidos, para comprehender as faltas pelas palavras, e a verdade pelas razoens; não ha de ter mãos para receber dadivas, que inclinaõ contra o que se ouve, e muitas vezes negaõ o que se vê; donde elegantemente disse o Poéta Wem, que o Ministro deve ser manco para não receber o que se lhe offerece, mas que ha de ter ouvidos para penetrar o

que

que se lhe propoem, olhos para especificar o que lhe representa, e lim-

gua para pronunciar o que sente:

*Non volo te surdum, non mutum, te volo cæcum,
Non claudum; mancum te, Deciane, volo.*

Tres especies de dadivas, diz Santo Isidoro *lib. 1. de Summo bono*, são as que contra a justiça fazem guerra à humana vaidade: louvor, obsequio, e offertas; mas destas tres, conclue o mesmo Santo, que he mais poderosa a terceira; porque tem as mãos mais efficacia que a boca: para acabar qualquer cousa, são frias as razões sem dadivas; e as palavras o ar as leva, se lhe não deitaõ contrapezo de prata. He mudo Sócrates, barbaro Demósthene, nescio Cicero com toda a sua eloquencia, donde se não persuade com offertas, como disse Ovi-

dio lib. 2. de Arte amandi. Muy offendida tinha Demétrio a Cidade de Jerusalem com toda a nação dos Judeos, importava-lhe muito não perder sua amisade, e graça, para cujo effeito tomou por medianeira a efficacia do interesse; porque em fim, diz *São Math. no cap. 1. n. 10.* do mayor até o menor todos seguimos a avareza: conseguio tudo o que queria, porque as dadivas não só quebrantaõ penhas, como refere o adagio, mas ainda as iras mais furiosas, e os furores mais indignados:

*Causæ perduntur, quæ paupertate reguntur,
Qui hic est avarus, nullis est charus.*

O Jurisconsulto Ulpiano *na L. solent 6. §. final. ff. de officio Proconsulis* escreve, que o não receberem nada os Ministros de ninguem, he inhumano, e receberem muitas vezes, vilissimo, e avarissimo; mas nós com licença de Ulpiano, que agora não escrevemos como Juristas, somos de contrario parecer nesta materia, e afirmamos, que os Ministros para o serem, devem não receber nada de ninguem; porque supposto que não impida a boa administração da justiça o receber acaço de alguém alguma cousa, com tudo he tão goloso o desejo, e propensão natural que temos a receber, que facilmente com este pequeno principio nos disporemos para receber-mos muito com que passemos de inhumanos a vilissimos, e a receber tudo, com que passemos de vilissimos a avarissimos. Os peccados veniais, supposto que não bastem para nos privar da graça de Deos, com tudo são huma disposição muy pro-

xima para commetter os mortais, que nos privaõ della.

Quanto mais, que daõ as dadivas em coração tão agradecido, que supposto sejaõ pequenas, e de pouco preço, o deixaõ tão obrigado, que cégo, não duvida o satisfazellas sem o reparo da offensa da justiça. Quem mais santo, quem mais inteiro, quem mais amigo, e observante da justiça, e que homem em fim mais à medida do coração de Deos, que David? Pois vejaõ o que lhe succedeo por receber huma pouquidade de hum pobre homem, que nem o nome de regalo merecia, se não fora a respeito do tempo em que o fez: sahio de Jerusalem o dito, fugindo da desatinada furia, e tyrannia de seu filho Absalam, que se havia feito acclamar Rey em a dita Cidade; e quando já queria entrar-se pelo deserto, lhe sahio ao encontro hum criado de Mifibozet, chamado Syba, com dous menores carregados, e perguntando-

Mm ij

lhe

lhe o affligido Rey, que trazia naquellas cargas, lhe respondeu: que pão, vinho, e passas, para que comão estes vossos criados, que vos acompanhaõ neste trabalho; e segundando ElRey, donde ficava seu senhor, lhe tornou: em Jerusalem, dizendo, que agora lhe restituira Deos o Reyno de seu pay Saül; o que ouvindo o enganado Principe com ademonstração do refresco, que lhe havia trazido, lhe fez doação de todos os bens de seu senhor, como consta do *lib. 2. dos Reys cap. 16. num. 4.* de maneira, que sendo David santo, e taõ amigo da justiça, poderaõ com elle tanto as palavras, e presentes do lisongeiro criado, que sem examinar a verdade dellas, lhe deu seus bens; e o que mais admira, que quando ElRey tornou a Jerusalem depois da morte do rebellado filho, sahindo-o a receber Mifbozet, e contando-lhe

como o presente fora preparado por ordem sua, e que o criado lhe havia levado a cavalgadura, em que elle mesmo queria appresentar-lho, e que por dita sua se ficara, porque como era coxo, naõ podia ir a pé, naõ bastou para que revogasse a doação, que com taõ pouca justiça, ou tanto contra ella havia feito; e o que mais fez, foi moderar a sentença, mandando, que dividissem entre si os ditos bens. Pois se David, sendo santo, justo, e inteiro, peccou contra adita virtude, obrigado de hum nada, quem podera segurar-se, que sendo servido ainda com huma pouquidade, naõ fique ao menos arriscado a peccar contra a justiça, pois tem as dadivas tanta força para render ainda os animos mais livres, e inhumanos, que naõ he bastante o de hum justiceiro Minos, quando chegue a receber a menor oferta, como cantou Wem:

*Qui pro justitia poscit sibi munera Minos,
Est similis pisci, quando capit, capitur.*

Nada menos condemnamos o receberem os Ministros o que lhe offerem seus amigos; porque de ordinario estes naõ saõ amigos, mas lisongeiros, que com a capa da amisade dos Ministros se fazem poderosos, e com o valimento pescaõ, e attrahem a si grandes mimos das partes. Naõ sei que haja differença entre os Ministros receberem immediatamente das partes, ou mediatamente por mãos dos que chamaõ amigos, fazendo por elles cano para receberem tudo que se lhes offerce. Que parte ha taõ pouco negligente, que para conseguir o seu negocio, naõ descubra todos os caminhos, e que seja taõ pouco mercador, que naõ offereça huma galinha para tirar hum boy? Os amigos que pedem, naõ he pelo bem que desejaõ à parte, se naõ pelo que lhe tem dado, ou esperaõ que lhe dêem, fazendo com as suas inter-

cessos caminho para adiantar seus interesses, como fazia o Camereiro de Artaxerxes, que fiado na sua privança, pediu aodito Rey lhe fizesse hum negocio, e ElRey dissimulava com elle, como quem naõ tinha tenção de fazello, e o Camereiro instava, porque lhe haviaõ promettido trinta mil moedas, se lhe alcançasse aquella mercê, o que entendido por Artaxerxes, mandou chamar o seu Thesoureiro, e trazendo aquella somma de dinheiro, a deu a Satyborzanes, dizendo: *Toma, que dando-te isto, naõ serey pobre; e fazendo o que me pedes, serey injusto;* mas como esta acção naõ cabe em menos que em coração Real, contentamonos que os Ministros façaõ a seus amigos, que roubaõ as partes com o pretexto do seu valimento, o que fez Tito Manlio em seu proprio filho Silano. Elcreve *Mirabello verbo Justitia*, que accu-

accusando os Macedonios ao dito Silano por haver recebido de hum, certa quantidade de dinheiro para lhe alcácar do pay o provimento de certo officio, o mandou chamar a juizo, e depois de ouvido, e aos accusadores, constando-lhe ser assim como elles diziaõ, pronunciou a sentença na seguinte forma: *Porque se ha provado, que meu filho Silano tomou certa quantidade de dinheiro, o repudio; e julgo por indigno de ser meu filho, e o des-*

terro de minha presença. Sentença por certo digna de ser executada por todo o Ministro contra os amigos, que recebem dadivas por alcançarem às partes favores.

Que cousa mais para chorar, que ver-mos em huma Republica homens, que devem seus interesses a seus crimes, e que devem seus augmentos a seus vicios, como já antigamente chorava, ou satyrizava o Poéta Juvenal:

Criminibus debent hortos, prætoria, mensas.

Devem a seus crimes as herdades, e jardins que possuem; devem a seus crimes os officios, e postos que servem; devem a seus crimes as mesas, e iguarias que comem; que a não commetterem aquelles crimes, não lograráõ

aquelles interesses, nem aquellas grangearias, a não terem aquellas culpas, nem aquelles regalos, a não terem aquelles vicios; e com isto as culpas são acrédoras de riquezas, os vicios dos regalos:

Publicæ privatæ ne cedant commoda causæ.

Naõ ha Reyno mais desgraçado, que aquelle em que os Ministros abrem as mãos para receberem, porque não pode durar muito hum Reyno, aonde os Ministros tem as mãos abertas. Conta Cicero lib. I. de Officiis, que ouvindo Policio, que os Romanos perderão o antigo nome, e honra, que a isençaõ dos passados lhes havia grangeadado, dissera: *O' provera Deos, que a fortuna me houvera trazido a este mundo no tempo que os Romanos tinhaõ as mãos abertas para as dadivas; porque fizera logo com que elles não imperassem muito tempo!* Reyno sem justiça não he duravel, e justiça com dadivas não he compativel; o que bem conheceo o Gentio Alcúmene, de quem escreve Plutarcho in Laconicis, que sendo perguntado porq não recebia as dadivas, que lhe offerenciaõ os Mezenios, respondera, que se as recebesse, não poderia ter paz com as leys. O mesmo Plutarcho escreve de Phocian, que sendo advertido porque não aceitava as dadivas, que lhe

offerencia Menelio, ou ao menos não consentia, que seu filho as recebesse, respondera, que não poderia ser justo, sendo interessado; e que se seu filho fosse bem morigerado, se contentaria com a sua herança, e se mal, que nenhúa fazenda lhe bastaria, querendo que o filho d'elle aprendeça esta virtude, que segundo Quintiliano, he o melhor morgado, que os pays podem deixar a seus filhos; *Durat ad posteros virtus.* Ao mesmo mandou Alexandre cem talentos, de que admirado, perguntou aos que lhas traziaõ, que razaõ movera a Alexandre a fazer-lhe este favor; e sendo-lhe por elles respondido, que era porque o julgava por hum varõ honesto, e bom, disse: *Pois se Alexandre tal me julga, consinta-me, que o pareça, e que o seja.* A Esparto offerenceo huma pessoa hum cavallo, quando já estava para entrar na batalha com Crasso, mas elle o não quiz aceitar, e dizendo, q se vencesse, dos inimigos lhe ficariaõ muitos cavallos, e que se fosse vencido, de

ne-

nenhum necessitava.

Os Ministros, que aceitaõ, ou haõ de ser necessariamente ingratos, ou injustos; porque se naõ fazem o que se lhes pede, saõ ingratos, e se o fazem sempre, saõ injustos, porque ou obraõ com justiça, ou naõ; se sem ella, injustos, porque a offendem; se com ella, injustos, porque a vendem. A Ephialtes Ministro offereceo hum amigo dez talentos; e escreve *Eliano lib. 11.* que elle os naõ quizera aceitar, dizendo, que para lhos pagar, ou havia conceder alguma cousa contra direito, ou havia de ficar com a infamia de ingrato, e que nenhuma destas cousas lhe estava bem. *Paris Deput. de Syndicatu, verbo consiliarii* diz, que julga perigoso aceitarem os Ministros ainda pequenas dadas; porque naõ se daõ por charidade, ou amizade, se naõ por corrupçaõ, e tambem por infamia, porque ou ficaõ injustos, ou ficaõ ingratos.

He muito para admirar ver, que em hum mesmo Tribunal servem dous Ministros, vencendo entre ambos o mesmo ordenado, e gages, e naõ se excedendo em os bens patrimoniais,

*Jurisconsultos multos injuria ditat,
Helius immensas jure paravit opes.*

Em tempo do Papa Pio se condemnou à morte hum malfeitor rico; promettia este dez mil cruzados se lhe perdoassem a morte, e lhe permittem a vida: naõ faltava quem aconselhasse, que se aceitasse a offerta, mas respondeo estas palavras: (q era bem que os Ministros troassem impressas na memoria, para que nelles vivesse mais a lembrança de sua obrigaçaõ) *Devemos respeitar, e attender mais à justiça, que à fazenda, porque se os crimes se podem resgatar com o dinheiro, os que forem pobres, serãõ castigados, e o mesmo roubo com que o dinheiro se grangea, será o remedio da culpa: cumpra-se a sentença; que naõ*

hum edifica casas, quintas, casa filhas, e ostenta faustos em o trato de sua pessoa, e familia como qualquer grande; e ver outro, que a penas pode sustentar sua limitada casa, e se naõ vai muito ao compasso, acha-se no cabo do anno cheyo de dividas: a causa desta differença taõ grande vem a ser, que este guardou a justiça em consciencia aõ que devia à sua obrigaçaõ, e do seu officio tendo só letras para satisfazer a obrigaçaõ de seu officio; e aquelle vendeo a quem mais lhe deu por ella, sendo Ministro de tanta justiça, e letras, que as chegou a vender, e muitas vezes pôr em almoeda. Este discurso naõ he fantesiado, nem chimerico, porque quem tem pouco, e gasta muito sem contrahir dividas, ou he Santo, ou he ladraõ. Oh quantos destes andaõ no serviço, que entraõ nelle mais pobres que hum Job, e hoje os vemos mais ricos que hum Cressõ, sendo como o fiel da balança, que para aquella parte inclina mais, donde recebe mayor pezo! Destes fallou Wem, que nos seus Epigrammas diz, que adquirem riquezas com injuria:

quero eu que cresça a fazenda, e falte a justiça. Naõ queremos, que os Ministros sejaõ taõ isentos, que deixem de receber mimos daquellas pessoas, que antes de o serem, lhos offereciaõ; mas daquelles, que a occupaçaõ fez amigos, de nenhuma maneira, porque estes amaõ o prestimo, e naõ a pessoa; e bem se deixa ver, que o mimo se naõ offerece à pessoa, se naõ ao officio, quando naõ ha razaõ para se considerar, q o mesmo mimo, que se offereceo ao Ministro publico, se offerecera sendo pessoa particular. Naõ ha quem dê sem esperanza de remuneraçaõ, como por experiencia vemos, e o cantou o Poeta Inglez: *Mu-*

*Munera qui mittit, sperat meliora remittas,
Nemo suas vellet perdere gratis opes.*

O que supposto se entenda de todo o genero de pessoas, com mais especialidade dos Ministros se verifica, porque commumente os que lhe offerecem dadivas, o fazem com animo de os inclinarem ao favor de maiores interesses, como bem discorre o mesmo Poeta :

*Quid non argento, quid non corrumpitur auro?
Qui maiora dabit munera, victor erit.*

Sejaõ os Ministros desinteressados, e limpos de mãos, que logo Deos tomará à sua conta o satisfazellos, e os Principes teraõ cuidado de honrallos. Bom exemplo tem em Joseph, vendido por seus irmãos ao Eunucho de Pharaõ Putifár, que observou tanto desinteresse na venda do trigo, com ser taõ copiosa, que diz Philo Judeo na sua vida, que reteve para si nem hum só real, e ElRey o premiou com tudo, dando-lhe a primazia do Reyno. Não foraõ estas acçoens de barbaro, se não de hum iustrumento de Deos, que por estes meynos humanos premêa o zelo, e desinteresse dos Ministros, dando-lhes os verdadeiros acrescentamentos aos que esquecidos de si, curaõ das publicas obrigaçoens, remettendo o premio aos olhos Divinos, que discernem a pureza, ou malicia das intençoens humanas, e o daõ mais acrescentado que os homens.

Que gloria não ganhou o famoso Capitaõ Epaninondas, quando vindo-lhe hús Embaixadores carregados de dadivas para o corromperem, os convidou a jantar, e lho deu em huma mesa vil, e vinho azedo: erindo-se, lhes disse: *Ide-vos, e dizey a vosso Senhor, o jantar que vos dey; e tambem, que quem se contenta com taõ pouco, não he capaz de ser corrompido com dadivas.* Assim o refere *Eslobéo Sermaõ de Providencia.* Que infamia não adquiriraõ os filhos de Samuel, Juizes de Israel, que por não se contentarem com o que possuiaõ, abrião as mãos às dadivas, e a lin-

gua às injustiças, como se lê no *cap. 8. lib. 1. de Samuel*? Que credito não grangearaõ os nossos Lusitanos na antiga Cidade de Cyanna, hoje Villa de Çeya, quando mandando-lhe offerecer Marco Bruto grãdes dadivas, para que se fugitassem ao Imperio Romano, responderaõ, segundo *Publio Maximo lib. 1.* que os seus mayores lhes deixaraõ ferro com que defender a liberdade da Patria, o qual estimavaõ mais, que o ouro, que lhes offerencia? Que discredito não alcançaraõ os Embaixadores de Athenas, e os delRey Philippe II. que por ambiciosos fizeraõ grandes damnos aos negocios publicos de sua Patria? Que estimação não tiveraõ os Ministros Thebãnos, quando recusaraõ as dadivas, com que os queria corromper Philippe; e os de Corintho, quando recularaõ as de Dionysio Tyranno de Sicilia? E que infamia não conseguiraõ os de Eduardo, Rey de Inglaterra, por se deixarem corromper com dadivas de Luiz XI. Rey de França? Os Ministros, que recebem dadivas, não tem honra, nem pejo; porque sabendo que a todos ha de ser presente o que receberaõ, não reparaõ em que percaõ a fama, que segundo Aristoteles, sempre dura, ou com applausos de illustre, ou com ludibrios de indecorosa: *Famam, quam multi populi celebrant, non ex toto perit;* e isto a troco de taõ humilde preço, que tem as riquezas, se se comparaõ com a boa fama.

Concluimos, que os Ministros haõ-

haõ de ser desinteressados, e que quando o naõ sejaõ, devem os Principes applicar-lhes o remedio, que consiste em cortar-lhes as mãos, que ambiciosas receberaõ as dadivas, e aceitarãõ as offertas; e quando com este remedio totalmente se naõ extingua enfer-

midade taõ perigosa à Republica, lhes devem cortar a cabeça; porque desta forte naõ só evitarãõ os damnos presentes, mas porãõ cautela aos futuros; assim o aconselha *Cassino* nos *Symbolos selectos*, *Symbolo 6.*

*Hinc tibi si fuerit Princeps, consultor avarus,
Cui cupida est juris regula sola manus;
Huic serves oculos, digitos sed tolle rapaces,
Aut hos si nequeas tollere, tolle caput.*

O Rey! si tu Ministro desatento
Tuerce lo justo, sigue lo violento,
Y es regla, ley, y parraso tyranno
De su justicia su ambiciosa mano:
Quitale a este, al atraher despojos,
La infame mano, y dexale los ojos:
Y si esto no le basta a tu intereza,
Passate de la mano a la cabeça.

L I Ç A M XVI.

Da Diligencia, e Trabalho.

O Diligente, e laborioso he parte muy substancial de hum Ministro perfeito, e por isso taõ recomendada nas Divinas, e humanas letras. *Salomão* no cap. 22. dos *Proverbios* encarece com grandes encomios a diligencia, e no cap. 10. afirma, que o mayor meyo para ser rico, he o ser diligente, e o mais certo caminho para ser pobre, he o ser remisso. Os Juristas entre os mais requisitos, que procuraõ em hum Ministro, he o ser diligente, e laborioso. Menandro quer que a diligencia tudo seja sujeito. *Plinio* lib 34. cap. 6. refere, que dizia Sócrates, que

*Cernis ut ignavum corrumpunt otia corpus,
Ut capiunt vitium vi moveantur aquæ.*

Do trabalho, e exercicio diz *Platão*, que aproveitaõ muito para conservar os alentos do animo, e as forças do corpo. *Exercitium confert ad corpus,*

naõ se havia ter hum ponto de defcuido, e dilacão em os negocios, que a hum homem importavaõ; porque tinhaõ suas conjunturas, que naõ era facil tornar a topar, se se deixavaõ passar. *Estobéa* lhe chamava máy da ventura. *Seneca* *Epistol.* 1. aconselha, que o que se ha de fazer, se faça logo, para que menos se dispenda do tempo futuro; e *São Gregorio Nasianzeno* no liv. de *sacrificiis Abelis*, & *Cami* diz, que assim como toda a vida com todas as suas accoens, e affeicoens pende do sustento, assim tudo o que he bom, pende da diligencia, e do trabalho. Naõ póde estender a vida o que se naõ lembra de alimentalla, nem ser bom o que se esquece da diligencia, e trabalho. Naõ póde gerar sem varaõ a mulher, nem parir coufa util a esperanza sem diligencia, disse *Estobéa* *Serm.* 208.

O ocio he inimigo naõ só da vida virtuosa, se naõ tambem da vida viciosa; com elle se desordena, e falta a razaõ, como entendo *Tito Livio* *Animi otio, & copia lasciviunt*, e se perdem as forças, e vigor do corpo como cantou *Ovidio*:

& animum: que cria animos generosos, afirma *Seneca*: *Generosos animas labor nutrit*; e que toda a virtude del-
le se deriva, ensina o mesmo: *Nulla est*

est sine labore virtus. Não se póde go-
zar de fcanço, sem que preceda o tra-
balho: *Quies á laborantibus originem*

ne cedite curis

Virtuti damnosa quies, nullumque coronat

In spatio securus honor, sua gloria cuique

Causa laboris erit, nullusque ad gloria miles,

Cui pax semper fuit victoria, semen ab hoste

ipsa tulit

Muito vê quem conhece outra diffe-
rença de hum ocioso a huma estatua,
se não que aquelle tem em suas mãos
a vida, porque tem em seu querer as
obras, e esta, como incapaz de obrar,
o está também de viver. Não fora com
tanta razão reprovado o de fcanço, se
não embarçara o bem, disse *Xeno-
phonte lib. 1. Cyri Pedæ*; porém não
ha terra folgada tão farta de espinhas,
como de defordens hum coração o
cioso; e o ocio he todos os vicios em
flor, como escreve *São Paulo I. ad
Thimoteum*; e o máo he, que faõ
estas flores tão infelizmente ditosas,
que nunca mentem os frutos. Com to-
dos fallamos, mas aos Ministros obri-
gamos com mais aperto; porque hu-
ma vida atareada ainda he curto pe-
riodo para industriar-se em as obriga-
çoens; e assim he preciso que lhes se-
ja mais culpavel a ociosidade, pois tem
mais obrigação aos desvelos.

Madrasta da justiça, e padrasto
do governo he a negligencia, e ocio-
lidade em os Ministros publicos, que
tomando sobre seus hombros a admi-
nistração do bem publico, se esque-
cem da diligencia, e trabalho, com
que se devem haver na boa adminis-
tração d'elle. A tres generos reduzem
os Juristas a negligencia: negligencia
maliciosa, negligencia nescia, e
negligencia preguiçosa. Na primei-
ra assentaõ, q estão os Ministros obri-
gados não só ao interesse das partes,
verdadeira estimaçã da demanda, mas
que podem ser criminalmente accusa-
dos. Na segunda distinguem entre a

crassa, e a supina, afirmando, que
nesta estaõ obrigados ao arbitrio de
bom varaõ, e naquella a satisfazer a
verdadeira estimaçã da demanda. Na
terceira resolvem, que estaõ obri-
gados ao damno, que recebeo a parte,
ocasionado pela negligencia.

Enfermo, e apertado de dores,
e ancias vivia Pio V. ao qual a conse-
lhando os Medicos; que de fcançasse
do continuo trabalho, a que não per-
doava hum instante para satisfazer ca-
balmente as obrigaçoens de seu estado,
e que attentasse pela sua faude, lhes
respondeo: *Deos me poz neste lugar,
não para attentar por minha faude,
senão para attender pela commodidade
da Igreja; a esta attendo, e attendo
tambem a que hum Gentio, qual foy
Vespasiano, dizia, que hum Ministro
hade morrer de pe.* Assim o refere
Dionyfio, fallando de Vespasiano:
*Cumque increparetur á Medicis, quod
morbo correptus, nihil á quotidiana
vite ratione immutaret, faceretque
omnia, que ad principatum specta-
rent; respondit Imperatori stanti, mori
oportere.* De Pio II. se lê, que dizia,
que o Rey, que não se sentava a julgar
os seus subditos, não merecia o nome
de Rey, como o Clerigo, que não
servia a sua Igreja, nem merecia, que
os subditos lhe contribuiffem os seus
tributos.

A nenhuma diligencia, e a ne-
nhum trabalho hade perdoar hum bom
Ministro, para dar a verdadeira ob-
servancia á sua obrigação, e princi-
palmente no exame do precesso, que

Nn

antes

antes de sentenciar, deve por si examinar com tal miudeza, que não fique regra, que não registrem os olhos, letra, que não examine o juizo, cifra, que não decifre o discurso, palavra, que não pondere a razão, e circunstancia, que não peze o entendimento; porque não se livra de culpa mortal, o que correndo a causa com maõ veloz, sem conselho, e confidenciação a julga temerario, como diz o Direito Canonico no *Cap. Judicatum* 30. *quest. 5.* e contra o qual escreve Santo Isidoro no *cap. Sciendum distinct.*

*Si benè facta notes Consultus, jura sequentur;
Factum præcedens ordine ejus sequitur.*

O bom Ministro não ha de ser tão diligente, que por grangear fama de bom despachador, sentencêe as causas com muita celeridade, porque da

*Judicium præcepti insani Judicis index,
Omnia nec longis discutienda moris.*

De maneira, que affirmão os Juristas, que he nulla a sentença, ao menos por virtude de excepção, quando o Juiz sahe com a sentença no dia em que se lhe deu o feito concluso, ou no seguinte, quando ou pelo ponto do direito, ou pelo volume, he de tal qualidade, que não he verosimel, que o Juiz o podesse ver, e examinar em tão limitado tempo, porque conforme Seneca, em tempo breve não se podem dispor as cousas ordenadamente: *Nihil ordinatum, quod pro-*

*Gloria si dulcis studeas, virtute parare,
Quò labor est maior, gloria maior erit.*

Ningue n ha, que sem passar pelo meyo do trabalho, possa grangear glorioso nome, nem conseguir eterna fama: fama eterna, e nome glorioso,

*Difficilis est, fateor, sed tendit in ardua virtus,
Et talis meriti gratia maior erit.*

29. dizendo: Os Juizes, que miudamente não inquirem a verdade, se metem em hum labyrintho de erros, julgando antes que entendaõ, e culpando antes, que reiterando a lição, se determinem; como muitas vezes succede em grave detrimento das partes, que pela pouca diligencia, e trabalho com que vem os processos, e examinação, e ponderação as disposições do direito, lançaõ sentenças contra os mesmos autos, e de cisoens expressas, com gravissimos danos das partes, e mayor de suas consciencias, e bom nome.

mesma sorte que a muita negligencia he madrastra da justiça, o he tambem a muita celeridade, como tocou Wem:

peratur; nem tão negligentes, e ociosos, que por fugirem com o corpo ao trabalho, fintaõ as partes detrimento nas demoras, de que os Ministros darão grave conta a Deos, e de todos os danos, que lhe occasionar a sua culpa.

O trabalho, e diligencia são me-yos, com que se consegue a gloria, o nome, e fama; e quanto mayor he aquelle, tanto mais excellente he esta, como cantou o Cisne Inglez:

effeitos são do trabalho, e diligencia, como bem discorre o mesmo Poeta: